



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS  
MESTRADO PROFISSIONAL**

**Encontros Brincantes – Um Olhar sobre Recursos Pedagógicos na  
Prática Cênica junto à Primeiríssima Infância**

**Vanessa da Silva Alves (Vanessa Lobo)**

**Rio de Janeiro**

**2022**

**Vanessa da Silva Alves (Vanessa Lobo)**

**Encontros Brincantes – Um Olhar sobre Recursos Pedagógicos na  
Prática Cênica junto à Primeiríssima Infância**

Dissertação de Mestrado apresentada como  
pré-requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Ensino de Artes Cênicas pelo  
Programa de Pós-Graduação em Ensino  
de Artes Cênicas, da Universidade Federal  
do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Bieri

**Rio de Janeiro**

**2022**

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

L799	<p>Lobo , Vanessa (Vanessa da Silva Alves) Encontros brincantes: um olhar sobre recursos pedagógicos na prática cênica junto à primeiríssima infância / Vanessa (Vanessa da Silva Alves) Lobo . -- Rio de Janeiro, 2022. 140</p> <p>Orientadora: Andrea Bieri. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2022.</p> <p>1. Contação de Histórias. 2. Pedagogia Brincante. 3. Primeiríssima Infância. 4. Estudos da Infância. 5. Pesquisa com Bebês. I. Bieri, Andrea, orient. II. Título.</p>
------	--

**Vanessa da Silva Alves (Vanessa Lobo)**

**Encontros Brincantes – Um Olhar sobre Recursos Pedagógicos na  
Prática Cênica junto à Primeiríssima Infância**

Dissertação de Mestrado apresentada como  
pré-requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Ensino de Artes Cênicas pelo  
Programa de Pós-Graduação em Ensino  
de Artes Cênicas, da Universidade Federal  
do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Aprovada em 02 de dezembro de 2022.

---

Professora Doutora Andrea Bieri (UNIRIO)

---

Professora Doutora Juliana Bittencourt Manhães (UNIRIO)

---

Professora Doutora Mariene Hundertmarck Perobelli (UFU)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus Ancestrais que abriram as portas para eu ser quem sou.

Aos meus Mestres e Guias espirituais, por indicarem os caminhos a seguir.

À história construída por minha mãe Nilda e por meu pai Roberto e aos contos e causos que deles vieram.

À minha irmã Liliane Alves pelas histórias que construímos através de muito afeto e das quais podemos rir juntas.

À minha querida orientadora, Professora Andrea Bieri, que me pegou pelas mãos e me apontou nortes para esse mergulho acadêmico.

Às Professoras Juliana Manhães e Mariene Perobeli pela disponibilidade cuidado e apontamentos precisos para o encaminhamento da pesquisa, compondo as Bancas de Qualificação e da Defesa do Mestrado.

Aos pequeninos e pequeninas: Bebês e Crianças que tanto me ensinaram e seguem ensinando.

Às Famílias que participam dos Encontros Brincantes e a todas as que confiaram no trabalho que eu lhes apresentava, em especial os responsáveis Cristiane Ferreira, Karine Mussalem, Luciana Ferreira, Mohammad Neyestani, Monique Vicente, Nasim Karimi, Priscila Santos e Rita Silva que compartilharam suas memórias, enriquecendo esse estudo.

Aos Bebês, Crianças e às Profissionais da Casa de Leylá, com quem aprendo a cada dia.

À Ana Lúcia Ferreira, que me ajuda a encontrar meu eixo e a construir minha história há alguns anos.

À Débora Diniz, parceira de bons momentos ao lado dos pequeninos no Concha de Histórias.

Às amigas e amigos parceiros, que contribuíram para a trajetória do Concha de Histórias em algum, ou em vários momentos: Azlin Guerra, Beatriz Bessa, Eduardo Almeida, Lídia Quadros, Mel Paranhos, Renata Fracalossi, Roberta Bahia, Tiago Rosas e Vitor Kruter.

Às amigas e aos amigos que estiveram lado a lado nos últimos tempos Andrea Lobo, Álvaro Nascimento, Danilo Gomes, Maria Madeira, Márcia Schiavo, Samara Martins, Rennata Feitosa, Sandro Roberto e Tom Santos.

Ao Espaço Clínica, em especial a Ana Maria Nogueira, que sempre acolheu de forma muito especial a proposta dos Encontros Brincantes.

Aos colegas de mestrado, que fizeram com que o processo vivido fosse um pouco mais leve através do carinho que existia e ia além das telas na nossa Balbúrdia.

Saiba,  
Todo mundo foi neném  
Einstein, Freud e Platão também  
Hitler, Bush e Sadam Hussein  
Quem tem grana e quem não tem

Saiba,  
Todo mundo teve infância  
Maomé já foi criança  
Arquimedes, Buda, Galileu  
e também você e eu

Saiba,  
Todo mundo teve medo  
Mesmo que seja segredo  
Nietzsche e Simone de Beauvoir  
Fernandinho Beira-Mar

Saiba,  
Todo mundo vai morrer  
Presidente, general ou rei  
Anglo-saxão ou muçulmano  
Todo e qualquer ser humano

Saiba,  
Todo mundo teve pai  
Quem já foi e quem ainda vai  
Lao Tsé, Moisés, Ramsés, Pelé  
Ghandi, Mike Tyson, Salomé

Saiba,  
Todo mundo teve mãe  
Índios, africanos e alemães  
Nero, Che Guevara, Pinochet  
e também eu e você.

(Arnaldo Antunes)

LOBO, Vanessa (Vanessa da Silva Alves). **Encontros Brincantes – Um Olhar sobre Recursos Pedagógicos na Prática Cênica junto à Primeiríssima Infância**. 2022. 140f. Dissertação (Mestrado Profissional – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO. Rio de Janeiro, 2022.

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo relatar o processo de ações pedagógicas no campo das Artes Cênicas realizado junto a bebês e crianças pequenas por parte da autora, tendo a Contação de Histórias como fio condutor nas atividades realizadas desde 2009, com destaque para os Encontros Brincantes realizados em 2021, de forma presencial e, pontualmente durante a pandemia de Covid-19, online. O referencial teórico deste estudo é composto pela pedagogia do oprimido; pelo pensamento de Augusto Boal, em especial quando ele ressalta a relação existente entre o fazer artístico e a espontaneidade, característica que se destaca nas crianças pequenas; por reflexões decoloniais de Ailton Krenak, Sônia Guajajara e Kaká Werá e de pesquisadoras da infância, como Lídia Hortélio e Léa Tiriba. O texto busca promover reflexões sobre a importância da presença das artes, em especial das Artes Cênicas, no contexto da Primeiríssima Infância, fase de maior aprendizado em qualquer ser humano, e também apresentar possibilidades para a realização desse trabalho, como a apresentação de roteiros de ação e dinâmicas utilizadas pela autora junto ao público por ela atendido.

**Palavras-chave:** Contação de Histórias; Pedagogia Brincante; Primeiríssima Infância; Estudos da Infância; Pesquisa com Bebês

LOBO, Vanessa (Vanessa da Silva Alves). **Encuentros Lúdicos – Una Mirada a los Recursos Pedagógicos en la Práctica Escénica con la Primerísima Infancia**. 2022. 140f. Dissertação (Mestrado Profissional – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO. Rio de Janeiro, 2022.

## RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo relatar el proceso de acciones pedagógicas en el campo de las Artes Escénicas realizadas con bebés y niños pequeños por la autora, con el Cuentacuentos como hilo conductor en las actividades realizadas desde 2009, con énfasis en los Encuentros Lúdicos realizados en 2021, en persona y, ocasionalmente durante la pandemia de Covid-19, en línea. El marco teórico de este estudio está compuesto por la pedagogía del oprimido; por el pensamiento de Augusto Boal, especialmente cuando enfatiza la relación entre el hacer artístico y la espontaneidad, característica que se destaca en los niños pequeños; por reflexiones decoloniales de Aílton Krenak, Sônia Guajajara y Kaká Werá y por investigadoras de la infancia como Lídia Hortélio y Léa Tiriba. El texto busca promover reflexiones sobre la importancia de la presencia de las artes, en especial de las Artes Escénicas, en el contexto de la Primerísima Infancia, etapa de mayor aprendizaje de cualquier ser humano, y también presentar posibilidades para la realización de este trabajo, como la presentación de guiones de acción y dinámicas que utiliza la autora con el público atendido por ella.

**Palabras-Clave:** Cuentacuentos, Pedagogía Lúdica, Primerísima Infancia, Estudios de la Infancia, Investigación con Bebés



## Lista de Imagens:

01. Grafite localizado na Região Portuária do Rio de Janeiro, 2022.....	16
02. Sereia, 2021.....	29
03. Sereia na Creche Casa de Leylá, 2021.....	30
04. Sereia na Creche Casa de Leylá, 2021.....	30
05. Sereia na Creche Casa de Leylá, 2021.....	30
06. Capa da edição de 1938, com ilustração de Monsan.....	32
07. Capa da edição de 1981, com ilustração de Ana Raquel.....	32
08. Capa da edição dos anos 2000, com ilustração de Ana Raquel.....	32
09. Grafite na Rua Benjamin Constant, Rio de Janeiro / Acervo Pessoal, 2019.....	42
10. Escola Casa Redonda / Acervo Pessoal, 2019.....	44
11. Boneco Seu Lobato / Foto de Carolina Rios, 2016.....	57
12. Boneco Seu Lobato / Foto de Ricardo Borges, 2017.....	57
13. Criança assistindo a vídeos do Concha de Histórias. Foto enviada pela mãe, 2020.....	59
14. Criança assistindo a vídeos do Concha de Histórias. Fotos enviada pela mãe, 2020.....	59
15. Livro de Feltro feito por Nasim / Acervo Pessoal, 2022.....	64
16. Livro de Feltro feito por Nasim / Acervo Pessoal, 2022.....	64
17. Livro de Feltro feito por Nasim / Acervo Pessoal, 2022.....	64
18. Livro de Feltro feito por Nasim / Acervo Pessoal, 2022.....	64
19. Livro de Feltro feito por Nasim / Acervo Pessoal, 2022.....	64
20. Livro de Feltro feito por Nasim / Acervo Pessoal, 2022.....	64
21. Livro de Feltro feito por Nasim / Acervo Pessoal, 2022.....	64
22. Livro de Feltro feito por Nasim / Acervo Pessoal, 2022.....	64
23. Livro <i>O Sapo Bocarrão</i> , 2017.....	70
24. Instrumentos para a Cantoria, 2021.....	70
25. Florcóptero na gamela de origem Pataxó, 2021.....	73
26. Florcóptero , livro e fantoches, 2021.....	73
27. Página do Livro <i>Menino Poti</i> , 2021.....	73
28. Página do Livro <i>Menino Poti</i> , 2021.....	73
29. Árvore Pau-Formiga ( <i>Triplaris americana</i> ). Aterro do Flamengo, 2021. ....	74
30. Mensagem da mãe da Clarissa, 2021.....	74
31. Livro <i>A Galinha Xadrez e Dedoches</i> , 2021.....	77
32. Dedoches, 2021.....	77

33. Dedoches, 2021. ....	77
34. Livro <i>A Bonequinha Preta</i> , edição de 1993 e Dedoches, 2021.....	80
35. Ilustração do Livro <i>A Bonequinha Preta</i> , edição de 1993, 2021. ....	81
36. Ilustração do Livro <i>A Bonequinha Preta</i> , edição de 1993, 2021. ....	81
37. Kuruni, Boneca de Fios, 2021.....	81
38. Bonecas de pano, Amigurumi e Abayomi, 2021.....	81
39. Mamulengos usados na história, 2021.....	84
40. Carinho das crianças no Boi-bumbá, 2021.....	84
41. Criança com elementos da história do Boi-bumbá, 2021.....	84
42. Preparando a terra para o plantio, 2021.....	85
43. Plantio de sementes de girassol, 2021.....	86
44. Colagem, 2021.....	86
45. Colagem, 2021.....	86
46. Plantio de Girassol com crianças da Creche, 2021.....	87
47. Plantio de Girassol com crianças da Creche, 2021.....	87
48. Plantio de Girassol com crianças da Creche, 2021.....	87
49. Mão de criança após o plantio, 2021.....	88
50. Vasinhas das crianças, 2021.....	88
51. Contando a história, 2021.....	88
52. Colagem de Sementes e Linhas, 2021.....	89
53. Colagem de Sementes e Linhas, 2021.....	89
54. Colagem de Sementes e Linhas, 2021.....	89
55. Colagem de Sementes e Linhas, 2021.....	89
56. Interação com Boneca de Pano, 2021.....	90
57. Crianças criando cabelos com massa de modelar, 2021.....	91
58. Crianças criando cabelos com massa de modelar, 2021.....	91
59. Cabelos criados com massinha, 2021.....	91
60. Cabelos criados com massinha, 2021.....	91
61. Cabelos criados com massinha, 2021.....	91
62. Atividades feitas pelas educadoras junto com as crianças, 2021.....	91
63. Atividades feitas pelas educadoras junto com as crianças, 2021.....	91
64. Bebê em atividade do Concha de Histórias, 2014.....	92
65. Entrada da sala no espaço em Botafogo, 2018.....	93

66. Bebê com Boneca de Pano, 2015.....	94
67. Brinquedos de Madeira com bebês, 2019. ....	94
68. Brinquedos de Madeira com bebês, 2019. ....	94
69. Petecas, inicialmente escondidas no tecido, 2021. ....	94
70. Petecas, inicialmente escondidas no tecido, 2021. ....	94
71. Abayomi com bebê, 2021. ....	95
72. Boneca produzida por Cláudia - “Preta Pretinha”, 2022. ....	95
73. Celofanes transformados em colchãozinho e lençol para brincar de dormir, 2022.....	98
74. Celofanes transformados em colchãozinho e lençol para brincar de dormir, 2022.....	98
75. Foto de atividade no espaço em Botafogo. Foto de Letícia Maia, 2016.....	99
76. Dedoches para história da Arca de Noé, 2017. ....	100
77. Interação com Dedoches na Creche, 2021. ....	101
78. Interação com Dedoches na Creche, 2021. ....	101
79. Interação com Dedoches na Creche, 2021. ....	101
80. Forma como apresentei o livro <i>Menino Poti</i> , 2021.....	101
81. Forma como apresentei o livro <i>Menino Poti</i> , 2021. ....	101
82. O que tem aí dentro? Foto s/d.....	102
83. O que tem aí dentro? Foto s/d.....	102
84. Contando histórias no espaço em Botafogo. Foto de Rafael Medeiros, 2016.....	102
85. Contando Histórias na Creche, no bairro Riachuelo, 2021.....	103
86. Livro <i>Vitória Régia</i> , 2021.....	103
87. Livro <i>Vitória Régia</i> , 2021.....	103
88. Livro <i>Vitória Régia</i> , 2021.....	103
89. Experimentações com elemento da natureza, 2021.....	105
90. Argolas viraram coroa, 2022.....	106
91. Criança e folhas, 2021.....	106
92. Criança e folhas, 2021.....	106
93. Encontro Brincante. Foto de Marília Cabral, 2016.....	107
94. <i>Print</i> do perfil do Concha de Histórias no Instagram, 2022.....	108
95. Ciranda com famílias, 2017.....	123
96. Criança após participar de uma atividade. Foto de Marília Cabral, 2017.....	124

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>1. Caminhos.....</b>	<b>15</b>
1.1 Trajetória Pessoal: Estudos e Trabalhos.....	18
1.2 História das Histórias para bebês.....	21
1.3 Reflexões sobre a Contação de Histórias.....	24
1.4 Histórias e Fissuras: Contar histórias para bebês pode ser um ato político?.....	27
1.5 Quem conta um conto aumenta um ponto, desfaz outros e borda histórias.....	31
<b>2. Pedagogias Brincantes: Ponto de Encruzilhada entre corpo, aprendizagem e saberes ancestrais.....</b>	<b>36</b>
2.1 Outros Prismas sobre a Educação.....	42
2.2 O Teatro e um possível retorno à infância.....	48
<b>3. Assim me contaram e assim eu contei.....</b>	<b>52</b>
3.1 A importância do Brincar e das Redes de Afeto na Educação.....	52
3.2 O que tenho aprendido com as mestras e mestres pequeninos.....	55
3.3 Relato de Experiência Pessoal - Contando Histórias em um contexto pandêmico.....	59
3.4 Encontros Brincantes em 2021.....	61
3.5 Roteiros de Ações e Dinâmicas para Encontros Presenciais em 2021.....	67
3.6 Objetos Brincantes: Atividades e Recursos.....	92
<b>4. Alimentando o Imaginário – Observações dos responsáveis.....</b>	<b>108</b>
4.1 Encontros Brincantes registrados na memória.....	109
4.2 Memórias dos Encontros.....	116
4.3 Sobre os Materiais.....	118
4.4 Aprendizados que Reverberam.....	119
4.5 Afeto.....	120
4.6 O que é “Ser Criança” .....	122
<b>Entrou pela perna do pinto, saiu pela perna do pato. Quem quiser que conte quatro – Conclusão .....</b>	<b>124</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>127</b>
<b>Anexo 1 - Canções citadas na dissertação.....</b>	<b>131</b>
<b>Anexo 2 – Relação dos Links das Entrevistas, disponíveis no Youtube .....</b>	<b>140</b>

## Introdução

*Um menino nasceu.  
O mundo tornou a começar.  
(Guimarães Rosa)*

O presente memorial analítico visa refletir sobre a realização de práticas pedagógicas brincantes utilizadas em encontros realizados com bebês e crianças pequenas, dando ênfase para a contação de histórias direcionada a esse público. A escrita também se propõe a fazer um inventário de recursos e materiais que possam servir de inspiração e serem usados por outros educadores, com ou sem formação em artes cênicas, e também por familiares e cuidadores. Este memorial se justifica por ser um tema relativamente novo em pesquisas acadêmicas no campo das artes cênicas e porque até o momento há poucos estudos acerca das possibilidades de atuação voltadas para primeiríssima infância e realizadas de forma regular. Quando iniciei minhas atividades, em 2009, não havia textos disponíveis a respeito desse assunto, hoje já é possível encontrar artigos, dissertações e teses de doutorado que tratam da atuação para esse público. Boa parte dessas recentes discussões são produzidas em cursos de pós-graduação da área da pedagogia e, na maioria dos casos, os estudos foram feitos por artistas que tinham relações pontuais com as/os pequenas/os e não uma ação contínua e frequente como será aqui apresentado.

Realizar um trabalho voltado para bebês e crianças pequenas ao longo dos últimos anos contribuiu para que eu pudesse apurar cada vez mais meus sentidos e percepções sobre o fazer artístico que realizo e também sobre as relações que se estabelecem durante cada ação. Os bebês e crianças pequenas fazem parte de uma categoria de público muito especial – eles são extremamente sinceros, não mentem a respeito de sua satisfação, ou insatisfação, diante do que lhes é oferecido. Se você apresenta algo que lhes chama a atenção eles mergulham por inteiro no que recebem, ficam com olhos e ouvidos atentos, querem pegar, morder e desvendar o que lhes interessa de todos os modos possíveis. E o contrário também acontece: nos casos em que é apresentado algo que não lhes estimula, eles simplesmente não se conectam com aquilo. Diante de sentidos tão aguçados e da criatividade à flor da pele que constato nos bebês e nas crianças pequenas eu me pergunto: será que estímulos artísticos, como a contação de histórias, podem contribuir para o desenvolvimento da criança e de um futuro apreço pelas artes?

O primeiro período de mestrado teve início, para a minha turma, na mesma semana em que foi decretada a pandemia do coronavírus, em março de 2020. Com o passar do tempo me

vi com uma questão: como escrever sobre contação de histórias para bebês em meio a acontecimentos vários que roubam o direito à vida das pessoas, especialmente em nosso país? Como falar de algo que para mim é tão caro e não incluir no texto as marcas da dor presentes no cenário atual? Desde o início do mestrado, e ao longo de todo o processo dessa escrita, o Brasil se encontra imerso em um contexto de morte. Enquanto me debruço sobre a pesquisa a respeito de algo que acredito ser enriquecedor para qualquer pessoa – povoar o imaginário com histórias – o Brasil chega a números assustadores de pessoas mortas pela Covid-19 e volta a presenciar a dor da fome e miséria de inúmeras pessoas vivendo em estado de insegurança alimentar. Talvez você esteja se perguntando: que relação pode ser estabelecida entre o trabalho que será aqui apresentado e esse contexto caótico? Também busco respostas para essa pergunta e para uma questão que me ronda: exerço uma função social com meu fazer artístico? Não tenho respostas fechadas, mas tenho a crença de que, através da arte, podemos vislumbrar e, quem sabe plasmar, outras realidades. O objetivo desse estudo é refletir sobre a importância da presença das artes, em especial as artes cênicas, apresentando possibilidades de sua realização no cotidiano de bebês e crianças pequenas a fim de contribuir de forma lúdica para a sua formação e, por que não dizer, na de futuras gerações. Um dos propósitos desse estudo é que ele chegue a pessoas licenciadas em teatro que tenham o desejo de trabalhar para a primeiríssima infância e também a educadores que já trabalham com esse público, a fim de incentivar esses profissionais a fazerem uso de recursos cênicos em suas atividades pois, como nos diz Augusto Boal, *“todo mundo age, atua, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado (...) em qualquer lugar... até mesmo dentro dos teatros”*.<sup>1</sup>

Este memorial analítico abordará roteiros e relatos sobre formas de atuar junto a bebês e crianças pequenas tendo a contação de histórias como fio condutor nas atividades realizadas por mim a partir de 2014. Os Rncontros que servem de base para a construção da escrita do memorial analítico aconteceram em espaços não formais de ensino entre os anos de 2014 e 2021 e também em uma creche, na qual comecei enquanto desenvolvia essa escrita, no ano de 2021. Embora o recorte temporal termine em 2021, ao longo do texto há registros fotográficos de 2022, pois segui em atividade enquanto produzia o texto desta dissertação. Os relatos de experiência terão como base de pesquisa as anotações realizadas antes e após as atividades e registros fotográficos feitos ao longo desses anos. Como referencial teórico para a construção desse memorial será utilizada a linha de pensamento de Augusto Boal, em especial quando ele

---

<sup>1</sup>BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. RJ: Civilização Brasileira, 1998. Pág. IX

destaca a relação existente entre o fazer artístico e a espontaneidade, tão característicos nas crianças pequenas (2009); reflexões de pensadores indígenas, como Ailton Krenak, Sônia Guajajara, Daniel Munduruku, Cristine Takuá e Kaká Werá, a fim de promover visões decoloniais sobre o tema e ampliar as possibilidades de cosmovisão de quem irá atuar junto aos bebês e crianças pequenas; textos e falas que reflitam sobre pedagogias libertárias e brincantes que bebam na fonte da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, como a entrevista de Tião Rocha cedida e relatada por Viviane Mosé (2015); questionamentos sobre o desemparedar das instituições de ensino para a infância, levantados pela educadora Léa Tiriba (2010) e também anotações de reflexões feitas pelas educadoras e pesquisadoras das infâncias Maria Amélia Pereira (Péo), Lydia Hortélio e Lucilene Silva em encontros e cursos dos quais pude participar desde de 2004.

No capítulo intitulado “Caminhos” farei um breve relato da minha trajetória pessoal e profissional, trazendo à tona os fios utilizados para traçar essa pesquisa sobre pedagogias brincantes com bebês e que servem de alicerce para a escrita. A palavra “Brincante” é usada como um termo de referência à pessoa que traz em si a junção de diversas habilidades. O Brincante canta, dança, encena, conta histórias, dá vida a bonecos e também a diferentes objetos ao manipulá-los e tem uma relação de atenção e escuta a tudo o que acontece ao seu redor. Brincante é o nome da/o artista que exerce a sua função perante a plateia e pode ser a/o mamulengueira/o dentro da empanada ou um integrante de alguma manifestação cultural do nosso país como o Boi Bumbá (MA) ou Cavalinho Marinho (PE), dentre outras. Assim como a criança que brinca, a/o artista brincante vivencia com plenitude o momento presente. No emaranhado dos fios que traçam o meu caminho enquanto Brincante encontram-se Teatro de Formas Animadas, Máscaras Cênicas, Terapias, Músicas e, principalmente, as Histórias. Nesse primeiro capítulo falarei de forma especial sobre a Contação de Histórias, essa ação milenar que alinhavou os saberes que venho buscando ao longo dos anos.

No capítulo seguinte “Pedagogias Brincantes: Ponto de Encruzilhada entre corpo, aprendizagem e saberes ancestrais” levantarei algumas práticas pedagógicas que evidenciam um olhar diferenciado para o cuidado, o afeto e o brincar nas relações com os educandos e também destacar a importância do lúdico e da criatividade na vida de crianças e adultos. Tomo emprestado o termo “Encruzilhada”, que a pensadora Leda Maria Martins cunhou em 1991, para tecer as informações que fundamentam a pesquisa. Assim, “Encruzilhada” é vista aqui com *“lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento*

*diversos.*” (MARTINS, 2021) Nesse capítulo abordarei também as reflexões do teatrólogo Augusto Boal sobre o fazer teatral e o brincar na infância.

No quarto capítulo “Assim me contaram e assim eu contei” farei o relato de experiência sobre os Encontros Brincantes realizados com bebês e crianças pequenas a partir de 2014, ressaltando os que ocorreram a partir de 2020, no contexto da pandemia de Coronavírus. Nesse mesmo capítulo, haverá indicações de materiais e recursos sugeridos a educadores, cuidadores e familiares. No último capítulo “Alimentando o Imaginário – Observações dos responsáveis” irei fazer um apanhado das entrevistas realizadas com alguns responsáveis que participaram dos Encontros Brincantes levando seus bebês.

Para finalizar este memorial, no capítulo conclusivo “Entrou pela perna do pinto, saiu pela perna do pato. Quem quiser que conte quatro” fecharei os elos entre os vários elementos apresentados no texto sabendo que o assunto em si é inesgotável.



## 1. Caminhos

*Eu tentei compreender a costura da vida.  
Me enrolei porque que a linha era muito comprida.  
E como é que eu vou fazer para desenrolar?  
Para desenrolar?  
Sérgio Pererê*

Todo mundo tem uma história pra contar. Eu gosto de contar algumas e a história que escolhi para abrir esse capítulo narra o despertar de um desejo.<sup>2</sup>

Era uma vez uma mulher que vivia feliz, mergulhada em seus afazeres. Ela sempre arrumava coisas pra fazer, todos os dias era um curso aqui, outro ali e assim seguia agregando saberes sem imaginar muito bem onde isso poderia levá-la. Por um bom tempo ela se autointitulava “mulher-polvo” porque dizia ter muitos interesses, muitas tarefas e precisava de vários braços-tentáculos para dar conta de tudo. Certo dia, ela resolveu fazer um curso, sim, mais um dentre tantos e tantos que ela já havia feito naquele ano e em qualquer dos outros anos. E como era de costume, sempre tinha alguém pra perguntar:

- Mais um curso?

E ela respondia com sorriso maroto nos olhos:

- Sim.

Sim, mais um curso, e além do mais, aquele não era um curso qualquer, era um curso de formação de educadores brincantes.

Sim! Era o curso que ela desejava fazer desde 2004. E esse desejo já havia até debutado! O ano era 2019 e até aquele momento ela não havia conseguido organizar nem tempo e nem dinheiro para ir a São Paulo fazer essa formação no Instituto Brincante.

Desculpem, mas preciso fazer uma pausa aqui pra contar a vocês que em 2004 aconteceu uma edição do ECUM – Encontro Mundial de Artes Cênicas na cidade natal dessa garota. A edição daquele ano tinha como subtítulo a frase: “Os Mestres nas Tradições e na Contemporaneidade”. A menina achava o ECUM muito interessante, mas nunca tinha se aventurado em participar, talvez por achar que era um encontro muito acadêmico e ela, naquele momento, tinha o teatro apenas como um *hobby*. Mas ela decidiu que naquele ano, 2004, iria

---

<sup>2</sup> Essa história foi construída seguindo a estrutura que compõe as histórias aprendida em uma oficina com Inno Sorsy, contadora de histórias nascida na fronteira entre Gana e Togo. A estrutura é composta pelos seguintes tópicos: 1. *Era uma vez* – contextualização das personagens e/ou lugar em que se passará a história; 2. *Todos os dias* – indica uma rotina; 3. *Certo dia* – algo diferente que muda o rumo da história; 4. *Então* – é o desenrolar da história, pode ter quantos forem necessários; 5. *Finalmente* – fechamento da história. A oficina aconteceu na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 31 de janeiro e 03 de fevereiro de 2017.

participar porque um dos mestres convidados era uma pessoa que ela era admirava muito: Antônio Nóbrega, o multiartista pernambucano, criador do Instituto Brincante.

- Uau! Um Instituto chamado “Brincante”, que lindo. – Pensou a menina.

Era a primeira vez que ela ouvia a palavra “BRINCANTE” e ficou maravilhada em saber que existiam pessoas que eram brincantes.

Nesse encontro nossa heroína conheceu e se encantou com outras duas mestras brincantes: Rosane Almeida, cofundadora do Instituto Brincante e Lydía Hortélio, referência na pesquisa sobre a infância, brinquedos e brincadeiras. Ahhh, a menina se emocionou ao ver, ouvir, cantar e dançar junto com Lydía, a risonha senhora de cabelos brancos! Foi um momento numinoso pra aquela menina que, sem perceber, estava diante de um panteão com grandes mestres como Hélder Vasconcelos, Sue Morrison, Tiche Viana e Zeca Ligiéro. Ali ela admirou as encruzilhadas de seu Zé Pelintra, performado pela atriz Marise Nogueira e, consta na memória dessa menina, que aquela foi a primeira vez que ela viu uma máscara teatral. Foi amor à primeira vista! Ahhhh, as máscaras... Elas viraram uma paixão e, tempos depois, foram a causa de sua mudança. A menina saiu das montanhas de Minas Gerais direto para os mares do Rio para fazer um curso sobre o jogo cênico com máscara. No Rio de Janeiro ela entrou em contato com sua infância através da contação de histórias para bebês, se tornou professora de teatro, terapeuta e se viu como uma mulher, dona de si, mas isso, isso é outra história. Eita! Estou me embolando nas costuras da vida. É preciso retomar o fio da história antes que ele se embole ainda mais. Onde foi mesmo que parei?

Ah sim! Estávamos em 2019 e aquela moça já contava nos dedos das duas mãos o seu tempo de vida em terras cariocas. No curso que decidiu fazer, “Arte Brincante para Educadores” ela se reencontrou com Lucilene Silva. O primeiro contato com essa mestra foi em 2005, quando nossa heroína foi, em suas férias de julho, conhecer o Instituto Brincante e fez o módulo de “Brincadeiras da Cultura da Infância”. Nesse reencontro, Lucilene reforçou a importância de que a criança tenha liberdade pra brincar e assim ir se conhecendo e percebendo o que lhe agrada. Lucilene comentou sobre uma fala do mestre de pífano Sebastião Bianco. Mestre Bianco é o único integrante vivo da formação original da famosa Banda de Pífanos de Caruaru. Quando criança ele tocou para Lampião e em 2019 completou 100 anos de vida. Mestre Bianco diz que a criança vai gostar de trabalhar com aquilo que ela gostava de brincar na sua infância. Em uma das entrevistas comemorativas pelo seu centenário ele contou sobre como começou a tocar pífano, aos cinco anos de idade: *“Meu pai me levou para a roça junto com meu irmão. A gente ia para casa tocando uns ‘caninhos’ da flor de jerimum. Saía aquele ‘apitozinho’ tão*

engraçado, coisa de criança mesmo. Ele vendo aquilo falou: ‘se vocês fazem um som desse num pedacinho de folha desse ‘tamainho’, no ‘pife’ o que não vão fazer?’<sup>3</sup>. Ao comentar sobre isso, Lucilene fez um convite à cada pessoa daquele grupo: Visite a sua infância! Busque na sua memória o que você gostava de brincar e veja se tem relação com o que você trabalha hoje em dia.

Então, nesse instante, a heroína dessa história pensou: se a gente não deixar a criança livre pra brincar com o que ela quiser, talvez ela tenha dificuldade em se conectar com seus impulsos internos, talvez tenha dificuldade para se conectar com a sua essência quando chegar na fase adulta. Brincar livremente talvez contribua para que as pessoas, mais tarde, percebam, reconheçam e acolham as suas potencialidades e escolhas referentes à forma como a qual querem atuar no mundo.

Então, reconhecendo a importância do brincar, essa mulher decidiu fazer mais um curso. Sim, mais um curso, mas esse seria em uma universidade e com o objetivo de entender um pouco mais sobre essa ação comum a todas as pessoas: o Brincar, que, como nos diz a sábia e carismática Lydíia Hortélio, é a respiração da alma. Finalmente essa menina-moça-mulher resolveu levar para o mestrado essas reflexões e, dessa forma, segue brincando e convidando mais e mais pessoas para brincar junto, para fazer a grande roda da vida girar de forma mais leve, fluida, colorida e alegre. E assim, pimpirilim pim pim, a história chegou ao fim!



Imagem 1: Grafite localizado na Região Portuária do Rio de Janeiro, 2022.

<sup>3</sup> O Mestre Sebastião Bianco é o único membro fundador ainda vivo da famosa Orquestra de Pífanos de Caruaru. Reportagem “Sebastião Bianco: músico que tocou para Lampião comemora 100 anos com shows em SP” <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/07/27/sebastiao-biano-musico-que-tocou-para-lampiao-comemora-100-anos-com-shows-em-sp.ghtml> Último acesso em 18 de novembro de 2021

## 1.1 – Trajetória Pessoal: Estudos e Trabalhos

*Eu vim de lá, de Minas.  
Trazendo ouro. Eu trouxe ouro em pó.  
Rodrigo Maranhão e Mauro Reza, em  
releitura de música de Xangô da Mangueira*

Eu vim de Minas, trazendo algumas mineirices e a força das montanhas para se banharem nas águas de mamãe Iemanjá. Para começar essa escrita eu precisei voltar a minha terra e refazer a trama dos caminhos que trilhei até chegar ao mestrado. Ao me questionar e rever os meus passos, rever os caminhos por onde passei até chegar aqui, me veio uma expressão à mente: “Ancestralidade Cênica”. E então alguns questionamentos começaram a se fazer presentes: É possível traçar a minha Ancestralidade Cênica? De que forma foram plantadas sementes no meu campo simbólico e quais foram as que germinaram, me conduzindo ao trabalho e estudo que realizo hoje? Quando olho para a minha infância, nessa tentativa de buscar rastros ancestrais da teatralidade no meu dia-a-dia, lembro que, assim como para várias crianças, o teatro fez parte das minhas brincadeiras. Eu brincava de ensaiar sozinha, com minha irmã ou com outras crianças e o resultado era visto na sala da minha casa ou no quintal arborizado de uma casa vizinha. O teatro me acompanhou em etapas importantes do meu crescimento e, já adulta, ele serviu de estímulo para chegar ao Rio de Janeiro, no ano de 2008, e assim me conectar com o que considero ser o meu propósito de vida: contar histórias para pequeninos e pequeninas. O teatro sempre fez parte da minha vida: ora como brincadeira de criança, ora como recurso para não adoecer e agora como trabalho e objeto de estudos.

Foi apenas na adolescência, em 1996, que fiz a primeira oficina de teatro, era uma oficina de Teatro de Rua dentro do Festivale – Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha. De lá pra cá o teatro só ficou distante de mim entre os anos 1998 e 2000, quando achei que para “ser alguém na vida” precisava abandonar o que me alimentava. Nesse período, em função de uma rotina acinzentada, quase dei início ao uso de medicamentos antidepressivos, mas consegui mudar o rumo da história e, com apoio terapêutico, fui voltando ao fazer teatral. O retorno aconteceu através de algo completamente novo para mim e apaixonante: o Teatro de Formas Animadas. Por quatro anos fiz parte da Zero Cia de Bonecos e em 2005 iniciei o curso de formação no CEFAR – Centro de Formação Artística do Palácio das Artes. Nesse período eu já dava aulas de História na rede estadual e particular de ensino em Belo Horizonte e logo nos primeiros meses do curso desenvolvi problemas nas minhas cordas vocais. A fonoaudióloga

da instituição em que eu estudava disse que eu deveria trancar o curso porque meu caso era cirúrgico e eu não tinha voz para ser atriz. Simples assim! Para a minha sorte meu professor de voz, Alexander de Moraes, me orientou e me indicou a fonoaudióloga Virgínia Lemes, com a qual consegui que o corpo revertisse o dano.

Segui com o curso e entrei em contato com a máscara teatral, fiz parte do Núcleo de Pesquisa do Teatro da Figura no Centro Cultural da UFMG e após concluir a formação de atores no CEFAR fui selecionada para passar um ano estudando a linguagem da máscara com o Grupo Teatral Moitará, através do projeto “Sentidos da Máscara Teatral: uma metodologia para a dramaturgia do ator”, vencedor do Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz. Foi nesse contexto que me mudei para o Rio de Janeiro em 2008. Em pouco tempo eu estava fazendo coisas até então inimagináveis por mim: estava realizando encontros semanais de Contação de Histórias para Bebês e comecei a dar aula de Teoria Teatral para atores surdos do *Ponto de Cultura Palavras Visíveis*, coordenado pelo Grupo Moitará, comprovando algo que muitos sabem: mesmo sem exercer a fala, as pessoas atuam. Paralelamente a essas atividades profissionais comecei uma pós-graduação em Arteterapia e pouco tempo depois uma outra em Terapias Naturais. E assim fui traçando meu caminho, mesclando sempre Teatro, Trabalho Terapêutico, Contação de Histórias e um olhar cuidadoso para as Infâncias. Em 2012 comecei a dar aulas de teatro na rede particular de ensino na cidade do Rio de Janeiro e desde 2014 em cursos de Formação em Arteterapia. Ainda em 2014 iniciei um trabalho próprio, inicialmente chamado “Catavento – Músicas & Histórias”, com o qual realizava encontros semanais para bebês e crianças com idade entre 6 meses e 5 anos. Os encontros, realizados por mim e uma profissional de música, eram compostos por contação de histórias, músicas, interações com brinquedos e/ou objetos sensoriais e uma ciranda para finalizar. Em 2019 fiz a formação “A Arte do Brincante para Educadores” realizada pelo Instituto Brincante/SP e visitei as escolas Casa Redonda e Oca, ambas em Carapicuíba/SP. Em meio a essa imersão de encontros com diferentes mestres tive então o desejo de mergulhar mais fundo nos ensinamentos trazidos pelo brincar e o mestrado foi um chamado para esse mergulho.

Em 2020, em função da pandemia do Covid-19 precisei suspender o trabalho com os bebês e fiquei sem chão quanto a quais rumos seguir com a pesquisa. O projeto inicial do mestrado tinha como foco o Brincar e ganhou novos contornos a partir das leituras, discussões e reflexões proporcionadas pelas disciplinas do curso do mestrado do PPGEAC/UNIRIO. Foi nas aulas de “MEP - Metodologia de Pesquisa no Ensino de Artes Cênicas”, com as professoras Ângela Reis e Carmela Soares, que reconheci a importância de direcionar o olhar para as

anotações e registros do ofício que realizo desde 2009 com os bebês e então tecer diálogos entre essas memórias e os trabalhos de profissionais que me inspiram, bem como com os textos que integram o meu planejamento de estudos. Nessas aulas realizadas pela plataforma digital *zoom* entrei em contato com pesquisadoras, ex-estudantes do PPGEAC, que foram falar sobre seus métodos de pesquisa no mestrado e/ou doutorado. Ao vê-las falando com tanta dedicação e paixão pelo trabalho que realizam compreendi que sim: é possível falar sobre a forma como escolhi atuar no mundo. O contato com essas pesquisadoras reafirmou no grupo de estudantes recém-egressos a importância de escrever, discutir e provocar reflexões sobre o que nos move na nossa prática docente. Com a professora Marina Henriques, na disciplina “Pedagogia das Artes Cênicas no ambiente das ‘democracias zumbis’” refleti sobre como algumas ações podem criar fissuras no sistema que rege a sociedade capitalista e patriarcal em que estamos inseridos e reconheci que não, não vou mudar o mundo contando histórias para bebês, mas algumas fissuras eu posso proporcionar afinal *“se cada pessoa agir ao seu modo, indo contra o sistema, essas ações podem criar rachaduras no capitalismo até que ele seja estilhaçado”* (HOLLOWAY, 2013). Algumas das ferramentas que reconheço serem úteis para provocar essas rupturas através do trabalho com bebês foram potencializadas através das reflexões sobre as Pedagogias Brincantes, abordadas pela professora Juliana Manhães nas aulas de “Movimento e Pedagogia”, que acompanhei como disciplina de Estágio Docência ainda no ano de 2020, e nos encontros do Grupo de Estudos por ela coordenado, chamado “Pedagogias Brincantes”, que pude participar.

A sensação que eu tenho é que muita coisa me mobiliza e aos poucos vou agregando mais cores e fios aos meus estudos. Isso me assusta um pouco, mas vejo como linhas que têm que seguir fluidas, abrindo caminhos, discussões, reflexões... eu só não posso deixá-las embolar e, caso elas se embolem, eu puxo o fio das Histórias para poder desembolar.

## 1.2 – História das Histórias para Bebês

*Brincar, pra mim, é usar o fio inteiro de cada ser. Quando você está usando o seu fio de vida, inteiro, você está brincando. E é profundamente sério isso.*  
(Maria Amélia Pereira – Péo. Filme Tarja Branca)

Em março de 2009 fui indicada para realizar um trabalho de cuja existência eu não fazia ideia até então. Tampouco de como ele acontecia. A proposta era fazer atividades de teatro para bebês dentro do projeto “Primeiros Passos”, que realizava encontros para bebês com idade entre 1 e 2 anos. O lugar se chamava *Espaço Tatibitati* e funcionava em um sobrado na rua Jardim Botânico (Rio de Janeiro). Quando passei a integrar a equipe eram oferecidas às famílias atividades de Música, Psicomotricidade, Fonoaudiologia e Teatro direcionado a bebês. A equipe de profissionais era coordenada por Cláudia Leão, que promovia reuniões mensais para o fortalecimento do coletivo entre os profissionais que formavam o grupo e para trocas de informações sobre o processo vivenciado pelos bebês participantes do projeto. Nessas reuniões falávamos todas as percepções que tínhamos sobre eles e, em certos casos, Cláudia nos trazia informações de hábitos familiares que pudessem estar interferindo em algum aspecto do desenvolvimento dos bebês<sup>4</sup>. Tentávamos ver cada bebê de forma integral.

Boa parte do que comecei a desenvolver no trabalho com os bebês foi construído a partir das trocas que aconteciam nas reuniões e da orientação que era dada: escutem os bebês. Seguindo essa premissa eu planejava as atividades: escolhia qual história contar naquele dia, quais elementos seriam usados e quais músicas seriam executadas. Na hora do encontro eu tinha meu roteiro, mas estava aberta para o que surgisse a partir da relação com aquele grupo e estava aberta principalmente aos improvisos criativos para responder à altura às ações e reações espontâneas dos bebês. Eu tentava buscar informações teóricas sobre atividades de teatro e contação de histórias para bebês, mas eram inexistentes. Hoje, em 2021, existem grupos renomados que realizam teatro para bebês<sup>5</sup>, mas é um assunto ainda muito pouco falado e até mesmo visto com preconceito por alguns profissionais de Artes Cênicas.

---

<sup>4</sup> Lembro de um caso que esteve presente em algumas reuniões: um bebê que, sem apresentar nenhuma questão motora, não engatinhava. Conversando com a família a coordenadora do projeto teve a informação de que o bebê não era colocado no chão da casa por causa dos gatos de estimação da casa.

<sup>5</sup> “Grupo Sobrevento”, “La Casa Incierta”, “Caixa de Elefante” e “Coletivo Antônia” são alguns grupos de referência em Teatro para Bebês aqui no Brasil. Devido à especificidade da linguagem às vezes há restrições com relação a quantidade do público, assim, nem sempre é possível para um adulto assistir a um espetáculo para bebês se ele estiver sozinho. Deixo aqui o link com o teaser do espetáculo “Achadouros” (direção de José Regino): <https://www.youtube.com/watch?v=IIFc8Pzj9YU> Acesso em 03 de maio de 2021.

Entre os anos de 2009 e 2013 estive ligada ao *Espaço Tatibitati*. Não era um trabalho contínuo pois o foco do espaço era a música, mas quando havia famílias interessadas nos encontros de teatro eu era chamada. No segundo semestre de 2013 a responsável pelo espaço decidiu encerrar as atividades no Jardim Botânico e pediu para que eu e a educadora de música, Renata Fracalossi, seguíssemos até o final do ano realizando atividades na casa de uma família para fecharmos o ciclo com aqueles bebês. Nesse período surgiu a ideia de realizarmos um trabalho em parceria, assim nasceu o *Catavento – Músicas & Histórias*.

A primeira atividade do *Catavento* aconteceu em uma manhã de sábado, dia 22 de fevereiro de 2014. Além de artistas, eu e Renata somos terapeutas: eu sou Terapeuta Holística com especialização em Arteterapia e Renata é Musicoterapeuta, então nos pareceu uma boa ideia fazer atividades em um espaço terapêutico. O lugar escolhido foi uma clínica localizada no bairro Botafogo (Rio de Janeiro). Em 2016 passei a coordenar sozinha as atividades e estabeleci novas parcerias de trabalho para conduzirem a parte musical que, desde 2018, fica a cargo da atriz e musicista Débora Diniz. Em 2020 em função da pandemia de Covid-19 interrompi os encontros semanais e me vi com uma questão a ser resolvida: como manter acesa a chama do trabalho com os bebês durante o isolamento social?

Fazer o mestrado em meio a uma pandemia mundial e não falar dela é algo praticamente impossível, pois a disseminação do coronavírus alterou a vida de boa parte da população e fez com que muitas pessoas ficassem por um tempo em suspensão, sem saber como retomar suas atividades profissionais em um ambiente virtual ou aguardando um momento em que se sentissem mais seguros/seguras para realizar o trabalho de forma presencial. A pandemia provocou diversas reconfigurações em várias áreas profissionais, educacionais e, principalmente, nas relações de afeto. A doença transmitida por um vírus fez com que muitas pessoas se vissem obrigadas a dar uma pausa e, quem sabe, reavaliar sua postura diante da vida e de suas escolhas pessoais e profissionais.

O mundo está agora numa suspensão. E não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. É como um anzol nos puxando para a consciência. Um tranco para olharmos para o que realmente importa (...). Quem está apenas adiando compromissos, como se tudo fosse voltar ao normal, está vivendo no passado. O futuro é aqui e agora, pode não haver ano que vem. (KRENAK, 2020. Pág. 12)

Não falar da pandemia nessa escrita seria ignorar o anzol que fez com que eu interrompesse meu trabalho com os bebês justamente no momento em que iniciava o mestrado e me preparava para um mergulho nas reflexões de uma forma mais profunda sobre a prática



que realizo. Logo no início desse período pandêmico muitos artistas passaram a fazer uso dos recursos do audiovisual, fazendo *lives* ou encontros virtuais. Como a maior parte do meu público é composta por bebês e sabendo que a orientação de médicos e especialistas é para que bebês com idade de até dois anos não tenham contato com as telas<sup>6</sup> não me habilitei a utilizar esse veículo de forma regular mas experimentei realizar alguns vídeos de Contação de Histórias e Músicas para que as famílias os assistissem em momentos pontuais através do canal do *youtube* do *Concha de Histórias*<sup>7</sup>. Dias antes da pandemia eclodir, mais precisamente no dia 11 de março de 2020, eu tive a primeira e única aula presencial do Mestrado no PPGEAC/UNIRIO e com esse encontro várias questões acerca do meu trabalho começaram a borbulhar. Em algumas tradições indígenas quando acontece algo muito especial na vida de alguém esta pessoa ganha um novo nome que tem a ver com este acontecimento, e sinto que foi um pouco isso que aconteceu com o *Catavento – Músicas & Histórias*. O início do mestrado era o prenúncio de um novo ciclo, como um ritual de passagem, e assim um novo nome se apresentou dentro desse contexto: *Concha de Histórias*.

Em 2021 comecei a retomar a realização de encontros presenciais de forma individualizada, indo até as casas de algumas famílias. Uma delas é a de uma bebê filha de um casal iraniano que participou de encontros em 2019 e uma outra família chegou a mim por indicação do trabalho. Iniciamos os encontros presenciais em março e no mês de abril, quando a cidade do Rio de Janeiro se encontrava em uma fase de maior risco de contaminação do Covid-19, demos uma pausa nos encontros presenciais. A família iraniana solicitou que seguíssemos de forma virtual, através da plataforma de comunicação *zoom*, foram quatro encontros virtuais e em maio retornei de forma presencial com as duas famílias. No item “3.3 Relato de Experiência Pessoal – Contando Histórias em um contexto pandêmico” relatarei alguns encontros dessa fase do trabalho. No mês de junho de 2021 comecei a trabalhar como Professora de Teatro na Casa de Leylá/Rede Cruzada – Unidade Riachuelo. São 06 turmas sendo duas de Berçário e quatro de Maternal, com as quais realizo dois encontros semanais de 40 minutos cada. Como o recorte temporal desse estudo é até o ano de 2021, falarei brevemente da minha experiência com os bebês e as crianças da Casa de Leylá.

---

<sup>6</sup>Segundo a Organização Mundial de Saúde “para quem tem até 1 ano, não é recomendado ter contato com telas; para as crianças de 1 ano, não é recomendado tempo sedentário de tela e, para as de 2 anos, um tempo de até uma hora (preferencialmente menos). (...) Nos casos de sedentarismo, a OMS encoraja, independente da idade, a leitura e a contação de história.” Site: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-04/oms-criancas-devem-ter-tempo-em-frente-telas-limitado-1-hora> - Acesso feito em 28.04.2021

<sup>7</sup> Link do canal do *Concha de Histórias* – <https://www.youtube.com/c/ConchadeHist%C3%B3rias7>

### 1.3 Reflexões sobre a Contação de Histórias

*Quando cavamos um poço não podemos  
beber a água dele imediatamente.  
É preciso tempo para decantar.  
(Provérbio africano)*

Alguém te contava histórias durante a sua infância? É possível voltar a essa memória? Se sim, você se lembra das histórias que ouvia? Você se lembra de algum personagem cujas peripécias gostava de ouvir? Quem narrava histórias que fazia com que você ficasse curiosa ou curioso, com olhinhos e sentidos aguçados, à espera do desfecho? Início esse ponto do texto fazendo essas perguntas com o objetivo de nos lembrar sobre a importância do lúdico nas nossas vidas. O encantamento, especialmente quando vivemos em tempos sombrios, nos ajuda a combater a barbárie e a criar fissuras, pois “*encantar é expressão que vem do latim ‘incantare’, o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo.*”<sup>8</sup> Tendo o encantamento como guia, convido a sua criança interna para te acompanhar na leitura dessa escrita. Permita que ela esteja presente. Retomar a energia da infância pode ser restaurador, exemplo disso é uma postura da Yoga chamada “Balasana” ou “Postura da Criança”. Essa é uma postura de relaxamento, de refazimento, em que o corpo fica em uma forma que lembra a posição fetal. A pessoa pode fazer essa postura sempre que sentir necessidade de uma pausa para descansar durante a sua prática. Bom, crianças internas convidadas: sigamos!

Existe um provérbio trazido para o Brasil pelo *griot* natural de Burkina Faso, Sotigui Koyaté, e muito propagado entre as pessoas que contam histórias que diz: “*Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba, pelo menos, de onde vens*”.<sup>9</sup> Essas palavras reforçam em mim a consciência de que devemos buscar saber quem somos de fato, saber quais histórias nos constituem, para que assim, talvez, a caminhada feita por nossas escolhas seja mais harmoniosa. Inspirada por esse provérbio busquei em mim as raízes da minha ancestralidade cênica e compartilho o que encontrei garimpando as minhas lembranças.

Das histórias que fizeram parte da minha infância a memória mais viva é a de um personagem de um conto que minha mãe narrava. Era a história de um personagem que era engolido por outro e ficava fazendo estripulias lá dentro. Eu o visualizava com uma roupa

<sup>8</sup> SIMAS, Luiz Antônio. RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. Pág. 04

<sup>9</sup> BERNART, Isaac. Seminário Outro Teatro: Tradição, Performance e Espaço Público “Contador de histórias: da tradição oral à encenação”, NEPAA, dia 14/10/2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eKvt0jCL9Jk&t=3277s> (1h 25’20” a 1h25’32”)

colorida, quadriculada, como se fosse um arlequim, e o via fazendo vários polichinelos na barriga alheia. Não me lembro sobre o que era a história, lembro apenas desse ser colorido que pulava. Quando comecei a contar histórias para bebês, tentei ouvir de novo da boca da minha mãe essa história. Pedi, mas, infelizmente, ela não se lembrava. Fiquei sem saber a trama desse personagem, mas ele segue muito vivo e alegre, pulando e fazendo estripulias no meu imaginário.

Minha mãe gostava de contar histórias de boca, que são contos da tradição oral e também os que são inventados na hora em que são narrados. Conheci esse termo “Histórias de Boca” com a contadora de histórias Cris Velasco. E minha mãe geralmente me deixava com água na boca quando finalizava um conto dizendo que tinha participado da festa trazendo docinhos pra mim, mas o cavalo da carruagem se assustou, tropeçou e todos os docinhos caíram no chão. Anos depois entendi que dizer que os doces caíram no chão é uma fórmula de encerramento muito utilizada para finalizar histórias e pode ajudar a aproximar ainda mais a história de quem escuta e de quem conta. Já meu pai gostava de brincar com as palavras na forma dos desafios das perguntas “O que é? O que é?” ou dos trava-línguas. Na minha memória ele aparece risonho falando bem rápido sobre o “Ninho de Mafagafos” ou que *“O tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem, o tempo não tempo respondeu ao tempo: eu tenho o tempo que o tempo tem”*. Ele sempre marcava nos dedos quando falava os versos: *“Quem a paca cara compra. Paca cara pagará. É um dia, é um dedo, é um dado. É um dado, é um dedo, é um dia”*. Não me lembro se ele contava histórias na minha infância, mas já adolescente, me lembro de vê-lo como um divertido contador de “causos”. Olhando pra essas memórias me lembro que uma de suas histórias favoritas era sobre uma certa ancestralidade canina que ele dizia ter<sup>10</sup> e, curiosamente, a história mais antiga do meu repertório tem como personagem principal um cachorro. A história que conto foi recolhida e recontada por Rogério Andrade Barbosa no livro *Histórias Africanas para Contar e Recontar*<sup>11</sup> e se chama “Por que o cachorro foi morar com o homem”. Ela narra o motivo pelo qual o cachorro saiu das matas e virou animal de estimação. Segundo Rogério a versão publicada é de origem Angolana, mas essa história é encontrada com pequenas variações em outros países africanos.

---

<sup>10</sup> Esse “causo” era uma peça que ele pregava nos amigos. Ele contava uma história longa dizendo que tinha uma marca no pescoço e que sempre tentou descobrir o que era aquilo. Falava várias coisas sobre essa marca e tentava mostrá-la para sua plateia, que, claro, não a via. Então ele falava para uma pessoa passar a mão no local para poder sentir. Quando a pessoa ia tocar a tal marca, ele latia e fazia um movimento como se fosse morder a mão dela. Havia um susto e uma gargalhada de todos no final da história.

<sup>11</sup> BARBOSA, Rogério Andrade. **Histórias Africanas para Contar e Recontar**. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 2009.

A narração de histórias está presente em todas as tradições e especialmente na cultura dos povos originários e povos afro-diaspóricos que nos constitui enquanto nação.

Nas aldeias, quando a noite começa a cair, todos se reúnem em volta de uma fogueira e contam histórias que trazem de seus antepassados. E assim vai se formando a cultura indígena: as lendas se transformam em tradições e os povos vão passando seus conhecimentos de geração em geração. A cada anoitecer alguém conta uma história, que sempre desperta a curiosidade dos curumins. (...) Eu sei disso. Eu vivi isso. (MUNDURU. 2006, pág. 30)

Kaká Werá Jecupé em seu livro “As Fabulosas Fábulas de Iauretê” esclarece que os valores presentes nos contos indígenas são muito próximos aos das mitologias existentes em diferentes culturas do mundo, pois elas contêm valores humanos que estão enraizados na formação das sociedades. Sobre as histórias indígenas, ele diz que:

Inúmeros autores as recontaram como se fossem lendas, mitos, fábulas, contos e até mesmo piadas e cordéis. Quando li os originais na língua Tupi deixados pelo general fiquei alegremente surpreso. Essas histórias, quando lidas no jeito e na língua Tupi, possuem um jeito próprio, nativo, de contar. (JECUPÉ. 2007, pág. 84)

Kaká Werá aponta para algo que aconteceu no século XIX: um general chamado Couto de Magalhães realizou uma pesquisa na qual recolheu histórias indígenas das etnias Tupi, Kadiweu, Munduruku e Bororo. Couto de Magalhães foi patrocinado por D. Pedro II para realizar um curso de Tupi com base na mitologia e publicou o livro *O Selvagem*, em 1874, com esses contos que recolheu. Essas histórias passaram de boca em boca e algumas delas foram republicadas por outros escritores. Com o tempo as histórias próprias dos povos dessas quatro etnias (Tupi, Kadiweu, Munduruku e Bororo) passaram a ser consideradas como lendas, histórias do folclore brasileiro e/ou contos de domínio público. O que fez com, infelizmente, a autoria se perdesse. Kaká Werá nos indica um exemplo de um conto recolhido por Magalhães e que é conhecido como folclore, sem que os devidos créditos sejam dados aos povos que criaram tal conto: trata-se de um mito sobre o nascimento das estrelas. Esse conto é bem conhecido e já foi recontado por várias pessoas, inclusive é o título de um livro de Clarisse Linspector: *Como nasceram as estrelas – Doze Lendas Brasileiras*. Eu o conheci na voz do mestre contador de histórias acreano radicado no Rio de Janeiro, Francisco Gregório Filho.

## 1.4 Histórias e Fissuras: Contar histórias para bebês pode ser um ato político?

- *Pega pra mim o giz de cera cor de pele?*  
 - *Sim, qual cor? Preta, branca ou marrom?*  
*Rosto de espanto seguido da resposta:*  
 - *O de cor de pele.*  
 - *Sim, qual pele? Preta, branca ou marrom?*  
 (diálogo entre adultas, participantes de um grupo terapêutico, 2021)

Contar histórias pode ser um recurso que favorece algumas quebras de padrões? Proporcionar a bebês e a crianças pequenas o contato com narrativas pode ser visto sim como uma quebra no sistema que é padronizado e controlado pelas grandes mídias pois sabemos que, mesmo não sendo indicado o uso de telas por parte de crianças menores que dois anos, boa parte dos bebês assistem vídeos em celulares, *tablets* e/ou aparelhos de televisão. Se pensarmos nessa geração, que é uma geração composta por nativos digitais, formar uma roda para contar histórias para crianças pode significar um momento de criação de fissuras.

Reconhecendo a importância dessa ação milenar, tão comum em vários povos, me vem à tona uma pergunta: quais histórias contar? Quais histórias devem compor o meu repertório? Quais eu devo contar para que o meu trabalho possa contribuir para a criação de fissuras na forma das pessoas verem e agirem no mundo? Quais histórias podem sugerir novas reflexões e quebra de padrões de pensamentos preconceituosos e limitantes? E quais histórias eu não vou contar por elas indicarem a manutenção de enrijecidos padrões na sociedade patriarcal, racista e excludente em que vivemos? Como estimular questionamentos sobre a forma antropocêntrica como lidamos com a natureza, modo esse tão diferente do que nos ensinam nossos ancestrais afro-pindorâmicos?

Quando me pergunto sobre de que forma, através do meu trabalho, posso estimular reflexões sobre o contexto social e político em que vivemos e sobre que tipo de sociedade estamos construindo para as novas gerações lembro que, sempre que possível, tento levar histórias que sirvam de estímulo para reflexões a respeito de algum tema por parte das pessoas adultas, familiares ou cuidadores, que acompanham os bebês e as crianças. Exemplo disso foi o que aconteceu no Encontro Brincante realizado no dia 23 de junho de 2016<sup>12</sup>, para o qual eu

---

<sup>12</sup>Encontro Brincante realizado em um espaço não-formal de ensino. Os roteiros dos Encontros Brincantes são anotados em cadernos, por isso foi possível encontrar a data e a história utilizada.

levei a história “A Cobra e o Grilo” de Graziela Bozano Hetzel<sup>13</sup>, que narra sobre o conflito existente entre esses dois personagens. O instinto animal presente no conto foi ponto de partida para comentários sobre um acontecimento daquela semana: uma onça pintada havia sido morta após ter sido exibida em um evento promovido pelo governo federal. A onça estava na cerimônia de passagem da Tocha Olímpica por Manaus, após o evento ela tentou fugir e foi executada<sup>14</sup>. O fato aconteceu pouco tempo depois de Michel Temer assumir interinamente o cargo, após o golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff.

Imagino que seja comum aos contadores e contadoras de histórias mudarem o seu repertório de tempos em tempos. Tem histórias que nos chamam mais a atenção em certa época e depois outras ganham mais destaque e assim o acervo de cada pessoa vai ganhando nuances. Ao pensar no repertório das histórias para usar com os bebês e crianças, tento dar ênfase aos contos que valorizem a cultura de origem afro-pindorâmica. O termo *afro-pindorâmico* foi cunhado por Nego Bispo e é usado pelo autor para designar os povos formadores da sociedade brasileira. Em seu livro “Colonização, Quilombos: Modos e Significações”, ele nos explica que:

Pindorama (Terra das Palmeiras) é uma expressão tupi-guarani para designar todas as regiões e territórios da hoje chamada América do Sul. Utilizarei alternativamente colonização afro-pindorâmica para denominar a colonização nas Américas, enquanto um exercício de descolonização da linguagem e do pensamento” (BISPO, 2015, p. 20)

Busco levar histórias que não se prendem a um padrão de narrativas conhecidas como “contos de fadas”, pois essas histórias irão, de uma forma ou de outra, chegar até as crianças. Parece estar introjetado na nossa cultura uma ação de contá-las e recontá-las, como se só houvessem essas histórias. Assim, eu procuro expandir os referenciais simbólicos apresentando outras narrativas para que, desde muito cedo os bebês e as crianças que participam dos Encontros Brincantes, tenham contato com a diversidade que nos forma enquanto sociedade. Exemplos de histórias que estão presentes nos Encontros que realizo são versões do “Por que o cachorro foi morar com o homem”, citada anteriormente, “Bumba-meu-boi”, “A Origem do Tambor”, “Vitória-Régia”, “Iara”, “O Menino Poti”, “O Pequeno Príncipe Preto”, dentre outras. Uma outra ação que procuro realizar no meu ofício é fazer uso de bonecas, bonecos e materiais cênicos que enriqueçam o imaginário com elementos das culturas afro-pindorâmicas. Certa vez, em 2021, levei uma sereia preta para contar história na creche em que trabalho, a Casa de Leylá.

<sup>13</sup>HETZEL, Graziela Bozano. **A Cobra e o Grilo**. Ilustração: Mariana Massarani. Coleção Insetos Insanos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

<sup>14</sup>FELLET, João. BBC Brasil. *Sacrifício de onça exibida em passagem da tocha por Manaus revela drama de espécie ameaçada* 21.06.2016 <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36584894>> Acesso em 26.11.2021

Uma das educadoras ao ver a sereia disse com expressão bem raivosa: “*Até que enfim uma sereia preta! É a primeira vez que vejo uma*”. Depois elogiou a boneca, dizendo que era bonita. As suas primeiras frases me tiraram do eixo pois parecia que ela estava brigando comigo. Eu demorei um tempo pra entender que talvez ela estivesse dizendo aquilo como em um tom de desabafo contra o racismo estrutural que fez com que, apenas como uma mulher adulta, ela pudesse se encantar com uma sereia preta.

Como estamos vivendo um período de pandemia, com a presença de um vírus altamente contagioso e letal, quando eu levo algum elemento que pode gerar interesse em ser tocado, como era o caso, eu percorro a roda das crianças com um borrifador de álcool em uma das minhas mãos e com o objeto a ser tocado na outra. Dependendo do grupo e do momento eu percorro a roda apenas borrifando o álcool e depois venho com o objeto, nesses casos canto uma canção que criei para esse momento:

*Alquinho, Alquinho  
Tá na hora do amigo Alquinho  
Eu coloco um pouquinho  
E esfrego, esfrego, esfrego (2x)  
Eu coloco um pouquinho  
E esfrego, esfrego, esfrego e... posso brincar.*

Nesse dia percorri com o álcool em uma mão e a Sereia na outra. A boneca recebeu carinho de todas as crianças e foi embalada nos braços por um tempinho por essa educadora. Foi uma cena muito marcante e inesquecível.



Imagem 2: Sereia



Imagens 3 a 5: Sereia na Creche Casa de Leylá, 2021.

Com a reação da educadora constato o que de certa forma já percebia: o trabalho é voltado para as crianças, mas ele pode tocar as pessoas de referência dessas crianças que são as mães, os pais, as cuidadoras e/ou educadoras. Espero que outras pessoas possam acalantar suas crianças internas, como essa educadora ao envolver e embalar a boneca nos seus braços.



## 1.5 Quem conta um conto aumenta um ponto, desfaz outros e borda histórias

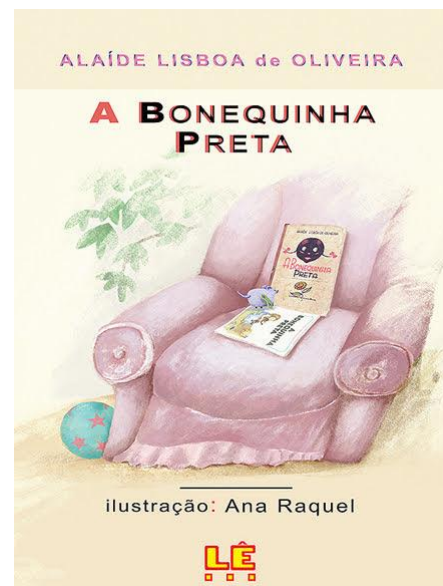
Certa vez eu me questioneei se deveria seguir contando uma história que tem uma grande importância na formação do meu imaginário. A história se chama “A Bonequinha Preta”<sup>15</sup>. Eu conheci o livro e essa cativante personagem ainda na escola, durante a infância, e depois fui ao teatro para assistir a uma peça homônima – possivelmente aquela foi a primeira vez que assisti um espetáculo cênico sem ter sido dentro da escola. Esse livro é uma referência na literatura infanto-juvenil de Belo Horizonte e eu fiquei por algum tempo sem contar essa história porque em uma oficina em que participei no Rio de Janeiro uma colega da turma disse, com muita ênfase, que essa história tinha vários problemas e não devia ser contada. Me surpreendi e perguntei quais. Ela disse que não se lembrava ao certo de tudo, mas uma das questões era que a personagem preta não tinha nome próprio, enquanto a sua dona, uma menina branca, tinha nome: Mariazinha. Um tempo depois, conversando sobre esse livro com uma outra contadora de histórias através de mensagens em uma rede social, ela me perguntou: porque contar essa história que é antiga se temos tantas interessantes que foram produzidas recentemente, mais atuais? Após um tempo de conversa ela me disse que o problema dessa história é que ela tem um “mas” em uma frase logo no início do texto. Eu fui ao meu livro e não vi essa palavra. Seguimos conversando e então entendemos que esse “mas”, que era o problema, constava no texto da primeira edição do livro, que data de 1938. Na edição que eu possuo, da década de 80, não existe esse “mas”. Pesquisei e vi que o livro foi reeditado nos anos 80, ganhando uma nova ilustração e a devida correção no texto. Em 2004, o livro ganhou uma edição comemorativa, com uma nova roupagem nas imagens e com um texto na contracapa escrito pela ilustradora Ana Raquel, no qual ela narra um pouco da trajetória dessas publicações e da sua relação afetiva com a história. Ela diz: “*Conheci a Bonequinha e sua Mariazinha na década de 50, quando aprendi a ler (...). Mas ela já gostava de viver perigosamente bem antes dessa época: em 1938, quando mamãe Alaíde deu à luz as suas palavras e papai Monsan, as cores.*”<sup>16</sup>

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A Bonequinha Preta**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1993.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A Bonequinha Preta**. Ilustração: Ana Raquel. Belo Horizonte: Editora Lê, 2004.



Imagem 6: Capa da edição de 1938, com ilustração de Monsan



Imagens 7 e 8: Capas das edições de 1981 e de 2004, respectivamente, com ilustração de Ana Raquel

A Bonequinha Preta é uma das histórias que compõem o meu repertório, retratando a relação de afeto e cuidado entre os personagens: a boneca, a menina, um gato e um verdureiro. Entendi pelas conversas com as contadoras de histórias que a restrição com relação a esse livro foi a ausência do nome próprio para a boneca e a palavra “mas” no início do texto da primeira edição. Como algumas histórias, até mesmo alguns clássicos dos contos de fadas como “A Bela e a Fera”, têm personagens sem nome próprio e como conheci a história sem a palavra “mas”, não vejo motivo para tirar a história da Aláide Lisboa do meu repertório. Outro ponto pelo qual opto em narrar as aventuras dessa bonequinha é a sua importância na minha memória afetiva e no meu imaginário.

Certa vez levei para a Casa de Leylá/Rede Cruzada o livro “O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos”<sup>17</sup> e, contando a história, me toquei que o personagem principal também não tem um nome próprio. O livro conta a história de um príncipe que sai por outros planetas levando sementes de um baobá e quando ele chega à Terra ele ensina o significado de *Ubuntu* – “Eu sou porque nós somos”. *Ubuntu “tem origem sul-africana e seu preceito foi um dos sustentáculos da reconstrução da África do Sul pós-apartheid. Com a filosofia ubuntu, afirmamos a solidariedade e o combate ao individualismo.”*<sup>18</sup>. No livro de Rodrigo França está escrito que “*UBUNTU significa estar junto, colado. Ficar sozinho não está com nada, melhor é estar acompanhado.*”<sup>19</sup> A ausência do nome do personagem dessa história não parece ser uma questão. Nunca fui questionada por contar essa história. O que penso é que esse dado não é mais importante do que a mensagem que o livro nos apresenta.

No dia em que estava fazendo uso do livro de Rodrigo França, uma educadora pediu para vê-lo e comentou que era louca para conhecer essa história. Ela conhecia o autor por ele ter participado de um programa de *reality show* em 2019, no qual ele falava sobre a importância da militância preta. Perguntei a essa educadora quais outros livros ela achava interessante que eu levasse, livros que ela conhecia ou que gostaria de conhecer. Ela então disse que eu deveria levar o livro “Menina Bonita do Laço de Fita”<sup>20</sup>, livro que não está incluído no meu repertório por ter um termo racista em seu texto. Comentei que não me sentia à vontade para contar essa história e a educadora se espantou e disse que, desde que começou a faculdade de pedagogia, o seu sonho era fazer uma encenação para as crianças da “Menina Bonita do Laço de Fita”, pois essa foi a história que marcou a sua infância. Segundo ela, o livro de Ana Maria Machado foi o único livro de personagem preta que ela teve acesso quando criança, sendo então uma importante referência pra ela. Ao ouvir aquilo e perceber a importância da história pra ela eu pensei em fazer uma adaptação no texto e falei: “Vamos fazer! Você faz a Menina?”. Reuni as educadoras interessadas em atuar, lemos a história e fizemos os ajustes necessários retirando o termo racista do texto e adaptando-o para a dramaturgia de forma colaborativa. Nos ensaios a professora Raquel, que interpretava a mãe da Menina Bonita, chegou a criar uns versinhos para cantar enquanto penteava os cabelos da filha para colocar o laço de fita:

---

<sup>17</sup> FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos**. Ilustrações: Juliana Barbosa Pereira. RJ: Nova Fronteira, 2020.

<sup>18</sup> SOUZA, Renata et al (org.) **UBUNTU: Negras Utopias**. Ilustrações: Senegambia. RJ: Luiza Mahin - Selo da Mandata, 2021.

<sup>19</sup> FRANÇA. *Ibidem*. Pág. 27

<sup>20</sup> MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Ilustração: Claudius. São Paulo: Ática, 2011.

*Menina do cabelo cacheado,  
Com seus olhos encantados,  
Com o sorriso de marfim.<sup>21</sup>*

Todas as educadoras estavam muito empenhadas nos ensaios, mas fomos prejudicadas porque, além do Covid-19 houve na cidade do Rio de Janeiro uma epidemia de uma variante da gripe (N2H3) e assim, a cada semana o elenco estava desfalcado. O ano já estava quase chegando ao fim e, como resultado de um esforço coletivo, conseguimos realizar a apresentação como atividade de final do ano para as crianças. Para compor o elenco chamei não só as educadoras, mas outros profissionais da creche, assim, no palco estavam também a recepcionista e uma pessoa responsável pela faxina.

Eu evitava contar a história desse livro porque em certo momento há o uso da palavra “mulata”. A mãe da personagem principal usa a palavra quando mostra uma foto da sua própria mãe para falar sobre a origem da sua beleza: a ancestralidade preta que possui. O trecho em que aparece a palavra “mulata” ganhou o seguinte formato no texto adaptado para a encenação:

Coelho – O-o-oi Menina bonita do laço de fita! Posso te fazer uma pergunta?

Menina – Hum-hum...

Coelho – Menina, qual é o teu segredo pra ser tão, tão, tão pretinha e tão, tão linda?

Narradora – A menina não sabia, e já ia inventando uma história com feijoada quando a mãe dela, que estava ali pertinho, perguntou:

Mãe – Oi Coelhinho, o que você quer saber?

Coelho – Eu quero saber o que a sua filha, essa menina bonita do laço de fita fez quando era pequena para ser assim, tão pretinha e tão lindinha.

Mãe – *(dá um sorriso)* Ah, coelhinho, ela não fez nada não. Ela é preta por causa das nossas raízes ancestrais. *(a menina e o coelhinho escutam interessados)*

Coelho – Raízes o quê?

Mãe – Raízes ancestrais. Está vendo que eu sou preta?

Coelho – Sim, preta e linda.

Mãe – Então, eu sou preta, o pai dela também. E os avós, os bisavós, os tataravós, os tatatatataravós todos são pretos.

Coelho – Ahhh... entendi. Mas eu queria tanto ter um filhotinho ou filhotinha pretinha. Como faço?

Mãe – Ora, se você quer ter um filhotinho ou filhotinha pretinha é fácil. Você precisa arrumar uma namorada com a cor da noite.

Coelho – É isso! Uma coelhinha pretinha pra eu namorar e casar. Muito obrigada pelo seu conselho.

Narradora – O Coelhinho ficou muito feliz e nem precisou procurar muito. Logo ele viu passando por ali uma coelhinha pretinha como a noite. Eles se encantaram, se apaixonaram e começaram a namorar.

(Adaptação produzida de forma colaborativa, 2021.)

---

<sup>21</sup> Versos criados pela educadora Raquel Barcelos da Casa de Leylá/Rede Cruzada, 2021.

O termo “mulata” deve ser riscado do nosso vocabulário visto que a palavra se refere a “mula”, que é o resultado do cruzamento de um asno com uma égua. A palavra “mulato/mulata” começou a ser usado no período da escravidão para designar os filhos/filhas de mulheres escravizadas violentadas pelos “seus senhores”. Quanto ao livro “Menina Bonita do Laço de Fita”, faço votos para que nas futuras edições do livro seja feita a devida correção. Enquanto isso eu acredito que, como quem conta um conto aumenta um ponto... quem conta um conto pode também ajustar alguns outros pontos. Será que é preciso banir essa história que marcou algumas gerações de crianças pretas ou será que podemos contá-la sem reforçar estereótipos de preconceito? Considero ser importante contarmos essas histórias que tiveram um papel relevante em determinado momento, quando ainda não existiam muitas ofertas de literatura para crianças com personagens pretos em destaque. E também é de suma importância apontar de forma crítica o que deve ser mudado para que tenhamos mais e mais histórias que valorizem personagens da cultura afro-diaspórica e personagens indígenas.

## **2- Pedagogias Brincantes: Ponto de Encruzilhada entre corpo, aprendizagem e saberes ancestrais**

*Nenhuma educação é politicamente neutra.*  
(bell hooks, 2019. Pág.53)

*É possível dar aula sem reforçar os sistemas de dominação existentes.*  
(bell hooks, 2019. Pág. 31)

Porque fazemos arte? Há muito se discute sobre essa pergunta e são várias as possibilidades de respostas. Eu acredito que um dos atributos das artes seja proporcionar encanto a rotinas acinzentadas. Logo nos primeiros meses de isolamento sanitário em função da pandemia de Covid-19, período esse que parecia interminável, foi possível reafirmar a importância e a necessidade da arte através do contato frequente com várias de suas formas por meio das plataformas digitais a fim de amenizar o peso dos dias. Diversos artistas tiveram que se adaptar e logo iniciaram uma rotina de *lives*. Como o trabalho que realizo é direcionado principalmente à primeiríssima infância e ciente da não indicação do uso de telas por bebês, fiquei por um bom período em suspensão das minhas atividades, impossibilitada de realizar meu ofício, e quando usei o recurso das plataformas digitais o fiz de forma pontual. Só em 2021 retomei a realização dos Encontros Brincantes com os bebês e crianças pequenas. Eles aconteceram inicialmente de forma individualizada e com famílias que já conheciam o trabalho, depois outras famílias foram chegando através de indicações. Dessas famílias, selecionei os registros de duas que serão a base da escrita deste memorial: uma reside na zona norte e a outra na zona sul do Rio de Janeiro, ambas com crianças com idade de dois anos e meio. Ainda em 2021 eu iniciei o trabalho com turmas de Berçário e Maternal na Casa de Leylá. As idades variavam entre 10 meses e 4 anos.

Ao falar do trabalho junto aos bebês e crianças pequenas utilizo a palavra “com” ao invés de “para” pois esse é um trabalho de mão-dupla. É preciso que o adulto esteja aberto/a para se conectar com eles. Ao narrar uma história, por exemplo, a atriz/ator não está sozinha/o ali, ela/ele atua em parceria com seu público, afinal os bebês e as crianças pequenas são extremamente espontâneas e podem emitir sons que podem ser absorvidos na narrativa. Eles também podem se deslocar pelo espaço a fim de tocar em partes do corpo de quem narra a história ou em algum objeto que faça parte da mesma. Cada momento vivido é fruto de uma cocriação: a atriz/ator apresenta algo que gera uma reação nos bebês, reação essa que pode ser de atração, indiferença ou até mesmo repulsa, em certos casos expressa através de choro. Assim,

a relação vai sendo construída passo a passo, através de muita escuta por parte do profissional, para que uma comunicação se estabeleça ao longo do tempo reservado para o encontro.

Ao retomar o trabalho de forma presencial levei comigo questionamentos que já me acompanhavam e que foram redimensionados ao longo da pesquisa no mestrado: Encontros Brincantes durante a primeira infância, em especial nos três primeiros anos de vida, podem contribuir na manifestação do potencial criativo que é inerente a todos nós e que às vezes fica esquecido em outras fases da vida? O que esses Encontros podem reverberar no bebê e nas suas famílias? De que forma posso provocar reflexões sobre o mundo que nos cerca? É possível, a partir de ações direcionadas a bebês e seus acompanhantes, estimular pensamentos críticos sobre a sociedade em que estamos inseridos e, conseqüentemente, que estamos construindo para as futuras gerações? Como, através das histórias, podemos refletir sobre a importância de nos reconhecermos enquanto parte integrante da natureza, como bem nos ensinam nossos ancestrais africanos e indígenas, e não como seres superiores que a vê apenas como uma fonte inesgotável de recursos a serem explorados? O que eu tenho feito e o que eu posso fazer, enquanto pessoa e artista, para tentar diminuir as desigualdades na sociedade? Há recursos pedagógicos para a prática cênica direcionada a bebês que podem ser utilizados com o objetivo de criar fissuras no capitalismo e em sistemas de dominação existentes, como o racismo e o sexismo?

Muitas perguntas me inquietaram e várias dessas questões foram reforçadas após algumas aulas do PPGEAC/UNIRIO, em especial com as professoras Marina Henriques e Juliana Manhães. Para ajudar na reflexão sobre essas perguntas, o texto de John Holloway, “Fissurar o Capitalismo”, chegou para mim como um alento, um divisor de águas. Foi alentador ler a enorme lista de “pessoas comuns” que, ao realizarem pequenas ações em seu cotidiano, podem estar contribuindo para criar rachaduras no sistema capitalista. Deu uma esperança ler a defesa do autor de que, se cada pessoa agir ao seu modo, indo contra o sistema, essas ações podem criar rachaduras no capitalismo até que ele seja estilhaçado. Para Holloway, é a grandiosidade das atitudes dos indivíduos em suas escolhas cotidianas que poderá promover uma revolução. Ele aposta que é possível que nós, pessoas comuns, possamos romper com o capitalismo *“de tantas formas quanto pudermos e tentar expandir e multiplicar as fissuras e promover a sua confluência”*<sup>22</sup>.

Holloway cita diferentes ações realizadas e que podem ser consideradas atitudes anticapitalistas, afinal *“não há nada especial em ser um revolucionário anticapitalista”*<sup>23</sup>

<sup>22</sup> HOLLOWAY, John. **Fissurar o capitalismo**. São Paulo: Publisher, 2013. Pág. 14

<sup>23</sup> HOLLOWAY, John. Op. cit, pág. 08

qualquer pessoa pode agir de modo a interromper o fluxo de mercantilização da vida, qualquer ser humano pode trazer beleza e encantamento a si e aos outros. Ele cita alguns exemplos e, dentre eles, eu destaco o rapaz que compõe uma canção expressando seus sonhos com uma outra sociedade, a moça que comunica que não vai trabalhar para ir se sentar em um jardim e ler um livro e um idoso que cultiva plantas na sua janela manifestando sua revolta contra o cinza que está no seu entorno (HOLLOWAY, 2013). Ao ler esse texto fiquei pensando se o trabalho que desenvolvo para os bebês e suas famílias podem também representar uma fissura no sistema. Tenho refletido muito sobre como a escolha do repertório de histórias e canções que utilizo pode contribuir e, de algum modo, criar algumas fissuras a fim de que elas encontrem outras, para que constituam a “confluência” sugerida pelo autor irlandês. Como o trabalho que desenvolvo é para bebês e crianças pequenas que se encontram na primeiríssima infância, com idade média entre seis meses e três anos, há sempre um adulto responsável por perto, seja um familiar, um cuidador/cuidadora acompanhando o bebê ou educadoras, no caso do trabalho realizado na Casa de Leylá. Assim, acredito ser possível, através do lúdico direcionado aos pequenos, estimular reflexões nesses adultos.

Não chamo de aula as atividades que realizo e sim de “Encontros Brincantes” pois nessa fase da vida a atividade primeira, e única, deve ser apenas o Brincar. No entanto, tento pautar como fio condutor do trabalho que realizo fundamentos da pedagogia libertária e engajada, que vê o indivíduo enquanto ser humano repleto de experiências a serem compartilhadas e não como alguém que apenas absorve o que lhe é oferecido. As escolhas do conteúdo levado para os encontros com bebês, crianças pequenas e seus responsáveis visam plantar sementinhas de reflexão sobre questões como igualdade racial, igualdade de gênero, representatividade negra e indígena, respeito às individualidades, empatia, valorização da natureza e das culturas dos povos africanos e dos nossos povos originários. A autora bell hooks fala que o multiculturalismo nas salas de aula ajuda a reconhecer como acontece a produção de conhecimento e *“obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito”*<sup>24</sup>. Essa visão parcial e preconceituosa que ainda existe precisa ser combatida e acredito que uma das possibilidades de refletir sobre ela com as famílias participantes do trabalho que desenvolvo é apresentá-las através de histórias, de canções e da realização de algumas atividades.

---

<sup>24</sup> HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade**. SP: Martins Fontes, 2019. Pág. 63.



Penso que é papel do artista usar a arte como instrumento propulsor de debates sobre valores em prol de uma sociedade mais igualitária, menos sectária e sem racismo, principalmente na atual conjuntura política e de dissonância cognitiva em que vivemos no Brasil. Embora eu trabalhe para um público que ainda não atua e nem se manifesta politicamente, acredito que é necessário ter esses valores como parâmetros na definição do repertório que lhes ofereço. O debate sobre o “politicamente correto” nas canções infantis não é novo e precisa ser visto com cuidado, caso a caso, mas, nas minhas intervenções, evito canções que reforçam padrões que estamos tentando superar enquanto sociedade<sup>25</sup> e busco ter sempre por perto histórias que valorizem as culturas indígena e africana afinal *“enquanto o Brasil não assumir sua dívida histórica para com os povos originários [e para com os povos de matriz africana], trabalhando ativamente para repará-la, construiremos um falso futuro, mascarando nossas memórias e oprimindo os corpos presentes”*<sup>26</sup>. Acredito que, além delas trazerem elementos culturais que nos formam, é também um modo de apresentar palavras significativas à criança nessa fase em que ela está ouvindo alguns termos pela primeira vez e, dessa forma, está aprendendo e formando o seu vocabulário. *“Os bebês aprendem nos primeiros três anos de vida como jamais aprenderão de novo. Aprendem mais rápido de 0 a 3 anos do que aprenderão dos 10 aos 13 anos, dos 20 aos 23 ou dos 30 aos 33 anos”*.<sup>27</sup> Nessa fase, reconhecemos nossas dimensões corporais, relacionando-nos com os objetos e pessoas que estão ao nosso redor; aprendemos a cantar, falar, engatinhar, andar e a manifestar nossos desejos e sentimentos, tendo o brincar como meio de todas essas aprendizagens. É um momento de muitas descobertas.

Os primeiros anos de vida são importantes para o desenvolvimento cerebral porque as experiências das crianças pequenas e os relacionamentos que elas têm com as pessoas que são importantes pra elas, literalmente, moldam o desenvolvimento de seu cérebro. Essa base inicial afetará todo o aprendizado, comportamento e saúde física e mental da criança ao longo da vida.<sup>28</sup> (SHONKOFF, s/d)

<sup>25</sup> Um exemplo é o uso da variante afirmativa, chamada “Guerreiros Nagô” no lugar da música conhecida como “Escravos de Jó”. A letra dessa versão é: “Os Guerreiros Nagô jogavam caxangá. Tira, bota, deixa o zabelê ficar. Guerreiros com guerreiros fazem zig, zig, zag. Guerreiros com guerreiros fazem zig, zig, zag”. Aprendi essa versão em uma aula com a professora Juliana Manhães e depois busquei a origem e soube que era uma música usada por um grupo de teatro no Maranhão.

<sup>26</sup> GUAJAJARA, Sônia. **Educação Indígena: esperança de cura para tempos de enfermidade**. In: *“Educação contra a Barbárie”* Fernando Cássio (org.). São Paulo: Boitempo, 2019. Pág. 171

<sup>27</sup> MELTZOFF, Andrew In: **O Bebê Fantástico** (Ep. 1) O Começo da Vida [Seriado]. Direção: Estela Renner. Produção Maria Farinha Filmes. SP, 2016. (41 min.) Disponível em <https://www.videocamp.com/pt/movies/the-beginning-of-life-the-series-fantastic-baby> Acesso em 06 de maio de 2021.

<sup>28</sup> SHONKOFF, Jack. **Mini aula: desenvolvendo os cérebros dos bebês por meio de brincadeiras | UNICEF Brasil**. Shonkoff é diretor do Center on the Developing Child, na Universidade de Harvard (EUA). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z5OhgiD7rmE&t=4s> (Trecho entre 38” a 57”) Acesso em 12 de julho de 2020.

Levando em conta que nesse período a pessoa aprende mais do que em qualquer outra etapa da sua existência, promover atividades que acolham os bebês com arte, cultura, ludicidade e afeto e que possam ter embasamento em uma pedagogia libertária, pode ser muito enriquecedor para esses pequenos seres. Acredito que é preciso pensarmos em outros formatos para a educação, em especial no campo das Artes, e que esses formatos percorram desde a Educação Infantil até os outros níveis de ensino e aprendizagem.

A autora estadunidense bell hooks nos convoca a refletir sobre como determinadas atitudes pedagógicas podem promover mudanças significativas na vida dos aprendizes. No seu livro “Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade” ela relata sobre seus primeiros anos como estudante, nesse texto é possível perceber como as relações de cuidado, atenção e, porque não dizer, afeto, proporcionadas pelas professoras que ela teve, fizeram a diferença em sua formação.

(...) foi nas escolas de ensino fundamental, frequentadas somente por negros, que eu tive a experiência do aprendizado como revolução.

Quase todos os professores da escola Booker T. Washington, eram mulheres negras. O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural – negros que usavam a ‘cabeça’. (...) minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial. (...). Minhas professoras tinham uma missão.

(...) Elas conheciam nossos pais, nossa condição econômica, sabiam a que igreja íamos, como era a nossa casa e como nossa família nos tratava. (bell hooks, 2019. Pág. 10-11)

Uma educação em que o afeto tenha lugar na produção de saberes faz com que a escola tenha papel significativo para quem passa por ali. A escola, dessa forma, não se configura como um ambiente em que as crianças correriam o risco de ficarem “acinzentadas”, como bem representa o curta-metragem espanhol *Alike*<sup>29</sup>. Nessa animação vemos como a rotina pode acinzentar as pessoas, tanto adultos quanto crianças. No vídeo, pai e filho vão perdendo suas cores: o pai absorvido pelo trabalho e o filho pela escola. O local de trabalho e a escola são representados de forma a indicar ao espectador uma similaridade entre eles, ambos com uma arquitetura bastante enrijecida, aprisionando corpos e mentes. A escola pode ser vista ali como um local para formatar pessoas para o mercado de trabalho. A arte, a alegria e o encanto, que eram visíveis no menino através da sua cor e expressão de vivacidade, dão lugar a resignação na medida em que ele percebe que, para ser amado, ele precisa se adequar ao padrão que lhe é imposto, ele precisa se encaixar na estrutura escolar. Em certo momento quando a criança

<sup>29</sup> Curta-metragem *Alike*, disponível em <http://www.alike.es/> - Acesso em 18 de novembro de 2020.

estende os braços para colocar a mochila, a sensação é a de que ele está indo para uma prisão, ele se rendeu a algo que não teve como lutar. Quando, finalmente, o pai percebe a importância da ludicidade, a vida volta a ter cor para eles.

## 2.1- Outros Prismas sobre a Educação

*“Eu costumo dizer que eu nasci índio por uma bênção do universo, mas quando quis atuar na sociedade eu escolhi ser professor por entender que professor é aquele que professa uma crença no ser humano. (...) Eu acredito na possibilidade da gente ser humano de fato”.*  
Daniel Munduruku

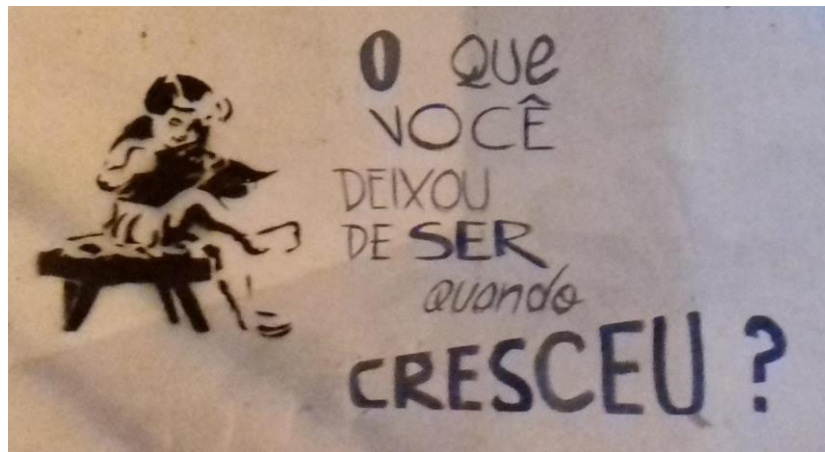


Imagem 9: Grafite na Rua Benjamin Constant, Rio de Janeiro<sup>30</sup> / Acervo Pessoal, 2019

A obra do teatrólogo Augusto Boal, segundo Sérgio Mamberti, propunha emergir consciências e *“transformar simples consumidores em cidadãos capazes de produzir cultura”*<sup>31</sup>. Diante desse propósito eu me pergunto: em que momento deixamos de nos perceber enquanto seres humanos para nos identificarmos apenas como parte integrante de uma massa de consumidores? A estrutura de funcionamento capitalista e patriarcal que nos rege transforma seres humanos em clientes e consumidores, pessoas em números<sup>32</sup>, fazendo com que nós valorizemos mais o “ter” do que o “ser”. Boal comparava o fazer teatral ao modo como as crianças se portam no mundo, elas, especialmente enquanto brincam, se relacionam de forma criativa com tudo que lhes é apresentado. Assim, novas questões me inquietam: onde, na nossa formação, perdemos essa inteireza, que é bem visível nas crianças e que, por meio das relações com o teatro e com outras manifestações artísticas pode ser retomada pelos adultos? Será que

<sup>30</sup> Esse grafite não existe mais, em maio de 2021 voltei ao lugar (próximo ao número 104) para fazer um registro melhor e a parede estava pintada de branco.

<sup>31</sup> MAMBERTI, Sérgio. **Apresentação**. In: BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido – Reflexões errantes sobre o pensamento do ponto de vista estético e não científico**. RJ: Garamond, 2009. Pág. 09

<sup>32</sup> Por vezes, durante o auge da pandemia de Covid-19, havia um chamado para que nós nos lembrássemos de que a quantidade de mortos significa vidas perdidas e não apenas números. Exemplo disso é o site <https://inumeraveis.com.br/> Acesso em 23 de maio de 2021.

poderíamos encurtar o caminho, evitar a contínua criação de massas de consumidores e proporcionar que as novas gerações passem a valorizar mais a essência das pessoas do que o poder de consumo que cada um possui? Será que outras formas de lidar com a infância, época tão importante na formação do ser, podem contribuir para gerar fissuras e, quem sabe, evocar uma futura mudança no padrão de comportamento? Uma educação que tenha como base pedagogias libertárias e brincantes pode contribuir para a criação de algumas rachaduras na rígida sociedade patriarcal e capitalista em que vivemos? Será que se as crianças e os adultos, ao se reconhecerem de fato como parte da natureza, sem considerar como inferiores os outros seres, comporiam uma sociedade menos consumista?

Essas questões indicam que a forma como olhamos para a infância precisa ser revista, ela não pode mais ser a de continuidade do antropocentrismo que rege as relações entre todos os seres vivos. Não é possível que após o mundo parar em função de um vírus invisível e mortal, as pessoas não mudem a forma de olhar para si e para o seu entorno e que continuemos “(...) *vivendo uma abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos*”, como diz Ailton Krenak no seu livro “O Amanhã não está à venda”:

Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a Covid-19. (KRENAK, 2020. Pg. 06)

Uma mudança sobre essa visão antropocêntrica do mundo é também defendida pela professora da escola de pedagogia da UNIRIO, Léa Tiriba. Em um artigo em que defende uma integração maior entre as crianças e a natureza, escrito em 2010, ela diz:

Na origem da crise moral e espiritual de nossos dias, está uma falsa premissa de separação radical entre seres humanos e natureza e a ilusão antropocêntrica de que todos os seres e entes não humanos nos pertencem porque somos uma espécie superior. Nas escolas, seguimos transmitindo às crianças uma visão do planeta como fonte inesgotável de onde os humanos podem extrair indefinidamente; e da natureza como simples matéria-prima morta para a produção de mercadorias. (TIRIBA, 2010, Pg. 02)<sup>33</sup>

Outros modos de educar, foram colocados em prática ao longo dos últimos anos aqui no Brasil e no mundo e eles têm demonstrado um retorno muito positivo. As instituições convencionais de educação infantil, em sua maioria, têm um formato que mais aprisiona do que

---

<sup>33</sup>Artigo disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file> Pág. 02. Acesso em 22 de maio de 2021.

propicia a liberdade criativa, que tem nos primeiros anos de nossas vidas uma grande expressão. A pesquisadora Léa Tiriba defende que a educação deve promover o contato das crianças com a natureza e não o seu distanciamento, como acontece hoje na maioria das creches e escolas de educação infantil. Ela defende o “desemparedar” das escolas para que a criança tenha tempo para exercer o livre brincar e que não fique a maior parte do dia restrita a quatro paredes de uma sala de aula. Um exemplo de escola para crianças em que elas se encontram em comunhão com a natureza e exercem o livre brincar é a “Escola Casa Redonda”, criada por Maria Amélia Pereira (Péo), situada na cidade de Carapicuíba (SP) e na qual crianças com idade entre dois anos e meio e seis anos encontram uma grande área verde e espaços construídos com diferentes ambientações para explorar e fazer o que melhor sabem: brincar. Uma das educadoras que atua na Casa Redonda, que pesquisa e realiza cursos e encontros para discutir sobre música, brinquedos, brincadeiras e infâncias, Lucilene Silva, diz: *“Esse movimento que a gente vem fazendo pelo país em favor do direito de brincar, eu acho que é um grito em nome das crianças do Brasil inteiro. (...) compromete a espécie, compromete o desenvolvimento das crianças se a gente não as permite brincar de verdade”*<sup>34</sup>.



Imagem 10: Escola Casa Redonda / Acervo Pessoal, 2019

Um outro exemplo de educação que foge aos padrões que conhecemos é realizada pelo CPCD – Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento. O CPCD é uma instituição de aprendizagem que existe desde 1984 e foi idealizada pelo educador Tião Rocha. Tião defende que devemos sempre buscar o lado luminoso de cada ser humano e que a sociedade deveria ser

<sup>34</sup>SILVA, Lucilene. **Eduque Brincando**. Canal Memórias do Futuro. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=ChxLiJHg-mw> Trecho entre em 4’15” e 4’53”. Acesso em 23 de maio de 2021.

medida pelo IPDH (Índice de Potencial de Desenvolvimento Humano) e não por IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Há mais de vinte anos ele iniciou o “Projeto Ser Criança (ou Educação pelo Brinquedo)” e criou a pedagogia do sabão, do biscoito e da roda, pedagogias que valorizam o saber da comunidade. O processo de aprendizado das crianças tinha como acolhimento a sombra de um pé de manga na cidade mineira de Araçuaí<sup>35</sup> e desse modo foi sendo criado um espaço “*onde as crianças pudessem de fato ‘ser criança’ e o brincar fosse semente e pretexto para exercitar-se no aprendizado diário de crescer como ser humano*”<sup>36</sup>. Ao longo dos anos esse projeto gerou mudanças não só na vida das crianças, mas também foi reverberando modificações pela cidade.<sup>37</sup>

A nossa prática nos mostrou ser possível, sim, quer dizer, é possível, sim, fazer educação sem escola, é possível fazer boa educação debaixo de um pé de manga. (...) com as mães-educadoras, com os agentes comunitários da educação, as pessoas começaram a assumir essa causa. Era um compromisso de todos, e a gente percebeu isso, que para educar uma criança a gente precisa de toda a aldeia. Foi isso que a gente aprendeu lá em Moçambique, com os velhos mestres moçambicanos: convocar essa aldeia para que todo mundo se responsabilize e cuide de cada criança e cada um dá o melhor de si. (Tião Rocha em entrevista a Viviane Mosé. - MOSÉ, 2015. Pág. 275-276)

Tião Rocha relata que ao iniciar o projeto em Araçuaí ele não queria perder mais nenhum menino para o corte da cana, pois esse era o destino dos meninos da região: ao completarem dezoito anos eles saíam da cidade para irem trabalhar de forma semiescrava nas plantações de cana-de-açúcar, onde eram obrigados a colher 14 toneladas/dia e tinham a saúde prejudicada com poucos meses de trabalho.

Olhar para a trajetória do CPCD é alimentar a crença de que é possível, sim, criar fissuras em estruturas enrijecidas do sistema formal de ensino e, através da valorização da cultura das infâncias, interromper ciclos de morte. É possível que em uma sociedade na qual as crianças possam ser vistas e cuidadas em sua plenitude não sobre muito espaço para necropolíticas. Acredito que é preciso abriremos a nossa escuta às crianças e cuidar, através de investimentos públicos, da educação, em especial educação na primeiríssima infância. Cuidar da infância é cuidar do nosso futuro enquanto sociedade.

<sup>35</sup> Araçuaí é uma cidade no Vale do Jequitinhonha/MG. O Vale do Jequitinhonha é muito rico culturalmente e por muitos anos, infelizmente, era conhecido como Vale da Fome.

<sup>36</sup> FERNANDES, Maria Rocha. **Arriscando uma mudança de Paradigma: O coletivo CasaEscola**. 2015. Dissertação de Mestrado. – Curso de Artes Cênicas – PPGEAC/UNIRIO, Rio de Janeiro. Pág. 36.

<sup>37</sup> Para mais informações, veja o vídeo em que Tião Rocha fala sobre o projeto. O vídeo está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-e-XDv3A0V0> - consultado em 20 de novembro de 2020.

Promover investimentos para a primeira infância é como realizar uma vacina para o desenvolvimento das crianças e isso impacta positivamente a sociedade. O que é vivenciado nessa etapa da vida reverbera no desenvolvimento físico, mental, emocional e social de todos e todas e vai acompanhar aquele ser ao longo de toda a sua vida. As experiências vividas geram conexões cerebrais e vão moldando o nosso cérebro *“Nossas experiências e o ambiente em que vivemos determinam quais circuitos e conexões são mais usados. As conexões mais usadas se fortalecem e se tornam permanentes enquanto as conexões pouco usadas desaparecem.”*<sup>38</sup> Reconhecendo a importância dessa fase do desenvolvimento, foi criado em 2011 o NPCI - Núcleo Ciência pela Infância, visando agregar conhecimento científico a práticas de cuidado e bem-estar para crianças na primeira infância, em especial as que estejam em situação de vulnerabilidade. E em 2021 foi criado o CPAPI - Centro Brasileiro de Pesquisa Aplicada à Primeira Infância, com o objetivo de que os estudos e as evidências científicas se transformem em políticas públicas voltadas para o cuidado aos bebês e crianças com idade até 6 anos.

Investir na educação de bebês e crianças pequenas é investir no capital humano, é investir na sociedade. Nos últimos anos podemos ver que *“(...) toda sorte de profissionais vem reproduzindo o mantra de que vale a pena gastar com as crianças. O retorno se daria pelas menores taxas de criminalidade na vida adulta”*.<sup>39</sup> Corroborando com essa linha de pensamento, o vencedor do prêmio Nobel de Economia no ano 2000 mostrou as vantagens financeiras de se investir na primeira infância, afirmando que *“o retorno sobre o investimento varia de 7% a 10% ao ano, com base no aumento da escolaridade e do desempenho profissional, além da redução dos custos com reforço escolar, saúde e gastos do sistema de justiça penal.”*<sup>40</sup>

A educadora Péo diz que *“brincar é a raiz da alegria para a humanidade. E se a gente não permite que as crianças brinquem a gente está amortecendo a força de vida do ser humano e do nosso planeta Terra”*<sup>41</sup>. Brincar é próprio do humano e esse ato é objeto de estudo de diversos pesquisadores dentro e fora do Brasil. Em um vídeo realizado pelo TEDx o psiquiatra

<sup>38</sup> **Experiências moldam a arquitetura do cérebro** (Trecho entre 47” e 59”). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4SVkpiY4hqE&t=1s> Acesso em 04 de agosto de 2022.

<sup>39</sup> CORREA, Bianca. **Educação na Primeira Infância: direito público x capital humano**. In: Educação contra a Barbárie. Fernando Cássio (org.). São Paulo: Boitempo, 2019. Pág. 85-86

<sup>40</sup> SAID, Tabita. “Investir na primeira infância é como uma vacina para o desenvolvimento humano” - Pesquisadora do novo Centro de Pesquisa Aplicada à Primeira Infância, Beatriz Linhares defende criação de políticas públicas voltadas aos seis primeiros anos de vida. **Jornal da USP**, São Paulo, 26 de abril de 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/investir-na-primeira-infancia-e-como-uma-vacina-para-o-desenvolvimento-humano-diz-pesquisadora-da-usp/> Acesso em 21 de julho de 2022.

<sup>41</sup> PEREIRA, Maria Amélia (Péo). Vídeo **Péo - Maria Amélia Pereira - Casa Redonda**. (Tempo no vídeo: 54” a 1’10”). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=A7x33gzfYE8> Acesso em 23 de maio de 2021.



Stuart Brown, criador do “National Institute for Play” que tem sede na Califórnia, diz que se atentou para a importância do brincar quando trabalhava com pesquisas sobre assassinos e se deparou com o caso de Charles Whitman que em 1966 cometeu um assassinato em massa. Através dos estudos sobre esse caso, Brown descobriu que Whitman tinha uma “*severa carência de brincadeiras*”<sup>42</sup>, sobre o caso desse jovem estudante ele e os demais cientistas entenderam que “*a ausência de brincadeiras, e a crescente supressão de brincadeiras normais para o desenvolvimento, o tornaram mais suscetível à tragédia que ele causou*”.<sup>43</sup>

Stuart Brown afirma que o contrário de brincar não é trabalhar, mas deprimir. No documentário “*Tarja Branca – A Revolução que Faltava*” vários artistas e pesquisadores falam da importância do brincar e como a sua realização reverbera nas pessoas que brincam. Nesse filme Péo diz que “*a violência está aí porque as pessoas que estão fazendo a violência foram violentadas. Violentadas da sua capacidade de ser gente*”.<sup>44</sup>

Cada vez se torna mais necessária a conscientização de todas e todos sobre a necessidade de repensarmos o espaço da brincadeira dentro da educação, em especial na educação para a primeiríssima infância. “*A escola precisa fazer sentido em relação ao que já somos no mundo, sem nos desconstituir colonizando as nossas mentes*”.<sup>45</sup> É preciso construir novos modelos de ensino em que haja conexão com o que cada pessoa é e de acordo com a forma como ela vive. É necessário que busquemos a valorização do brincar dentro das instituições de ensino para que possamos combater a democracia zumbi em que estamos inseridos e assim encerrar ciclos de políticas de violência e de morte vigentes em várias esferas do nosso país, que possui proporções continentais.

---

<sup>42</sup>BROWN, Stuart. Vídeo TED **Serious Play: Stuart Brown diz que brincar é mais do que diversão – é vital**. Califórnia, 2008. (Tempo da fala no vídeo 3’43”) Disponível em [https://www.ted.com/talks/stuart\\_brown\\_play\\_is\\_more\\_than\\_just\\_fun?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/stuart_brown_play_is_more_than_just_fun?language=pt-br) Acesso em 25 de Maio de 2021.

<sup>43</sup>BROWN, Stuart. Ibidem. (Tempo da fala no vídeo: 3’53” a 4’02”)

<sup>44</sup>PEREIRA, Maria Amélia (Péo). Documentário **Tarja Branca – A Revolução que Faltava**. Direção de Cacau Rodhen. Produção Maria Farinha Filmes. SP, 2014. (Tempo da fala no vídeo: 26’42” a 26’50”)

<sup>45</sup> GUAJAJARA, Sônia. Op. cit. Pág. 173

## 2.2- O Teatro e um possível retorno à infância

Em uma das aulas que tive com as professoras Ângela e Carmela no PPGEAC/UNIRIO, elas convidaram a atriz, pesquisadora e curinga do Teatro do Oprimido, Helen Sarapeck para falar sobre sua pesquisa no mestrado e doutorado, ambos pela UNIRIO, e ela nos lembrou que a proposta do Teatro do Oprimido é resgatar a potencialidade artística e espontânea que tínhamos como algo natural na infância. A criança tem um potencial artístico em si e isso, em algumas pessoas, acaba se perdendo com o passar dos anos. Em 2019, durante uma visita à Oca Escola Cultural e à Casa Redonda, ambas localizadas em Carapicuíba/SP, Lucilene Silva disse que nas pesquisas que ela e Lydia Hortélio<sup>46</sup> realizam foi constatada uma diminuição no repertório de brinquedos cantados<sup>47</sup> por parte das novas gerações. Lydia usa a expressão “Brinquedo Cantado” para se referir às brincadeiras que são seu objeto de estudo há mais de cinquenta anos. O termo “brinquedo” vai além de designar um objeto com o qual se pode brincar. Por vezes a palavra transcende o objeto e é também usada para se referir aos jogos e brincadeiras entre crianças bem como a festas, folguedos e ações artísticas como apresentação de Mamulengos nos quais todas as pessoas presentes estão envolvidas. Assim, é correto dizer tanto “Brinquedo Cantado” como “Brincadeira Cantada”. Lucilene acredita que quem não brinca cantando livremente durante a sua infância corre o risco de crescer achando que não pode cantar e assim considerar essa expressão, que é natural no ser humano, como algo restrito a uma categoria seleta de pessoas.

A sociedade nos tolhe e tenta restringir o fazer artístico apenas a seres que são tidos como portadores de um dom especial, e que possuem conhecimentos e domínio sobre uma determinada técnica. Essa é uma crença limitante e os jogos que Augusto Boal sistematizou visam trazer à tona a natureza artística das pessoas, ou seja, incentivar um maior uso do poder criativo para que haja um equilíbrio entre duas formas de pensar e ver o mundo: o Pensamento Sensível e o Pensamento Simbólico. Quando Augusto Boal fala do Pensamento Sensível ele está se referindo a uma forma diferenciada de vermos as coisas ao nosso redor e que em muitos casos é sufocado pelo Pensamento Simbólico, *“o pensamento sensível é uma forma não-verbal*

---

<sup>46</sup>Lydia Hortélio pesquisa a cultura das crianças, recolhendo canções que permearam o século XX. Para informações visite <https://www.casadas5pedrinhas.com.br/home>. Acesso em 03 de maio de 2021.

<sup>47</sup>Sobre esse tema sugiro o filme TERREIROS do Brincar. Direção David Reeks e Renata Meirelles Produção Maria Farinha Filmes. SP, 2017. (52 min.). Disponível em [https://www.videocamp.com/pt/campaigns/quarentena-believe-terreirosdobrincar/player?special\\_id=186327](https://www.videocamp.com/pt/campaigns/quarentena-believe-terreirosdobrincar/player?special_id=186327) Acesso em 15 de junho de 2021.

*de pensar*”.<sup>48</sup> Boal nos convoca, com a metodologia do Teatro do Oprimido a olhar o mundo e as pessoas ao nosso redor de forma mais ampla, com os sentidos aguçados, e não de forma mecanicista, que valoriza apenas as funções e/ou utilidades práticas do que está sendo observado.

Segundo a pesquisadora Helen Sarapeck o ser humano tem a capacidade essencial de fazer uso de suas habilidades artísticas e se apropriar delas para promover a luta contra diversas opressões que vivemos enquanto sociedade. Diante disso me pergunto: o que podemos fazer para não criarmos camadas de opressão nas futuras gerações? Como não perder esse potencial artístico que é inerente a todas as pessoas e que é visível nas crianças? Como estimular nos seres em crescimento e em formação a manutenção dos seus elos com o lúdico? Encontros Brincantes durante a infância, em especial durante a primeiríssima infância, poderiam contribuir de alguma forma para prolongar esse potencial que pertence a todos? Eles poderiam promover uma maior continuidade dessa manifestação da essência do ser?

Quando eu digo que teatro é aquilo que a gente tem dentro de nós, toda criança sabe disso. A criança começa a aprender, a viver no mundo fazendo teatro é depois disso que a repressão da sociedade... todas as sociedades, elas são, em muitos sentidos repressivas... É depois disso que a criança começa a pensar que isso é brincadeira de criança e começa a levar a vida mais a sério. Mas ao levar a vida mais a sério deixa pra trás esse instrumento de comunicação e esse instrumento de conhecimento tão valioso como é o teatro. (BOAL, s/d)<sup>49</sup>

Quem sabe se a nossa sociedade olhasse com mais atenção para as crianças e para o poder criativo que todos temos, em especial nessa fase da vida, não teríamos possibilidades mais abrangentes no campo da educação? Augusto Boal fala sobre a criatividade presente na infância como algo que as pessoas buscam retomar ao realizarem atividades artísticas, em especial ao praticarem o Teatro do Oprimido. Em um documentário realizado por Zelito Viana, Boal comenta que o TO é um retorno à infância a fim de recuperar o Pensamento Sensível, que é sufocado pelo Pensamento Simbólico à medida em que crescemos. Ele diz:

Paul Klee era criticado porque parecia que ele voltava a infância na sua arte e eu acho que é exatamente essa a explicação da perenidade e da universalidade do Teatro do Oprimido. Porque ele volta à infância, mas não com nostalgia, ele volta pra recuperar o que foi perdido, e que foi o Pensamento Sensível. E as pessoas quando fazem Teatro do Oprimido ou fazendo teatro, fazendo pintura (...) você começa a ver as coisas de uma maneira estética e não só ver as coisas pela sua utilidade prática, não é isso?

<sup>48</sup>BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido – Reflexões errantes sobre o pensamento do ponto de vista estético e não científico**. RJ: Garamond, 2009. Pág. 27

<sup>49</sup>AUGUSTO Boal. Vídeo publicado no canal do youtube do Instituto Boal. (22 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c-LE9kXutRw> Acesso em: 15 maio 2021.

Então, quando você faz qualquer coisa da Estética do Oprimido em geral, e do Teatro do Oprimido em particular, você volta à infância, mas não ao que você fazia na infância, mas à dinâmica que você tinha e à criatividade que você tinha e que o Pensamento Simbólico das palavras, aos poucos foi afogando, foi limitando. (...) A gente descobre que a gente continua tendo a capacidade de pensar sensitivamente, não é? A gente continua tendo a capacidade artística que a gente tinha e quando a gente faz essa descoberta, a gente pensa: poxa, o teatro sou eu, a pintura sou eu, o canto sou eu, se eu canto, o canto sou eu, sou eu cantando. Quer dizer, você se descobre naquilo que você faz.<sup>50</sup> (BOAL, 2010)

Concordo com o que Boal diz e penso que o Pensamento Sensível também pode ser acessado em outros momentos da vida como quando a pessoa percebe que sua essência está conectada com a função social que exerce, por exemplo. Assim, acredito que se tivéssemos mais sistemas de ensino, como os que Tião Rocha desenvolveu em Araçuaí, as pessoas não demorariam tanto para encontrar um equilíbrio e conexão entre o Pensamento Sensível e o Pensamento Simbólico e expressá-los no seu cotidiano. Talvez não demorassem tanto para reencontrar sua capacidade artística que ficou sufocada após os primeiros anos de vida. *“Ao brincar, a criança, o espaço e possíveis objetos da brincadeira saem de um contexto exclusivamente utilitário e incluem a presença de diferentes graus de subjetividade”*.<sup>51</sup> Há vários exercícios do arsenal de jogos do Teatro do Oprimido que estimulam a pulsão criativa, inerente a todos e às vezes adormecida nos adultos, e que retratam muito bem o uso do pensamento não-verbal. Gostaria de destacar um exercício em que há a orientação para a perda da função utilitária de um objeto em prol de outros significados que ele pode ganhar por parte de quem o manipula em cena. Esse exercício se chama “Homenagem a Magritte” e a orientação do exercício é que seja dada a um determinado objeto (que pode ser uma garrafa plástica, uma caneta ou uma cadeira, por exemplo) uma função diferente da que conhecemos. Depois que cada pessoa experimentar, criar e mostrar a nova vida que esse objeto ganhou serão construídas cenas em grupo. O ator/atriz se relaciona com o objeto e, assim como uma criança, brincando, descobre novas funções que ele pode assumir.

O mundo interno das crianças emprega parâmetros de uma realidade percebida por ela, que não coincidem necessariamente com as leis que regem a dimensão material do objeto externo. O caráter externo do objeto torna-se menor, quase se dissolvendo diante da vitalidade mais profunda que o objeto passa a revelar pela interação imaginativa e corporal entre a criança e seu brinquedo. Nesse justo momento, passos vão sendo dados para experiências subjetivas em níveis cada vez mais profundos, em que desaparecem as divisões entre o que está dentro e o que está fora, comunicando a

<sup>50</sup> AUGUSTO Boal e o Teatro do Oprimido. Documentário. Direção de Zelito Viana. Rio de Janeiro, 2010. (62 min.) Trecho entre 56'08" a 58'03".

<sup>51</sup> **Brincar: uma linguagem do conhecimento.** Texto publicado no site <http://acasaredonda.com.br/pagina/16> Acesso em 05 de maio de 2021.

experiência do ser. O brincar opera nessa unidade subjetiva, mobilizando sensações e sentimentos que se expressam através do corpo.<sup>52</sup>

A educação bancária<sup>53</sup> é muito útil ao sistema capitalista. O capitalismo segmenta as formas de produção e por conseguinte segmenta também as nossas vidas, pois vivemos sob a lógica dominante do utilitarismo, sufocando as manifestações do pensamento sensível. Algo só tem valor ou é útil, se for feito para gerar lucro a alguém. Uma boa parte das pessoas optam por um emprego que não lhes traz felicidade, na maioria das vezes essa atitude ocorre por falta de oportunidades (aceitam qualquer trabalho para poder pagar pela comida do dia seguinte) mas outras escolhem seu trabalho diante do *status social* que determinadas profissões agregam.

*“Lembremos, como afirma Schiller, que ‘o impulso sensível começa a trabalhar antes do racional porque a sensação precede a consciência; e é nessa prioridade do impulso sensível que encontramos a chave de toda a história da liberdade humana’”*.<sup>54</sup> Será que não está na hora de fissurarmos essa estrutura e proporcionar que as gerações futuras optem pelos trabalhos que lhes instiguem e lhes proporcionem prazer? Será que o uso de pedagogias libertárias e engajadas por parte de mais educadores não contribuiria para uma maior autonomia nas futuras escolhas profissionais, possibilitando pessoas mais felizes e conscientes de seu papel na sociedade?

---

<sup>52</sup>Ibidem <http://acasaredonda.com.br/pagina/16> Acesso em maio de 2021.

<sup>53</sup>O conceito de Educação Bancária foi desenvolvido e combatido pelo educador e patrono da educação no Brasil, Paulo Freire. Nesse tipo de educação o professor deposita nos alunos o saber, não havendo abertura para trocas e nem reconhecimento dos saberes anteriores por parte dos estudantes. Os educandos são vistos como uma folha em branco.

<sup>54</sup>Ibidem <http://acasaredonda.com.br/pagina/16> Acesso em maio de 2021.

### 3. Assim me contaram e assim eu contei

#### 3.1 A importância do Brincar e das Redes de Afeto na Educação

*Da vida eu quero ter pé bem firme em leve dança  
Com todo o Saber do adulto e todo o Brincar de criança.  
(Agostinho da Silva)*

A palavra “Brincar” é de origem latina e vem de “*vinculum*”, que quer dizer laço e essa, por sua vez, deriva do verbo “*vincire*” que, dentre outros significados, quer dizer encantar. A palavra “*vinculum*” virou brinco e, por conseguinte, o verbo “brincar”<sup>55</sup>. Assim, é possível dizer que brincar é, na sua essência, uma ação criadora de vínculos, criadora de laços. A educadora Péo afirma que brincar “*é como se fosse a essência vinculadora do ser. É como se você trouxesse, como espécie humana, (...) um modo de se vincular onde você chega e a forma de vincular é brincar*”.<sup>56</sup>

As brincadeiras que são feitas com bebês de colo são classificadas por pesquisadoras da infância de Brincos.

Depois de viver os primeiros contatos com a realidade à sua volta – mediados, em parte, pelos acalantos – e antes de caminhar por conta própria, a criança segue em sua exploração do mundo e de si mesma com o apoio do adulto. É nesse contexto que entram os brincos.

Essas composições se amigam do corpo que, em ascensão, agora se planta para encontrar o horizonte: são músicas para aprender a se equilibrar no cavaleiro, coordenar os gestos, andar, soltar o riso, brincar... (Banner da Ocupação Lydia Hortélio realizada pelo Itaú Cultural/SP, 2019.)<sup>57</sup>

Ao brincar vão sendo estabelecidos vínculos entre quem conduz a brincadeira e o bebê, ou seja, aos poucos esse pequeno ser vai se associando ao mundo ao qual faz parte, conhecendo-o e dialogando com ele. “*Nesta sequência – perceber o mundo, associar-se a ele e transformá-lo – estes são os primeiros contatos da criança com o mundo que a cerca: contatos estéticos, artísticos, organizadores de sensações, às quais atribui valores e qualidades*”<sup>58</sup>. Enquanto brinca, os bebês e as crianças vão conhecendo o mundo ao seu redor e criando diálogos com o seu entorno através de uma comunicação sensorial e permeada de sensibilidade. Nessa ação a pessoa, seja bebê, criança ou adulto, deixa que os impulsos criativos se manifestem, e assim o

<sup>55</sup> <https://www.dicionarioetimologico.com.br/brincar/> consultado em 15/05/2021

<sup>56</sup> PEREIRA, Maria Amélia (Péo). Documentário **Terreiros do Brincar**. Direção de David Reeks e Renata Meirelles, 2017. Trecho entre 16’57” a 17’20”. Disponível na plataforma Videocamp pelo link: <http://bit.ly/especial-vc-terreiros>. Acesso em 05 de junho de 2021.

<sup>57</sup> A Ocupação Lydia Hortélio celebrou os 50 anos de sua pesquisa sobre a cultura da infância.

<sup>58</sup> BOAL, Augusto. **Quando nasce o bebê: O pensamento sensível e o pensamento simbólico no Teatro do Oprimido**. In: Sala Preta, [S. l.], v. 6, p. 189-195, 2006. DOI: 10.11606/issNila2238-3867.v6i0p189-195. Pág. 190. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57309> Acesso em 15 junho de 2021.

Pensamento Sensível sobressai. *“Quando você brinca vem a alegria, vem liberdade, vem essas manifestações todas que te colocam no outro plano que não é o plano do intelecto. Você rompe com esse mental, você ultrapassa isso”*.<sup>59</sup>

Por trabalhar junto a primeiríssima infância desde 2009 percebo que grande parte das pessoas tomam os bebês e crianças pequenas como seres sem vontade própria. Sim, o bebê precisa de um adulto para sobreviver, não tem autonomia e nem capacidade para fazer o que quiser, mas esse adulto de referência precisa estar atento aos sinais da personalidade que está se formando naquele pequeno ser, estar com escuta ampliada para acompanhar esse processo. Um dos elementos que pode contribuir para as ações da pessoa adulta é fortalecer os vínculos com a sua criança interna e tê-la por perto, trazendo à tona, as suas memórias afetivas ou, como dizia Boal em sua autobiografia, suas memórias inventadas (BOAL, 2000).

Uma pergunta muito recorrente nos cursos e encontros promovidos para refletir sobre a cultura da infância é sobre o que a pessoa brincava quando criança. Resgatar a memória dos seus brinquedos e brincadeiras ajuda ao profissional que quer trabalhar com bebês e crianças a entrar nesse universo. As pesquisadoras e educadoras Lydíia Hortélio e Lucilene Silva sempre sugerem em cursos e encontros para que as pessoas façam uma lista com as brincadeiras que conhece e também que ela pergunte às pessoas mais velhas com quem convive sobre as suas brincadeiras e cantigas da infância guardadas na sua memória para que assim a pessoa vá construindo e se apropriando do repertório com o qual quer trabalhar. Ao trazer cada vez mais a ação do brincar para o seu corpo, experimentando no seu cotidiano pedagógico a inserção das brincadeiras e jogos, esses profissionais vão reconhecendo qual é forma com a qual irá realizar a sua metodologia brincante de trabalho.

As metodologias são criadas a partir da vivência prática nas festas, assim como nas experimentações nos encontros com os estudantes, ou seja, é pelo fazer cotidiano pedagógico que o educador vai criando caminhos e muitas vezes quando parece que deu errado, aí mesmo é que se encontra novas possibilidades. Por isso a pedagogia brincante precisa ter alicerces como a intuição e a escuta no retorno do coletivo durante as aulas. (...) trazendo o “não pensar” e sim o agir que o corpo brincante nos ensina de maneira maestral. (MANHÃES, 2020, p. 329)

A pesquisadora e educadora brincante Juliana Manhães nos fala sobre a necessidade dos educadores fazerem uso da intuição e da escuta ampliada em seu ofício. Esses pontos são extremamente relevantes no trabalho com bebês e crianças pequenas. Olhar o bebê como um

---

<sup>59</sup> Maria Amélia Pereira (Péo). Documentário **Terreiros do Brincar**. Direção de David Reeks e Renata Meirelles, 2017. Trecho entre 17’522” a 17’38”. Disponível na plataforma Videocamp pelo link: <http://bit.ly/especial-vc-terreiros>. Acesso em 05 de junho de 2021.

indivíduo e perceber aspectos a respeito de suas ações: como ele interage, como participa, o que lhe traz conforto ou o desagrada é essencial para sabermos como nos relacionamos com ele.

Quando nasce, um bebê é um corpo humano que vem ao mundo. Passam a existir o corpo e o mundo – o corpo no mundo.

Esse corpo não traz consigo nenhum preconceito, *parti pris*, ideias inabaláveis, certezas ou dúvidas ontológicas. Não torce por nenhum time de futebol e não professa nenhuma religião – longe disso. (...)

Não é página branca, pois traz consigo seus cinco sentidos, que mesmo antes do nascimento já lhe provocavam prazeres e dores – emoções. (BOAL, 2009. Pág. 50. Grifo original)

É importante estarmos atentas e atentos às reações dos bebês, à sua comunicação não-verbal, para saber a intensidade das nossas ações para que o jogo se estabeleça, caso contrário não haverá troca, será apenas um adulto fazendo coisas que ele acredita ser interessante para o bebê, algo bem próximo à educação bancária, tão combatida por Paulo Freire. A relação com os bebês não deve ser adultocêntrica e sim de equilíbrio e trocas. *“No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente”*.<sup>60</sup> Será que enquanto educadores nós estamos partilhando esses aprendizados de autonomia que o mestre e nosso patrono da educação tanto ressaltava? Receio que não. A educadora indígena Cristine Takuá afirma que *“o tempo imposto pelas instituições: hora de sair, hora de chegar, hora de merendar, faz com que você perca o seu fluxo natural de vida”*<sup>61</sup> e isso acontece desde a mais tenra infância e reverbera ao longo dos anos. Quem sabe se observássemos as relações que acontecem na educação de crianças indígenas não teríamos pessoas com maior consciência de si, do seu entorno e, por que não dizer, com mais autonomia?

As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedores, porque, para uns vencerem, outros têm de perder.

Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Têm o exemplo de uma vida onde o indivíduo conta menos do que o coletivo. Este é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração. O que as nossas crianças aprendem desde cedo é a pôr o coração no ritmo da terra. (KRENAK, 2021.<sup>62</sup>)

<sup>60</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Pág. 37

<sup>61</sup> TAKUÁ, Cristine. Trecho entre 10’30” e 10’40” do vídeo **Cristine Takuá no Selvagem ciclo 2019**, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=7hzJVxUOjc8> Acesso em agosto de 2021.

<sup>62</sup> Aílton Krenak em vídeo publicado no perfil no instagram @clima.info em 01 de setembro de 2021. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CTSCxXrLteH/>



### 3.2 O que tenho aprendido com as mestras e mestres pequeninos

*A arte alimenta a própria arte.  
(Pablo Picasso)*

Uma coisa muito presente no trabalho com bebês e crianças pequenas é o afeto. Antes da pandemia eu sempre terminava os encontros com abraços e às vezes alguns “vôos de bebês”. Ao final do encontro, como uma ação de despedida, os bebês de colo, quando entendíamos que a criança se sentia confortável, “voavam” do colo do seu responsável para o meu e às vezes para o de outros adultos, fazendo um troca-troca de bebês. Os bebês que já ficavam de pé eram estimulados a dar abraços nas outras crianças e nos adultos, seus acompanhantes ou não. Geralmente após a ciranda de encerramento fazíamos uma canção criada por Mel Paranhos, na época em que ela fez parte do projeto como educadora. *A Ciranda do Abraço* era uma canção de despedida para estimular um momento de afeto entre os participantes do encontro.

*A ciranda do abraço  
É fácil de fazer  
Abra os seus braços  
que eu corro pra você<sup>63</sup>*

Uma curiosidade vivenciada durante a pandemia: no segundo encontro que ia realizar com uma criança, chamada Clarissa, ela veio logo me abraçar assim que me viu. Eu fiquei sem reação, sem saber como agir. Então recebi o abraço em uma das pernas e não desci para abraçá-la. A partir daquele dia criei uma forma lúdica de cumprimento para tempos pandêmicos, o pé com pé – colocar a borda externa de um pé coladinha à borda externa do pé da pessoa que está sendo cumprimentada. Com a ausência do toque provocado pela pandemia, passei a usar esse recurso para cumprimentar na hora da chegada e/ou para me despedir das crianças no momento final. Às vezes eu até puxo a conhecida música *Ai bota aqui o seu pezinho* e ali, do cumprimento ou despedida, é possível começar uma brincadeira.

*Ai bota aqui, ai bota aqui o seu pezinho  
O seu pezinho bem juntinho com o meu  
E depois não vai dizer  
Que você já me esqueceu  
Eu passei na sua casa  
o Cachorro me mordeu  
Não foi nada, não foi nada*

---

<sup>63</sup> *Ciranda do Abraço*, composta por Mel Paranhos, integrante do *Concha de Histórias* entre os anos de 2016 e 2017.

*Quem sentiu a dor fui eu  
Furou o pneu  
E depois encheu*<sup>64</sup>

Foi com o tempo que percebi que eu possuía um boneco manipulável que seria meu parceiro de trabalho para interagir com os bebês<sup>65</sup>. Ele está sempre presente quando vou me encontrar pela primeira vez com bebês ou crianças. Ele é um boneco com o rosto feito de *papel marché* e com um nariz avantajado, seu corpo é de uma base de garrafa pet coberta por tecido de chita e um sarrafo de madeira para manipular o boneco. Ele ganhou o nome de “Seu Lobato”. Através da sua estrutura simples ele aparece e se esconde então eu o apresento aos poucos para os bebês. Às vezes pode acontecer da criança se assustar no início da atividade – por não me conhecer ou outros motivos que podemos apenas intuir. Como o boneco se esconde eu faço uso desse recurso para dialogar com o possível susto ou medo da criança até que ela se sinta um pouco mais segura. Se não há estranhamento por parte da criança, a brincadeira de aparecer e esconder fica divertida, pois essa é uma das brincadeiras que muitos bebês gostam. Como o nariz dele se destaca, eu faço uso desse elemento dizendo que o “Seu Lobato” gostaria de dar um cheirinho na criança. Se percebo que há uma aceitação do boneco eu vou aproximando-o e interagindo, perguntando sempre “posso sentir o seu cheirinho?” A pergunta é direcionada ao bebê e quando percebo que há um consentimento aproximo o nariz do boneco em partes do seu corpo que lhe são visíveis como pés, pernas e braços. Se há abertura, aproximo de outras partes do corpo fazendo cosquinhas com a pontinha do nariz na barriga e no pescoço. Se o bebê demonstra gostar dessa ação eu dou vários “cheirinhos”. Quando acontece do bebê, por algum motivo, se assustar ou estranhar o boneco eu o tiro de cena de forma sutil: ele se abaixa e se esconde. Então eu brinco de mostrar e de esconder o boneco e ele se relaciona dizendo que está com vergonha e/ou medo, aos poucos, caso conquiste a confiança do bebê, o boneco retorna. Se isso não acontecer e eu perceber que o boneco não é bem-vindo ali eu o guardo, tirando-o por completo do campo visual. Quando acontece do bebê demonstrar aceitação, mas um pouco de medo do contato com o boneco, eu faço o movimento de começar a cheirar o adulto de referência (mãe, pai ou cuidadora) e só depois, se for o caso, chego no bebê. E assim, aos poucos, usando o boneco como ponte, vou conquistando a confiança da criança. Todo o tempo de relação com o bebê é permeado de escuta e percepção ampliada sobre o que está ou não está

---

<sup>64</sup> Música de Domínio Público.

<sup>65</sup> Vou usar a palavra bebê nesse capítulo porque a idade mais comum do público com o qual trabalho é entre 6 meses e 3 anos.

agradável a ele, e isso nos primeiros instantes de contato comigo é fundamental, visto que até então sou uma ilustre desconhecida.

Vou sempre sentindo até onde posso me aproximar ou se devo me manter um pouco mais distanciada para o conforto do bebê. Utilizar manipulação de bonecos e objetos, dando vida a eles, é um recurso sempre muito bem-vindo no trabalho cênico para todas as idades, em especial para a primeiríssima infância.



Seu Lobato - Imagem 11: Foto de Carolina Rios, 2016 e Imagem 12: Foto de Ricardo Borges, 2017

As crianças amam tudo que se movimenta, tudo o que tem vida. O educador deve estar atento ao longo do trabalho a tudo que gira, tudo que move, tudo que respira, acolhendo os momentos de encontro e possíveis encantos. Tudo pode lhes chamar a atenção e pode também deixar de ser interessante no tempo de um respiro. É preciso lembrar que a atenção dos bebês é muito particular, por isso nosso olhar e escuta devem estar sempre aguçados.

O tempo de atenção dos bebês é fugaz, mas é preciso. Mais rápido que uma canoa descendo a corredeira de um rio. Então, se o bebê não estiver olhando para a cena, não se preocupe, ele irá absorver os elementos do espetáculo por meio dos outros sentidos além do visual, pois todos seus sentidos são bem mais aguçados do que os dos adultos.<sup>66</sup>

Certa vez, em um dos encontros que realizei, uma bebê estava olhando fixamente para o chão. O piso era de tatame de E.V.A. e a mãe ficou intrigada para saber o que chamava tanto a atenção da sua filha, depois de um tempo vimos que era uma pequenina formiguinha. Infelizmente, em instantes a mãe matou a formiga, acabando com o que era o interesse da criança naquele instante. Hoje em dia, quando vejo uma formiga ou outro pequeno ser vivo nas rodas, eu sinalizo logo para que esse ser seja protegido. Certo dia (em 2021), eu estava em uma roda no pátio com crianças do Maternal 2 (idade entre 3 anos e meio/4 anos) da Casa de Leylá.

<sup>66</sup> FERRAZ, André; QUADROS, Lúcia, LOBO, Vanessa. **O Navegar da Canoa** – Espetáculo para Bebês, produzido pelo Concha de Histórias, 2018. Trecho do roteiro dramaturgico escrito de forma colaborativa entre atrizes e diretor.

Em certo momento uma delas viu uma formiga e esticou o pé para matá-la. Eu parei o que estava fazendo e me joguei na direção da formiguinha dizendo que não era para fazer aquilo. Criei uma história dizendo que talvez ela estivesse perdida e, querendo ouvir histórias, passou por ali, mas que a gente podia ajudar dando uma carona para ela até a sua casa. Pedi para pegarem uma folha no chão e então resgatamos a formiga indefesa e a colocamos no canteiro, no meio das plantas. Por fim, comemoramos juntos por termos ajudado a formiguinha. Alguns dias depois quando eles viram uma formiga por perto falaram, será que ela está perdida? Vamos dar carona? Nas rodas seguintes, quando aparecia formigas com essa turma sempre dávamos uma carona até as plantinhas.

### 3.3- Relato de Experiência Pessoal - Contando Histórias em um contexto pandêmico

*As imagens de um livro ilustrado  
são a primeira galeria de arte  
que uma criança visita.*  
Kveta Pacovská

Em 2020, após a interrupção dos trabalhos por causa do Covid-19, o recurso através do qual mantive um pouco de contato com as famílias que conheciam o trabalho foi a realização de alguns vídeos que produzi e disponibilizei através do canal do *youtube* do *Concha de Histórias*.



Imagens 13 e 14: Criança assistindo a vídeos do *Concha de Histórias*. Fotos enviadas pelas mães, 2020

Realizei vídeos para comemoração de aniversários de algumas crianças que passaram pelos Encontros Brincantes, dentre essas crianças estava a Nila. Nila, filha de pais iranianos, participou pela primeira vez dos Encontros realizados com outros bebês em um espaço em Botafogo (Rio de Janeiro) quando ia completar um ano de vida. Ela participou por seis meses dessa atividade. No recesso do final do ano de 2019 a família foi ao Irã e acabou ficando por mais tempo em função da pandemia de Covid-19. Nas atividades que Nila participou, às vezes ela era acompanhada pela mãe, mas na maior parte do tempo foi acompanhada pelo pai. Os pais falam a língua materna em casa, que é o persa, mas nos Encontros Brincantes interagem com a bebê e os demais participantes em português, língua que dominam pois vivem no Brasil há

muitos anos. Em 2020, Nila fez 2 anos e eu estive presente em seu imaginário através de um vídeo de comemoração pelo seu aniversário.

Em 2021, com a pandemia sem apresentar sinais de que estava perto do fim e com a família já de volta ao Rio de Janeiro, a mãe de Nila entrou em contato perguntando sobre um possível retorno das atividades. No dia 26 de março de 2021 retomamos o nosso contato presencial, mas dessa vez de forma individualizada e com atividades realizadas na sua casa. Os Encontros Brincantes eram destinados a Nila e ao seu irmão caçula, Matin, que tinha três meses de idade quando nos conhecemos. No mês de abril de 2021 os Encontros presenciais foram suspensos pelo agravamento dos índices de contágio do Coronavírus. A mãe de Nila pediu para que nós seguissemos mesmo de forma virtual, assim, foram feitos quatro encontros pela plataforma *zoom*, tendo sempre a contação de histórias como atividade principal e Nila sempre pedia mais histórias. Os Encontros Brincantes com Nila e Matin aconteceram até o dia 06 de agosto de 2021 quando sua mãe finalizou a licença maternidade do filho caçula e Nila entrou na creche.

### 3.4 Encontros Brincantes em 2021

No primeiro dia de encontro (26/03/2020) levei um livro que uso bastante com as crianças *O Sapo Bocarrão*<sup>67</sup> e qual não foi a minha surpresa? Havia um exemplar dele na estante de livros do quarto de Nila. Ela interagiu com a história, tocando levemente em partes dos animais que saltavam aos olhos, graças ao efeito “pop-up” que ele possui. Entre os materiais selecionados para esse Encontro havia uma fita colorida com a qual executo movimentos no ar e em torno da criança e de seu acompanhante enquanto canto e danço e também argolas para interagir de diferentes formas. No final da atividade Nila demonstrou o início de um choro quando eu disse que estava terminando, me veio então a ideia de pedir para que ela escolhesse um livro da sua estante para eu contar a história. Ela me deu um livro e narrei de improviso pois não conhecia o conteúdo. Assim que terminei ela correu e pegou outro livro na estante, então sua mãe disse que esse ela mesma contaria depois e assim finalizamos o Encontro.

No Encontro seguinte a mãe comentou que, em certo dia, no meio da semana, a pequena foi até a porta e falou “Vanessa, pode vir”, imitando a ação da mãe no dia em que fui visitá-las. O segundo Encontro Brincante teve, além das histórias e músicas, desenhos. Eu havia visto pelos corredores da casa várias imagens coladas, algumas coloridas, outras para ganharem cor, então aproveitei e levei para ela mais algumas imagens que eu tinha em casa. Foram dois Encontros presenciais, e depois, em função da cidade do Rio de Janeiro entrar em uma fase mais crítica e da necessidade da prefeitura determinar um período de *lockdown*, a pedido da mãe, iniciamos encontros virtuais pela plataforma *zoom*, com duração de 50 minutos.

Com essa transição me veio a pergunta: como adaptar para a tela toda a troca vivenciada nos Encontros? No dia 09 de abril fizemos nosso primeiro Encontro Brincante Virtual. Eu expliquei para a mãe a não indicação do acesso por muito tempo a telas por parte de crianças pequenas, mas decidimos experimentar. Eu estava um pouco insegura no dia e por isso deixei vários livros à disposição para serem usados.

No início Nila estava com um pequeno arranjo de fitas coloridas no cabelo, que lembrava o arco de fitas que tenho usado desde o início da pandemia. Ficamos por um tempo brincando com os nossos “cabelos de fitas coloridas”. Nesse dia eu toquei algumas músicas no violão, instrumento que comecei a tocar na pandemia. Escolhi o livro *Vai Embora, Grande Monstro*

---

<sup>67</sup> FAULKNER, Keith. **O Sapo Bocarrão**. Ilustração: Jonathan Lambert. Tradução de Heloisa JahNila SP: Companhia das Letrinhas, 1995.

*Verde!*<sup>68</sup> para usar por ser um livro muito visual e que evito fazer uso com crianças muito pequenas pois ele propõe uma interação e, devido às folhas serem finas, ele pode se danificar facilmente. Nila demonstrou um certo medinho no início e quando terminei de contar a história ela pediu para que eu a repetisse. Nas vezes em que repeti a história eu ia perguntando sobre as partes no rosto dela, referentes às partes do corpo do monstro que haviam sido citadas, como orelhas, olhos, nariz e boca, e ela se tocava. Nila ama histórias e estava na fase de pedir para ouvir de novo, então nesse dia contei por várias vezes a história desse livro. Em certo momento ela falou algo em persa, sua língua de herança. Ela pediu para a mãe a história da *Chapeuzinho Vermelho*<sup>69</sup>. Corri até a minha estante e peguei um livro que tenho e então foram intercaladas histórias do Monstro e da Chapeuzinho, conforme ela ia pedindo. Neste dia eu contei umas quatro vezes a história do Monstro. Quando eu disse que estava terminando ela começou a chorar, coisa que não tinha feito nos Encontros presenciais.

No dia do segundo Encontro Brincante Virtual, dia 16 de abril, eu tive problemas com o computador e precisei fazer pelo celular. Fiquei um pouco nervosa por causa dos problemas técnicos e comecei cantando músicas que tinham gestos com as mãos, ela repetia e aos poucos fui me encontrando na atividade. Nesse encontro eu também fiz uso de algumas canções que tem foco em partes do corpo como uma música que diz *Todos os meus dedos já sabem bailar*, *Pula Pulguinha*, *Fui ao mercado* e também com a música *Mostra a sua mãozinha*. Abaixo segue a letra dessas quatro canções.

*Todos os meus dedos já sabem bailar (2x)*  
*Cantam, dançam e vão descansar*  
*Prontos estão para começar.*<sup>70</sup>

*Pula pulguinha, pula danada*  
*Pula Pulguinha, essa pulguinha é assanhada.*<sup>71</sup>

*Fui ao mercado comprar café*  
*Veio a formiguinha e subiu no meu pé*  
*Eu sacudi, sacudi, sacudi*  
*Mas a formiguinha não parava de subir.*<sup>72</sup>

<sup>68</sup> EMBERLEY, Ed. **Vai embora, grande monstro verde!** Ilustração: Ed Emberley. Tradução de Gilda de Aquino. SP: Brinque-Book, 2009.

<sup>69</sup> Em conversa após um dos encontros Nasim, a mãe de Nila, me disse que os clássicos infantis como Chapeuzinho Vermelho também estiveram presentes na sua infância no Irã.

<sup>70</sup> Aprendi a canção *Todos os meus dedos já sabem bailar* em um curso com professora da Pedagogia Waldorf.

<sup>71</sup> *Pula Pulguinha* é uma canção de domínio público.

<sup>72</sup> *Fui ao mercado* é de domínio público. Ao longo da música podem ser usados outros elementos e outras partes do corpo: café – pé; batata-roxa – coxa; giz – nariz; mamão – mão; jerimum – bumbum.



*Mostra a sua mãozinha / Tá aqui, tá aqui  
 Cadê o seu pezinho? Tá aqui, tá aqui  
 Acha o cabelinho. Achei, achei  
 Aperta a bochechinha. Apertei, apertei  
 Faz cara de feliz. Ha, ha, ha, há  
 E mexe no nariz. A-a-aaaa-tchim  
 Bate no bumbum bum bum bum bum  
 Faz barulho de pum. Bruuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu.<sup>73</sup>*

Escolhi contar a história dos *Três Porquinhos*, usando dedoches e em certo momento do encontro ela pediu a história da *Chapeuzinho Vermelho*. Eu peguei um livro diferente do que havia sido usado na semana anterior. Ela interagiu bastante dizendo quais alimentos poderiam estar no cesto da Chapeuzinho.

Nos Encontros Virtuais o corpo fica boa parte do tempo parado pois a imagem se restringe basicamente ao rosto e mãos. Nesse dia, em certos momentos tentei exibir outras partes do meu corpo enquanto eu dançava, para isso fiquei de pé e me mexia, colocando apenas algumas partes do corpo na direção da câmera para poder me relacionar com as partes do corpo que estavam sendo cantadas. Quase no final do Encontro ela me mostrou instrumentos musicais que ganhou de seus pais. Eram vários: tinha maraca, guizos, pandeiro, clavas e outros. A mãe já havia me pedido indicação para comprar instrumentos e eles haviam chegado naquele dia. Neste dia também a mãe comentou que ela tinha começado a fazer aulas de violão. Neste segundo Encontro Brincante Virtual houve também uma participação mais ativa de todos os membros da família, interagindo bastante durante as brincadeiras dançadas, o pai ficou mais próximo de Nila e a mãe ficou dançando com Matim no colo. Nila não chorou quando eu encerrei o Encontro como na semana anterior. Sinto que as atividades têm reverberado na casa, é como se começasse a ocorrer ali um processo de musicalização e experimentação do lúdico por parte da criança e também dos seus responsáveis.

No terceiro Encontro Brincante Virtual, dia 22 de abril, Nila pediu a história do Monstro e sua mãe mostrou uma estrutura feita por ela com feltro a partir das imagens da história. No livro a imagem do mostro vai se construindo aos poucos: primeiro aparecem os olhos, depois o nariz, a boca com os dentes afiados, orelhas tortas e cabelo espetado. Quando a imagem se completa ela passa a se desfazer aos poucos, é como se a criança mandasse o monstro embora. Nila gostou tanto da história que Nasim, a reproduziu para que ela pudesse brincar e reconta-la

---

<sup>73</sup> Não conheço a origem da música *Mostra sua mãozinha*

quando quisesse. Abaixo estão as imagens do livro do “*Vai embora, Grande Monstro Verde!*” exclusivo da Nila.



Imagens 15 a 22: Livro de Feltro feito por Nasim / Acervo Pessoal, 2022.

Nesse dia quando narrei a história do monstro, Nila ia tocando nas partes do seu rosto à medida em que essas partes eram citadas. A história foi narrada porque ela pediu, mas para esse dia eu havia separado a história do livro *O Menino Poti*<sup>74</sup> e um tempo depois a contei. Nila se encantou com a pena de tucano que o Poti tem no pescoço, como um colar. Perguntou o que era tucano e eu mostrei uma imagem do livro. Dias depois, quando retomamos os Encontros Brincantes presenciais eu levei novamente essa história e também alguns fantoches, dentre eles, um tucano. Quando terminei de contar ela falou algo em persa para sua mãe. Ela havia pedido para eu contar de novo. Depois eu perguntei se ela queria mais história ou música, ela respondeu

<sup>74</sup> MACHADO, Ana Maria. *O Menino Poti*. Coleção Mico Maneco. RJ: Salamandra, 2011.

“história” então contei *A Vitória-Régia*<sup>75</sup> e finalizei com a canção do congado mineiro *Tá caindo fulô*.

*Tá caindo fulô. Tá caindo fulô.  
Tá caindo fulô. Tá caindo fulô.  
Lá do céu, cai na terra.  
Olêê tá caindo fulô.*<sup>76</sup>

Nesse dia eu fiz uso de Molas coloridas (conhecidas com o nome “mola maluca”) para interagir. Cantei a música *A Cobra não tem pé* e fiz movimentos casados com a canção, como se a mola fosse a cobra. Depois dei outros usos para ela como pular como uma pipoquinha e cantei *Pula Pipoquinha* ou pular como um sapo.

*Se a cobra não tem pé. Se a cobra não tem mão.  
Como é que ela sobe no pezinho de limão?  
Ela estica, encolhe, seu corpo é todo mole.*<sup>77</sup>

*Pula, pula pipoquinha.  
Pula, pula sem parar.  
Pula, pula pipoquinha.  
Pra crescer e estourar.*<sup>78</sup>

Eu não sabia, mas Nila tinha molas em casa. Então reproduzia os movimentos que eu fazia. Brincamos de dar formas diferenciadas às molas. Usamos como monóculo, para aumentar as orelhas, como um reflexo de um grande espirro, chapéu, etc. Quando o tempo do encontro terminou e a mãe disse para ela se despedir de mim e ela falou “Não gosto” e pediu a história do Monstro de novo. Conteí mais uma vez e então finalizamos a vídeo-chamada.

No quarto e último Encontro Brincante Virtual começamos com a Nila me mostrando seu fantoche de Chapeuzinho Vermelho então comecei a contar a história, dessa vez usando dedoches. Eu separei vários livros e ao longo do Encontro, quando terminava de contar uma história, eu perguntava se queria música ou história e ela sempre queria histórias. Nesse dia contei também as histórias dos livros *O ovo*<sup>79</sup>, *A Bota do Bode*<sup>80</sup> e *Vai Embora, Grande Monstro*

<sup>75</sup> COSTA, Socorro. **Vitória-Régia**. Produzido em Natal/RN (adquirido em 2015). Livro de tecido e com bordado.

<sup>76</sup> *Tá caindo fulô* é uma música tradicional do Congado Mineiro.

<sup>77</sup> Domínio público.

<sup>78</sup> Domínio público.

<sup>79</sup> ZIGG, Ivan. ARAÚJO, Marcelo. **O Ovo**. Ilustração: Ivan Zigg e Marcelo Araújo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

<sup>80</sup> FRANÇA, Mary. FRANÇA, Eliardo. **A Bota do Bode**. Coleção Gato e Rato. São Paulo: Editora Ática, 2000.

*Verde!* Quando já estava perto de terminar o encontro eu disse que já ia começar a me despedir e perguntei qual música ela queria cantar para a gente finalizar e ela respondeu: *O Menino Poti*. Eu não havia separado esse livro então disse a ela que eu tinha que chamá-lo porque ele morava muito longe, lá na floresta. Saí de cena para pegar o livro, contei a história e encerramos o encontro.

Optei por falar primeiro dos Encontros Brincantes Virtuais para depois colocar roteiros e algumas observações sobre Encontros presenciais esses também foram realizados com outra criança de mesma idade: Clarissa. Clarissa que é filha de brasileiros e reside no bairro Maracanã. Abaixo seguem roteiros de alguns encontros realizados em 2021 com essas duas famílias e comentários sobre a forma como aconteceu com cada criança. Escolhi o roteiro do primeiro Encontro, no qual usei a história *Sapo Bocarrão* e de alguns em que a escolha da história foi feita para dar destaque a alguma questão: *O Menino Poti* – conta sobre a rotina de um dia na vida de um menino indígena e sua relação com a natureza; *A Galinha Xadrez*<sup>81</sup> – releitura de um conto tradicional retratando divisão de tarefas e contra o sexismo; e os dois seguintes para trabalhar a representatividade negra: *A Bonequinha Preta*<sup>82</sup> – uma bonequinha que é roubada por um gatinho e depois é resgatada; *Catirina e o Boi* – conto de origem maranhense que valoriza a sabedoria indígena; *O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos*<sup>83</sup> – um príncipe menino que mora em um planeta com seu baobá e sai pra espalhar sementes do baobá e de amor, ensinando a palavra Ubuntu para crianças do planeta Terra e *Amor de Cabelo* – retrata a autoestima de uma menina chamada Zuri, que ama o seu cabelo e a relação de cuidado entre pai e filha.

---

<sup>81</sup> TREZZA, Rogério. **A Galinha Xadrez**. Ilustração: Rogério Trezza. SP: Brinque-Book na Mochila, 1996.

<sup>82</sup> OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A Bonequinha Preta**. Ilustração: Ana Raquel. Belo Horizonte: Editora Lê, 1993.

<sup>83</sup> FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos**. Ilustração: Juliana Barbosa Pereira. RJ: Nova Fronteira, 2020.

### 3.5 - Roteiros de Ações e Dinâmicas para Encontros Presenciais em 2021

A seguir colocarei sete roteiros de Encontros Brincantes realizados com Nila, Clarissa e também nas aulas da Casa de Leylá. Eu irei elencar as ações realizadas no dia e descrever um pouco sobre como foi o Encontro em questão, tomando como base as anotações que eu fazia após o trabalho. Embora esses roteiros tenham sido realizados em dias diferentes, vou relatar as interações em um mesmo texto corrido para facilitar a compreensão por parte de quem está lendo. Em todos eu coloquei uma canção de referência para iniciar o Encontro, que chamei de “Música de Chegança”, porém no dia-a-dia geralmente eu canto mais de uma dessas canções listadas. Algumas que escolho previamente, outras que me vêm à mente no momento do Encontro e outras que as educadoras da Casa de Leylá dizem ter vontade de cantar naquele dia. Para elaborar os roteiros eu tomo como ponto de partida da história que irei contar, por isso a chamo de “Linha-guia”

Os Encontros Brincantes com Clarissa e Nila começaram em março de 2021 (Clarissa no dia 02 e Nila dia 26), sendo que Nila, como já foi dito, já me conhecia através do trabalho que eu realizava. Os Encontros com Nila seguiram até o dia 06 de agosto de 2021, assim, alguns desses roteiros não foram realizados com ela. Os Encontros com Clarissa foram até os primeiros meses de 2022.

Os cinco primeiros roteiros aqui escritos foram realizados com Nila e Clarissa, os dois seguintes foram realizados de forma individual com Clarissa e com as turmas da Casa de Leylá, onde iniciei o trabalho em junho de 2021 e o último relato contempla apenas a sua realização na creche.

#### **I- História como linha-guia: O Sapo Bocarrão**

Esse roteiro de atividades foi usado para iniciar o contato com Nila e Clarissa.

- 1- Música de Chegança: Canção para abrir o encontro: *Eu entrei na Roda*.
- 2- Interação com o Boneco “Seu Lobato”
- 3- História *Sapo Bocarrão*.
- 4- Objeto Brincante: Argolas Coloridas.
- 5- Cantoria
- 6- Música Final *De abóbora faz melão*.

Eu sempre canto uma música de boas-vindas para iniciar o Encontro. Ela serve como um elemento de transição para o início da minha ação. Nos primeiros Encontros amplio ainda mais a escuta para as reações do bebê/criança, pois pode haver algum estranhamento com relação a minha presença. As primeiras canções têm a função de ir me apresentando para criança aos poucos. Eu costumo cantar a música *Eu Entrei na Roda* e dançar usando uma fita colorida. Vou fazendo desenhos no ar e assim estabelecendo maior proximidade com a criança, passando a fita através de círculos e/ou símbolos do infinito, ao redor e acima do seu corpo.

*Ah eu entrei na Roda  
Eu entrei na Roda Dança  
Eu entrei na Contradança  
Eu não sei dançar.<sup>84</sup>*

Por esse roteiro, na sequência, eu apresento o boneco “Seu Lobato”, sobre o qual já comentei como utilizo. Nila já me conhecia então não teve estranhamento nesse primeiro encontro já Clarissa demonstrou um pouco de medo do boneco no início, mas aos poucos foi interagindo com ele e introduzi a canção *Sítio do Seu Lobato*.

*Seu Lobato tinha um sítio ia ia ô  
E nesse sítio tinha um {cachorrinho}<sup>85</sup> ia ia ô  
Era {au, au, au} pra cá  
E era {au, au, au} pra lá  
Era {au, au, au} pra todo lado ia ia ô.<sup>86</sup>*

Com essa música eu faço alguns sons e movimentos corporais dos animais citados na canção. Quando a criança é um pouco maior ela dança junto e por vezes vai sugerindo animais para entrarem na canção, enriquecendo a brincadeira. Em alguns Encontros, ao invés do uso do corpo, utilizo fantoches que, depois de mostrá-los no momento da música, deixo para as crianças brincarem e experimentarem dando a eles movimento, sons e até promovendo alguns diálogos. Em seguida contei a história *O Sapo Bocarrão*, havendo bastante interação tanto de Nila quanto de Clarissa.

---

<sup>84</sup> Música de Domínio Público. Essa é uma canção muito usada para Roda de Versos. Esse trecho é o refrão e versos são cantados entre um refrão e outro.

<sup>85</sup> O uso das chaves { }, nessa e nas próximas letras das canções, indica um convite para brincar com a música, inserindo novos elementos. Nesse caso o nome e o som de diferentes animais. Em outros casos podem ser os nomes das crianças presentes naquele momento, como veremos logo em seguida.

<sup>86</sup> Música de Domínio Público. A canção é uma brincadeira com os animais, a cada estrofe muda o animal e o som que ele faz. Movimentos corporais enquanto fazemos os sons são muito bem-vindos.

Para interação sensorial eu levei Argolas Coloridas. Deixo as crianças experimentarem a forma como podemos brincar e depois vou dando usos diferenciados para elas: coloco em diferentes partes do corpo fazendo com que elas se transformem em pulseiras, brincos, óculos, chapéu e também usando o pé da criança como pino para acertar as argolas. Elas também podem ser usadas para brincar como um pião, rolando no chão de um lado para o outro e como recurso sonoro: batendo uma contra a outra fazendo um ritmo para acompanhar canções.

A próxima brincadeira era a Cantoria, momento em que cantamos e tocamos juntos algumas canções. É importante ressaltar que para esse momento são utilizados diferentes instrumentos como tambor, pandeiro, ovinho, caxixi, platinela, sininho, kabuletê, *chasquitas*, ganzá, entre outros, e não instrumentos de brinquedo, visto que geralmente os instrumentos de brinquedo repercutem sonoridades de qualidade inferior às produzidas por instrumentos reais. Para encerrar o encontro propus uma brincadeira em roda, como uma “ciranda sem dar as mãos” com a música *De abóbora faz melão*.

*De abóbora faz melão de melão faz melancia (2x)*

*Faz doce sinhá (2x)*

*Faz doce sinhá Maria*

*Faz doce sinhá (2x)*

*Faz doce todo dia*

*Quem quiser aprender a dançar vai na casa da {Maricota} (2x)*

*Ela pula, ela dança, ela faz requebradinha. (2x)<sup>87</sup>*

Antes da pandemia eu sempre encerrava minhas atividades – fosse os Encontros Brincantes, apresentações ou oficinas de contação de histórias com uma ciranda, pela potência e o sentimento de pertencimento que o fato de estarmos em círculo proporciona. Inseridos no contexto pandêmico os Encontros passaram a ser finalizados com uma dança, com as pessoas formando um círculo, mas sem o contato físico. Era um tipo de “ciranda sem mãos” e ela era feita para a esquerda, como as rodas das manifestações de origem africana e dos povos originários. Esse sentido é o mesmo em que o mundo gira, assim, entramos, de alguma forma, em sintonia com o planeta que nos acolhe.

---

<sup>87</sup> Música de Domínio Público. No lugar da {Maricota} podem entrar os nomes das pessoas presentes naquele momento.



Imagens 23 e 24: Livro *O Sapo Bocarrão*, 2017. / *Instrumentos para a Cantoria*, 2021.

## II - História como linha-guia: O Menino Poti

1. Música de Chegança: Música *A natureza é tão bela*
2. Florcóptero em gamela indígena de origem Pataxó / Música: *Tá Caindo Fulô*
3. Experimentação com Fantoches: Tucano, Arara e Tatu
4. Hora da História: *O Menino Poti*
5. Elemento para Interação: Peteca
6. Cantoria
7. Dança/Brincadeira de Encerramento - *Yapo*

Comecei o encontro cantando a seguinte canção de boas-vindas:

*Bom dia, bom dia, bom dia*  
*Hoje eu estou tão feliz, tão feliz*  
*Bom dia, bom dia, bom dia*  
*Meu coração é quem diz, é quem diz*  
*Bom dia, bom dia, bom dia*  
*Vamos sorrir e cantar*  
*A natureza é tão bela e nos ensina a amar.*<sup>88</sup>

A atividade seguinte era apresentar uma gamela indígena com Florcópteros, que é como chamo as flores e frutos da árvore Pau-Formiga (*Triplaris americana*). A Florcóptero quando

<sup>88</sup> Música de autoria desconhecida. Por vezes eu canto o nome da criança substituindo o segundo {Bom dia}, que está na primeira frase da canção.



lançada ao ar cai no chão fazendo movimentos circulares em torno de seu próprio eixo, o que gera encantamento a quem assiste. Tanto Nila quanto Clarissa se divertiram jogando para o alto e enfeitando os cabelos, seus, meus e os de suas mães, com as pequenas florzinhas. Depois de um tempo dessa experimentação comecei a cantar uma música típica do Congado de Minas Gerais *Tá caindo fulô*<sup>89</sup> enquanto jogava para o alto as florzinhas. Em certo momento peguei tanto Nila quanto Clarissa no colo para que elas pudessem jogar as flores do alto também.

Em seguida seria a hora de introduzir a história utilizando fantoches com alguns animais que são representados no livro. Comecei pelo Tucano e Arara improvisando um diálogo entre eles. Depois trouxe o fantoche do Tatu e deixei os três à disposição para que a criança e/ou a mãe manipulasse. Nila vestiu o fantoche do tucano e fez alguns movimentos com seu longo bico. Eu vesti a arara e tentei provocar um diálogo entre os animais, mas Nila não respondeu. Geralmente ela verbaliza pouco, talvez pelo fato de estar sendo oralizada em duas línguas: português e persa, língua falada por seus pais que são iranianos. Já Clarissa colocou a Arara em uma de suas mãos, e foi logo dizendo que ela estava com fome e começou a pegar Florcópteros com o seu bico.

Após um tempo de interação com os fantoches comecei a contar a história. Eu levei o livro *O Menino Poti*<sup>90</sup> envolvido em tecido de estampa de floresta. Nos dois Encontros eu apresentei aquele volume e perguntei “o que será que tem aqui dentro?” na intenção de estimular a curiosidade e permitir que a criança encontrasse o livro. Na hora da história Clarissa, que ainda estava com o fantoche da Arara, interagiu relacionando-a com uma ilustração do livro – havia um desenho de cesto de bananas então a Arara, que ainda tinha fome, foi até o livro comer bananas. Clarissa ficou por quase todo o tempo do Encontro com o fantoche vestido em sua mão.

Nesse dia Nila pediu para recontar a história por mais três vezes. Ela já conhecia essa história, pois eu a havia contado em dois dos Encontros Virtuais que realizamos no mês de abril e em todos ela pedia para repetir. Uma coisa que lhe chamou a atenção logo na primeira vez que ouviu a história foi a pena de tucano que o personagem carregava no pescoço na forma de um colar. Nesse Encontro presencial ela ficou olhando por um bom tempo o colar de pena de tucano no pescoço de Poti.

---

<sup>89</sup>A letra dessa canção foi citada anteriormente nesse texto.

<sup>90</sup>MACHADO, Ana Maria. **O Menino Poti**. Ilustração: Claudius. Coleção Mico Maneco. RJ: Salamandra, 2011.

Após a história veio a interação com Petecas<sup>91</sup>. Normalmente eu inicio a apresentação desse brinquedo tocando partes do corpo da criança com as penas. Nila gostou desse toque sutil e ficou se acariciando por um bom tempo, passando a peteca em seus braços e rosto. Em certo momento Matim, seu irmão mais novo, arrancou uma pena de uma das petecas. A mãe ficou sem graça e então peguei a pena e falei: “pronto, agora a Nila vai ter um colar com pena de tucano igual ao do Menino Poti”. E coloquei a pena em seu pescoço. Ela sorriu e começou a brincar com a pena. Segurava na mão e depois a soprava, deixando-a voar no ar.

O instante seguinte à interação com as Petecas era reservado para a Cantoria. Nesse dia Clarissa não se interessou muito nem pelas petecas nem pelos instrumentos, ela dançava e cantava, mas não quis tocar nada, permanecendo o tempo todo com a Arara em sua mão. Ela parece se divertir muito com a música *Sopa do Neném* (Palavra Cantada) e a cada vez ela agrega à sopa uma diversidade de elementos diferentes. A música é um convite para brincar com as palavras rimando o que pode compor a sopa do neném: feijão – agrião; espinafre – tomate; macarrão – caminhão; rabanete – sorvete; mandioca – minhoca e por aí vai. Quando canto essa canção eu falo algumas das rimas, insiro outras que criei como Melancia – Ambrosia; Chicória – História e convido os participantes do Encontro a fazerem as rimas também. Nesse dia teve pimenta, árvore, prédio, pia e minhoca que Clarissa trouxe pra brincar junto com a canção.

Na hora da Cantoria, Nila participou tocando instrumentos e quando cantei *Pintinho Amarelinho* ela pediu para contar a história do pintinho. Às vezes eu levo alguns livros além do planejado para trabalhar e dentre eles estava um chamado *O ovo*, cuja história havia contado durante os Encontros Virtuais. Então contei também essa história para ela naquele dia. Quando estava finalizando o tempo do Encontro eu disse que ia embora, Nila disse “não gosto” e começou a tirar de perto de mim a bolsa na qual eu tentava guardar os instrumentos. Depois ela se sentou no meu colo e ficou ali paradinha. Eu fiz uma música que brinca de balançar o corpo, fiquei fazendo os movimentos enquanto cantava e então depois que terminei a canção ela me ajudou a guardar os instrumentos.

*Balança, balança, balança sem parar  
De um lado pro outro  
Eu quero é balançar*<sup>92</sup>

<sup>91</sup> Segundo o site <http://www.petecapro.com/historia-da-peteca/> a Peteca foi criada pelos indígenas, provavelmente por etnias que viviam em Minas Gerais. O nome vem do Tupi *pe'teca* e significa “bater com a mão”. Sua feitura inicial era com penas de aves presas a palhas de milho, pequenas pedras e/ou toquinhos de madeira. Acesso em maio de 2021.

<sup>92</sup> Música de Domínio Público.

Ao invés de ciranda, nesse dia cantei *Yapo*, que é uma brincadeira corporal e que conheci através de vídeos do grupo musical Palavra Cantada.

*Yapo, ya, ya êêô  
Yapo, ya ya ê  
Yapo, ya ya Yapo  
E tuqui e tuqui Yapo  
E tuqui e tuqui iê*<sup>93</sup>

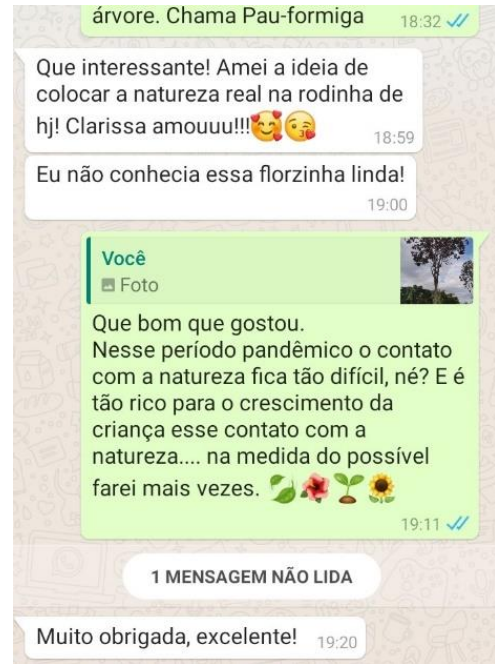


Imagens 25 e 26: Florcóptero na gamela de origem Pataxó / Florcóptero, livro e fantoches, 2021.



Imagens 27 e 28: Páginas do Livro *Menino Poti*, 2021.

<sup>93</sup> O Palavra Cantada ensina como se brinca com “Yapo” em um vídeo que está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=rcBvsH7jqnc> Acesso em 07 de março de 2022.



Imagens 29 e 30: Árvore Pau-Formiga (*Triplaris americana*) e mensagem da mãe da Clarissa, 2021.

### III - História como linha-guia: A Galinha Xadrez

1. Música de Chegança: *Beijinho*
2. Hora da História: *A Galinha Xadrez*
3. Dedoches com os animais da história e dedoches de outros animais. Estrutura de teatrinho para dedoches.
4. Objeto Brincante: Peças coloridas de plástico com uma abertura na ponta
5. Cantoria
6. Música Final *A galinha do vizinho*

Nesse dia a música para abrir o encontro foi a *Beijinho*, composta por Débora Diniz. A música brinca estimulando as pessoas a mandarem beijos. Durante a pandemia com o uso da máscara a criança não vê o beijinho que é mandado então adaptei a canção para outras formas de carinho e movimentos corporais: passei a mandar um abraço, uma piscadinha, um estalinho (de dedos), uma cosquinha e, por fim, um beijinho mesmo que chegue somente o som.

*Oi. Olá. Boa tarde  
Como é bom te ver  
Agora eu vou mandar  
Um beijo pra você.<sup>94</sup>*

No encontro com a Clarissa, aconteceu algo curioso: quando eu disse que ia começar a contar a história ela, de repente, pôs as mãos em um dos pés e começou a falar “ai, ai, ai,ai...”. Eu e sua mãe nos olhamos assustadas, tentando entender o que tinha acontecido e Clarissa então riu e disse algo fazendo referência ao macaquinho da história do Menino Poti que eu havia contado na semana anterior. Na história, o macaquinho machuca o pé e o Poti o leva para a sua casa. A mãe de Clarissa disse que ela memoriza tudo que é dito nos encontros e fica repetindo depois. Eu já havia percebido isso pois gosto de cantar algumas estrofes diferentes para a música *Alecrim* e, mesmo tendo ouvido poucas vezes, ela havia memorizado um verso que fala “alecrim miúdo”.

*Alecrim, alecrim dourado  
Que nasceu no campo sem ser semeado  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*

*Alecrim, alecrim aos molhos  
Por causa de ti, choram os meus olhos  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*

*Alecrim, alecrim miúdo  
Que nasceu no campo, perfumando tudo  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*

*Alecrim, alecrim ao vento  
Por causa de ti, é o meu lamento  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*

*Alecrim, alecrim aos feixes  
Chorando te peço, que nunca me deixes  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*

---

<sup>94</sup> Música *Beijinho* composta por Débora Diniz, integrante desde 2018 do *Concha de Histórias*. A música se repete por algumas vezes e na parte que canta {um beijo pra você} vai aumentando o número de beijos para dois, três, quatro, cinco e muitos beijos pra você.

*Alecrim, alecrim cheiroso,  
Por causa de ti, meu dia é mais formoso.  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*<sup>95</sup>

Nila prestou atenção em toda a história. Depois eu peguei os dedoches com personagens dessa história e apresentei. Eu fiquei com o dedochê da galinha e ela ia pegando os outros dedoches para colocar no dedo à medida em que eles entravam em cena. Depois de um tempo peguei uma embalagem com dedoches de outros animais e ela se encantou com um de passarinho. Ficou brincando com ele por muito tempo.

Cantamos algumas músicas relacionadas aos dedoches e ficamos nessa interação. Depois peguei as embalagens plásticas para fazer pequenas construções, como torres e pirâmides ou tocar uma na outra fazendo um som. Em pouco tempo Nila começou a esconder a cabeça do dedochê dentro da embalagem e então cantei uma música de brincar de *Esconde-Esconde*.

*Esconde, esconde, esconde, cadê você?  
Esconde, esconde, esconde, quero te ver.  
Esconde o {João} para brincar  
Logo depois vou te encontrar. Achei!*<sup>96</sup>

Nila pegava cada hora um dedochê diferente pra gente cantar para aquele animal. Outro dedochê que ela gostou e ficou por muito tempo com ele no dedo foi o da tartaruga. Sua mãe me mostrou que elas haviam feito tartarugas usando bolas e E.V.A. Então lembrei de uma brincadeira em que tocamos nas costas da criança, que fica encolhidinha como se fosse uma tartaruga e a outra pessoa faz massagem nas suas costas dando batidinhas e depois acariciado.

*Toc, toc, toc (2x)  
Quem está aí? (2x)  
É a Maria, como a tartaruga  
Muito calminha (2x)*<sup>97</sup>

Após a brincadeira a mãe de Nila disse que se lembrou de uma brincadeira que sua mãe fazia com ela quando era criança e também era com toque nas costas: a criança escolhia entre agulha (toque com dedo indicador), tesoura (movimento como belisquinhos) ou soquinho

<sup>95</sup> Música de Domínio Público, oriunda de Portugal. Aos poucos fui aprendendo outros versos e o último (*Alecrim, alecrim cheiroso / por causa de ti, meu dia é mais formoso*) foi criado por mim.

<sup>96</sup> *Esconde-Esconde*, composta por Débora Diniz. Quando se brinca, vai mudando o nome das crianças.

<sup>97</sup> Essa brincadeira consta no livro: PITANGA, Cris. **Yoga com Música – Músicas e posturas para relaxar e acalmar: yoga para crianças**. Ilustração: Lígia Miragaia. SP: Ominsciência, 2013. Pág. 26-27

(batidinhas com as mãos fechadas) e a outra pessoa fazia. Tinha também uma canção que ela não se lembrava ali, mas ia pesquisar.<sup>98</sup>

Após essa interação eu trouxe os instrumentos para fazer a Cantoria. Em certo momento Nila viu o livro da história que eu havia contado. Olhou a capa por um bom tempo, como se estivesse contemplando. Depois começou a passar as páginas do livro, passava devagar cada página e então eu ia recontando os trechos em que ela deixava a página aberta, indo e voltando na história, até chegarmos ao fim. Nila ficou muito tempo envolvida nesse passar de páginas do livro. Quando o tempo estava terminando eu perguntei se ela ia me ajudar a guardar os instrumentos e ela só balançou a cabeça sinalizando que não, mas um tempo depois me ajudou a guarda-los.

Clarissa prestou bastante atenção na história, geralmente ela é bem atenta e tanto ela quanto Nila às vezes pegam o livro após eu terminar de contar para passarem as páginas e fazerem a sua leitura individual. Essa ação me faz lembrar do famoso ensinamento do mestre Paulo Freire, “*a leitura do mundo, precede a leitura da palavra*”.

Para alguns personagens que apareciam na história Clarissa cantava as músicas que ela conhecia, como *A galinha pintadinha* e *O pato*. Quando disponibilizei os dedoches e a estrutura de teatrinho ela se encantou pelos dedoches, ficamos com eles até o final do Encontro. Ela usou o dedoche da galinha e recontou a história pedindo ajuda para fazer o bolo<sup>99</sup>. Eu e sua mãe fizemos os outros animais que se relacionam com a galinha. Depois de um tempo ela pegou o passarinho e dizia que ele queria ver a natureza.

Em outro momento ela começou a usar a estrutura de teatrinho e o bolso que tem nessa estrutura de repente virou uma banheira onde todos tomaram banho, talvez inspirada por uma passagem da história em que o porquinho estava tomando banho em uma banheira.



Imagens 31 a 33: Livro *A Galinha Xadrez* e Dedoches, 2021.

<sup>98</sup> Os pais de Nila me cederam uma entrevista para falarem sobre suas percepções acerca dos Encontros Brincantes. Durante a entrevista eles explicaram sobre a brincadeira e cantaram essa música. Esse trecho está disponível para acesso através do link <https://youtu.be/XMtdqGyfKss>. Tempo de 15'03" a 17'50".

<sup>99</sup> O livro é uma releitura da história em que uma galinha acha um milho e pede ajuda para fazer um bolo. Ninguém quer ajudar, mas querem comer depois.

#### IV - História como linha-guia: A Bonequinha Preta

1. Música de Chegança: Música *Parapapapá*
2. Interação com boneca Kuruni (um títere que dei o nome de Kuruni)
3. Hora da História: *A Bonequinha Preta*
4. Dedoches com os personagens da história
5. Objeto Brincante: Bonecas de tecido e/ou croché de diferentes tamanhos
6. Cantoria
7. Música Final *Ciganinha*

*Boa tarde {Vanessa}, levante as suas mãos.  
Abra um sorriso e cante essa canção  
Paraparaparaparaa papapá<sup>100</sup>*

Nila dançou com a boneca Kuruni, um títere (boneca de fios), e os pais também demonstraram se divertir. O pai chegou a fazer uma chamada de vídeo para pessoas no Irã e mostrava Nila dançando com a boneca. Com Clarissa eu mostrei a boneca e quando eu ia falar o nome dela, a mãe de Clarissa se adiantou perguntando “como será que ela chama?” e disse para a filha pensar em um nome. Nila e Clarissa prestaram bastante atenção na história, Clarissa foi passando as páginas do livro enquanto eu contava a história, em certo momento ela passou a representar um trecho da história: ficou se jogando no chão. Quando eu percebi isso eu falei “a Clarissa caiu no cesto do verdureiro, igual a Bonequinha Preta” ela riu e nessa hora perguntou o que era verdureiro. A mãe então explicou dando o exemplo do vassoureiro que passa na rua delas e que ela tinha visto por aqueles dias. Ela continuou se jogando no chão ao longo do encontro então cantei a música *Tá Caindo Fulô* e a mãe lembrou-se de *Cai, Cai Balão*.

*Cai, Cai Balão. Cai, Cai Balão.  
Aqui na minha mão.  
Não cai não, não cai não, não cai não.  
Cai na rua do sabão<sup>101</sup>.*

---

<sup>100</sup> Música aprendida com Patrícia Salviano. O uso das chaves { }, indica um convite para inserir os nomes das crianças presentes naquele momento. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5hm5bf8du7U>> acesso em 03.08.2021

<sup>101</sup> Música de Domínio Público.



Nila interagiu bastante com os elementos apresentados. Ela ficou um bom tempo depois da história com os dedoches da Mariazinha, dona da boneca, e do Gatinho, que rouba a Bonequinha no meio da história. Um tempo depois eu mostrei as bonecas de pano que levei para a atividade e ela ficou interagindo com a boneca maior. Quando viu uma Abayomi com bebezinho no colo ela pegou uma boneca menor e pôs no colo da boneca grande, reproduzindo a Abayomi que ela viu. Eu peguei no colo uma outra boneca e então cantamos músicas de ninar neném. Em certo momento fiz a música *Formiguinha da Roça*, mas eu fiz uma pequena mudança que pensei na hora e cantei “Menininha da roça endoideceu” e colocava a mão em partes do corpo de uma das bonecas. Nila então também passava as mãos no corpo de uma outra boneca, me imitando.

*Formiguinha da roça endoideceu  
Com a dor na {cabeça} que lhe deu  
Ai pobre, ai pobre formiguinha  
Bota a mão na {cabeça} e faz assim, e faz assim.*<sup>102</sup>

Depois Nila começou a pular com alguma boneca e então eu cantei *Pula Pulguinha* e peguei os instrumentos para tocarmos para as bonecas, assim comecei a cantoria.

Quando o Encontro já estava quase se encerrando Nila se sentou no meu colo e eu pedi para que a mãe cantasse uma música de sua infância para eu embalar a Nila e ela cantou uma canção em persa. Depois, com Nila ainda no meu colo eu fiz *Bambalalão*, balançando os nossos corpos de um lado para o outro. Em seguida ela me ajudou a guardar os instrumentos e as bonecas.

*Bambalalão, senhor capitão  
Espada na cinta e ginete na mão*<sup>103</sup>

No Encontro com a Clarissa eu cantei a música *Boneca de Lata* e ela dançou tocando nas partes do seu corpo à medida em que elas eram cantadas na canção.

---

<sup>102</sup> Música de Domínio Público recolhida por Heitor Villa-Lobos. Letra: (Mudar as partes do corpo e brica fazendo carinho nessa parte na hora em que canta “e faz assim”). Uma curiosidade com relação a essa música. Em alguns momentos na Casa de Leylá aconteceu de uma criança vir mostrar um machucado no corpo. Quando isso acontece outras crianças mostram machucados reais ou aparentemente inventados. Então eu falo “ihhhh está todo mundo igual a formiguinha da roça?” e começo a cantar a música. A primeira vez que usei essa música na creche eu não estava me sentindo bem e quando entrei na turma mais agitada eu falei que estava passando mal igual a formiguinha e cantei.

<sup>103</sup> Música de Domínio Público.

*A minha boneca de lata bateu com a cabeça no chão  
Levou mais de uma hora pra fazer a arrumação  
Desamassa aqui pra ficar boa.*<sup>104</sup>

Clarissa não teve tanta relação dessa vez com os dedoches e nem com as bonecas de pano que mostrei mas o Encontro fluíu com a parte musical em destaque. Para encerrar, dançamos *Ciganinha*. Tanto Clarissa quanto Nila parecem adorar essa música. A mãe de Nila disse que ela pede para usar vestido para poder dançar e então ela dança balançando o seu vestidinho.

*Ciganinha que veio da Bahia (2x)  
Para festejar a festa desse dia (2x)  
Ciganinha tem um lindo rebolado (2x)  
Blusa de renda, saia de babado (2x)*

*Ciganinho que veio da Bahia (2x)  
Para festejar a festa desse dia (2x)  
Ciganinho tem um lindo rebolado (2x)  
Blusa de linho, sapato bem pintado (2x)*<sup>105</sup>



Imagem 34: Livro *A Bonequinha Preta*, edição de 1993 e Dedoches, 2021

<sup>104</sup> Música *Boneca de Lata* de Bia Bedran. É uma brincadeira acumulativa. Vai mudando as partes do corpo até chegar em 10 horas e boneca ficar boa.)

<sup>105</sup> Música de Domínio Público. Aprendi com Lucilene Silva e a segunda parte eu criei.



Imagens 35 e 36: Ilustrações do Livro *A Bonequinha Preta*, edição de 1993, 2021.



Imagem 37: Kuruni, Boneca de Fios / Imagem 38: Bonecas de Pano, Amigurumi e Abayomi, 2021.

### Pequena Transição:

No mês de junho de 2021 eu iniciei um trabalho como professora de teatro na Casa de Leylá/Rede Cruzada e em agosto eu encerrei as atividades com a Nila. Irei descrever o roteiro e o desenrolar de mais dois roteiros, dessa vez realizados com Clarissa e na creche.

## V - História como linha-guia: Catirina e o Boi

1. Música de Chegança: Música *Boa tarde começa com alegria*
2. Apresentação de uma imagem de Boi Bumbá, presente no livro *Pula, Boi!*
3. Hora da História: *Catirina e o Boi*
4. Encenação da história do Boi com as crianças maiores de 2 anos
5. Elemento para interação: Boi usando na história
6. Cantoria
7. Música Final *Olaria do Povo*

Esse roteiro eu fiz nos encontros com Clarissa e para as seis turmas da Casa de Leylá. Tem algumas canções eu gosto de usar com certa regularidade para dar as boas-vindas e a canção *Boa tarde começa com alegria* é uma delas pelo fato de ter um gestual que os bebês e as crianças demonstram gostar de acompanhar.

*Boa tarde começa com alegria.  
Boa tarde começa com amor.  
O sol a brilhar, as aves a cantar:  
Bom dia, bom dia, bom dia.<sup>106</sup>*

Introduzi a história mostrando uma imagem de Boi Bumbá que tem no livro *Pula, Boi!*<sup>107</sup>

Para contar a história usei bonecos: a Catirina é um mamulengo que confeccionei em uma oficina realizada antes da pandemia, ministrada por Sandro Roberto e Pai Francisco e o Boizinho foram confeccionados por uma amiga titeriteira, Maria Madeira

Para Clarissa eu levei uma saia de chita e após a narração, eu perguntei se ela queria vestir para brincar com a história do Boi. Ela vestiu como se fosse um vestido e ficou brincando dizendo que era a Catirina, a mãe colocou um chapéu para ser o Pai Francisco e eu me cobri com um tecido de estrelas para representar o Boi. Ela tentou usar os mamulengos, mas não conseguiu manipular por causa das mãos pequenas. Clarissa começou a dizer que tinha um cisco no olho e só o pajé iria curar, quando entendi o jogo eu fui primeiro com a injeção do

<sup>106</sup> Música de origem desconhecida, aprendi em uma oficina de Danças Circulares ministrada por Denise Nagem.

<sup>107</sup> CASTANHA, Marilda. **Pula, Boi!** Texto e ilustrações: Marilda Castanha. São Paulo: Scipione, 2012.

médico e depois com o sino do padre para tentar curar mas “nada”, o cisco só foi curado com o som da maraca do Pajé, como acontece na história.

Com os bebês e as crianças da Casa de Leylá, após contar a história eu perguntei se queriam fazer carinho no boi e então passei com ele por cada criança para acaricia-lo. Algumas crianças falavam: “ele é fofinho!”. Uma das educadoras ficou curiosa e foi tocar nele pra ver se era fofinho mesmo e fez uma cara de decepção quando sentiu que não era fisicamente fofo, mas foi assim que algumas crianças o sentiram. Com as crianças do Maternal, após elas acariciarem o boi eu sugeri que eles brincassem de ser os personagens da história e todos eram todos os personagens a medida em que eu recontava a história. Quando o boi morreu eu dizia que eles haviam morrido, ficaram deitados no chão.

Depois fui dançando com o boizinho para despertar as crianças que estavam deitadas e então cantei o trecho que adaptei da música *Bom bumbá*, de Luis Gonzaga:

*Ê boi, ê boi  
Ê boi do mangangá (2x)  
Pega essa criança  
E vem aqui brincar (2x)<sup>108</sup>*

Na creche o tempo que tenho é de 40 minutos, então não há a cantoria, mas geralmente vou cantando músicas que eles pedem ou alguma que lembro no meio da atividade. No final desse dia propus uma brincadeira corporal chamada *Olaria do Povo*.

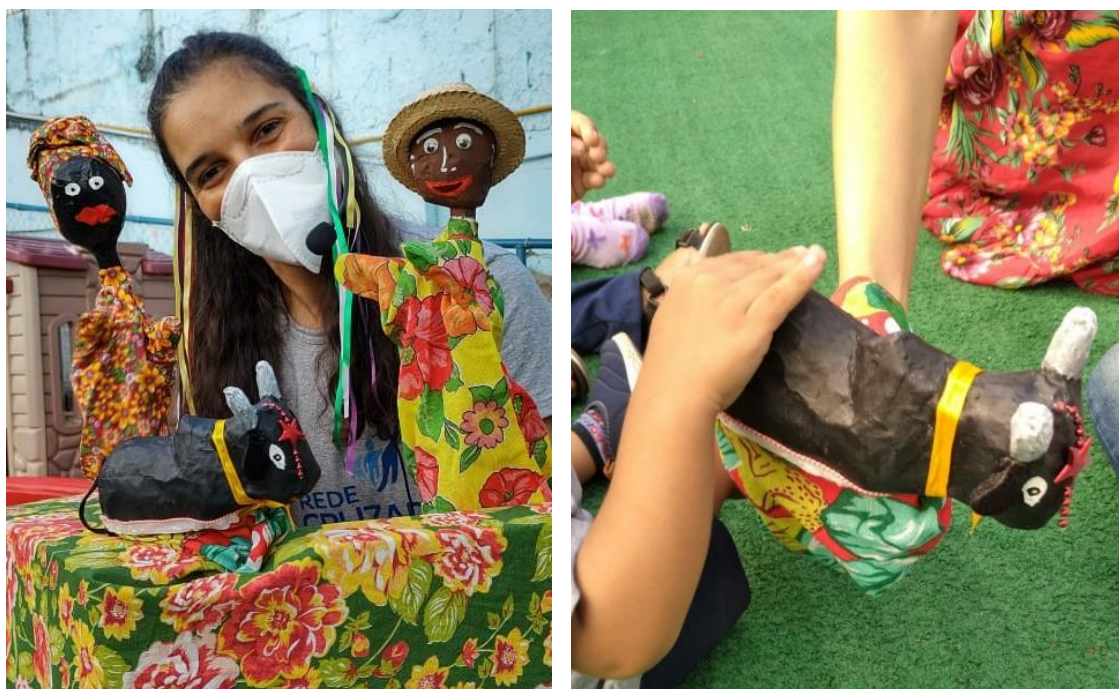
*A {Vanessa} vai ter que entrar  
Na olaria do povo (2x)  
Ela desce como um vaso velho e quebrado  
Sobe como um vaso novo (2x)<sup>109</sup>*

Nessa brincadeira as pessoas formam uma roda e quando é dito o nome de um participante essa pessoa entra na roda desce, indo até o chão, e depois volta. Quando a roda é feita com bebês um adulto entra com ele no colo e faz o movimento.

---

<sup>108</sup> Letra original: “Ê boi, ê boi / Ê boi de mangangá / Quem não tem chuculatêra / Não toma café nem chá”

<sup>109</sup> Música de domínio público, aprendida com Ana Maria Carvalho, em 2019.



Imagens 39 e 40: Mamulengos usados na história e carinho das crianças no Boi-bumbá, 2021.



Imagem 41: Criança com elementos da história do Boi-bumbá, 2021.

## VI - História como linha-guia: O Pequeno Príncipe Preto

1. Música de Chegança: Música *Como é bom te ver*
2. Hora da História: *O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos*
3. Borrifador com água
4. Sementes de Girassol para plantar
5. Sementes de Girassol, grãos de milho, lãs, cola e papel para fazer uma colagem
6. Música Final *Alface já nasceu*

Comecei com a música que faço intercalando batidas de palmas e batidas das mãos nas coxas e diz:

*Oi {Vanessa} como é bom te ver  
E com alegria,  
Mando um beijo pra você.<sup>110</sup>*

Narrei a história do *Pequeno Príncipe Preto para Pequenos* e em seguida mostrei sementinhas de girassol. Eu disse que essas sementes tinham sido enviadas pelo personagem e que precisávamos cuidar com carinho. Então mostrei a terra para Clarissa e começamos a plantar.



Imagem 42: Preparando a terra para o plantio

---

<sup>110</sup> Domínio Público.

Clarissa demonstrou gostar de brincar com a terra e com as sementes. A mãe disse que achava que era a primeira vez ela plantava. Após plantar regamos com água a terra, em seguida eu borrifei um pouco de água sobre a Clarissa dizendo que era chuvinha. Ela se divertiu com uma chuva só pra ela.

Depois perguntei se ela queria fazer uma flor com as sementes para levar pra casa. Então ela começou a fazer uma colagem. Em certo momento a mãe disse que ia tirar foto do que ela estava fazendo para que eu mandasse para o meu amigo, o Pequeno Príncipe Preto. Clarissa ficou muito empolgada com o fato de que eu ia enviar a foto para ele. Quando terminei o encontro fiquei pensando – e agora? Não posso ignorar a imaginação dela e então pedi a um amigo, que é ator, para gravar um áudio dizendo que era o Pequeno Príncipe Preto e agradecendo pela imagem. Naquele dia aconteceram algumas trocas de áudio bem afetuosas entre Clarissa e meu amigo, intermediadas por mim e pela mãe.



Imagens 43 a 45: Plantio de sementes de girassol e colagem, 2021.

Para finalizar o encontro do dia fizemos a música *Alface já nasceu*. Geralmente eu canto a primeira vez e a gente roda em ciranda na primeira parte e faz os movimentos ritmados na segunda parte. E da segunda vez que canto, eu faço movimentos para toda a música.

*Alface já nasceu,  
A chuva quebrou um galho (2x)  
Rebola chuchu, rebola chuchu  
Rebola senão eu caio (2x)<sup>111</sup>*

Clarissa gosta de participar incrementando informações às canções então, após fazermos por algumas vezes essa ciranda, eu perguntei o que mais havia nascido e ela então disse “casa”.

---

<sup>111</sup> Domínio Público.



Cantamos então uma versão adaptada na hora: “A casa já nasceu e chuva quebrou a telha. Rebola casinha, rebola casinha. Rebola senão eu caio”.

Na Casa de Leylá eu contei a história para os grupos em um dia da semana e no dia seguinte plantamos as sementes de girassol para celebrar a chegada da primavera. Nesse dia a Casa de Leylá estava toda enfeitada para festejar chegada da estação. Era um dia especial e entre as atividades programadas estavam o plantio das sementes e uma apresentação teatral que ensaiei junto a algumas educadoras. O texto se chama “A Floresta Mágica” e foi escrito por Pierre André, ator e contador de histórias de Belo Horizonte.

A atividade aconteceu no pátio e antes de plantar as sementes eu mostrei para as crianças uma flor de girassol, elas quiseram fazer carinho na flor, então passei de mão em mão, como faço normalmente com algum elemento que levo. Eu tive receio de alguma criança despertalar o girassol e ele não poder ser usado em outras turmas, mas as crianças foram muito cuidadosas e afetuosas ao tocá-lo. Como estava um dia muito quente eu brinquei de borrifar água nas crianças, dizendo que estava molhando minhas sementinhas. Em seguida cada criança plantou as sementes para levar pra casa depois.



Imagens 46 a 48: Plantio de Girassol com crianças da Creche, 2021.



Imagens 49 e 50: Mão de criança após o plantio e Vasinhas das crianças, 2021.

Na semana seguinte seria a realização da colagem com sementes. Eu contei novamente a história para relembrar a relação do personagem com as sementes e usei novamente o borrifador de água, aliás esse borrifador me fez companhia por mais tempo, durante os dias quentes que se seguiram. Depois da história comecei a apresentar os materiais. A colagem na creche foi feita de forma coletiva em uma folha de papel pardo para facilitar a disposição e o acesso das crianças aos materiais e para que elas se relacionassem entre si durante a feitura.



Imagens 51: Contando a história, 2021



Imagens 52 a 53: Colagem de Sementes e Linhas, 2021.



Imagens 54 e 55: Colagem de Sementes e Linhas, 2021.

## VII - História como linha-guia: Amor de Cabelo

1. Música de Chegança: Música *Katibiribi*
2. Uma Boneca de pano para interagir
3. Hora da História: *Amor de Cabelo*<sup>112</sup>
4. Papel A4 com o desenho de um rosto e massinha colorida.
5. Músicas: *Cabelo* (cantada por Gal Costa) e *Respeitem meus cabelos, brancos* (de Chico César) para dançar

<sup>112</sup> CHERRY, Matthew A. **Amor de Cabelo**. Ilustração: Vashti Harrison; Tradução de Nina Rizzi. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2020.

Vou relatar apenas como foi com as turmas na Casa de Leylá. Levei a história *Amor de Cabelo* para a Clarissa, mas acabei não fazendo anotações desse dia. Comecei cantando uma música que brinca com os nomes das crianças:

{Vanessa}  
 Katibirib{essa}  
 Serramatib{essa}  
 Firifirifirif {essa}<sup>113</sup>

Em seguida eu mostrei para as crianças uma Boneca de pano, e interagi como se fosse a boneca falando que gostava muito quando o cabelo dela ficava com penteados diferentes (essa boneca tem os cabelos presos em vários lacinhos coloridos).



Imagem 56: Interação com Boneca de Pano, 2021.

Em seguida contei a história do livro *Amor de Cabelo*. O livro é uma versão do premiado curta-metragem *Hair Love*<sup>114</sup>. Algumas meninas demonstraram alegria ao mostrar como estavam os seus cabelos, alguns soltos, outros com pompons, tranças ou amarradinhos. Após ouvirem a história propus às crianças colocarem a mão na massa e elas começaram a fazer uma modelagem de massinha sobre uma folha de papel A4 com um rosto previamente desenhado.

<sup>113</sup> Domínio público

<sup>114</sup> Curta-metragem **Hair Love**, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qXwWxRjrVA8> - Acesso em 14 de julho de 2021.



Imagens 57 e 58: Crianças criando cabelos com massa de modelar, 2021.



Imagens 59 a 61: Cabelos criados com massinha, 2021.

Após a colagem eu coloquei para tocar duas canções: a música *Cabelo*, gravada por Gal Costa e a música *Respeitem meus cabelos, brancos* de Chico César. Eu deixei para tocar duas versões dessa última canção, uma na voz do compositor e outra na voz de Xênia França. As crianças dançaram livremente balançando os cabelos em vários momentos das canções.

Nesse dia houve um envolvimento diferente por parte das educadoras, todas participaram, fazendo também uma colagem com cabelos de massinha.



Imagens 62 e 63: Atividades feitas pelas educadoras junto com as crianças, 2021.

### 3.6 - Objetos Brincantes: Atividades e Recursos

- Agora vou contar uma história  
que veio do Maranhão.  
- Aranhão é uma aranha grande?  
(pergunta de uma criança em uma roda  
de contação de histórias realizada pela autora)

As atividades artísticas e lúdicas são como uma nutrição para os nossos sentidos, elas visam alimentar o repertório cultural que está se formando nos bebês e crianças. Neste tópico baixo irei comentar alguns dos materiais que tenho utilizado no trabalho com os bebês e que podem servir de inspiração para educadores, familiares e/ou cuidadores de crianças. Mas, antes de começar a brincadeira, um primeiro passo: pés descalços!

Para que os bebês e seus acompanhantes entrem no espaço, solicito para que os sapatos sejam tirados. O contato dos pés com o chão é relaxante e de suma importância para os bebês e crianças pequenas. Segundo a medicina chinesa, nas plantas dos pés temos pontos que se conectam com os nossos órgãos vitais, assim, ficar descalço é uma forma de estimular esses pontos. Os pés tem muitas terminações nervosas e muita sensibilidade, proporcionando a recepção de diferentes informações do entorno, a recepção de informações sobre o mundo.



Imagem 64: Bebê em atividade do Concha de Histórias, 2014.

Estudos feitos pela pesquisadora Isabel Gentil García, pela Universidade Complutense de Madri, mostram a importância dessa simples ação para um maior desenvolvimento motor e cognitivo dos bebês e crianças. Em seu estudo intitulado *“Podología preventiva: niños descalzos igual a niños más inteligentes”* García constatou que os recém-nascidos até a idade de oito, nove meses tem mais sensibilidade nos pés que nas mãos e os pés descalços ajudam no desenvolvimento intelectual do bebê. *“Según el estudio los bebés descalzos aceleran la maduración de las habilidades motoras, además de la coordinación visual y manual. Los bebés descalzos se sienten cómodos, felices y pueden explorar y desarrollarse correctamente.”*<sup>115</sup> Brincar com os pés no chão contribuem para o desenvolvimento psicomotor além de proporcionar noção de equilíbrio, de estabilidade e de lateralidade, melhora a postura corporal, fortalece a musculatura das pernas e dos pés e ainda ajuda a criar o arco plantar, evitando o pé chato, dentre outros benefícios<sup>116</sup>. Por isso, quando as famílias chegam ao espaço em que realizamos os encontros do Concha de Histórias, pedimos que deixem os calçados do lado de fora da sala.



Imagem 65: Entrada da sala no espaço em Botafogo, 2018.

Segue abaixo a relação de alguns dos recursos presentes nos Encontros Brincantes e também um breve comentário sobre as possibilidades de sua utilização.

<sup>115</sup> <<https://cliselec.es/pies-descalzos-igual-a-ninos-mas-inteligentes/>>consultado em 22 de julho de 2022.

<sup>116</sup> <<https://ciclovivo.com.br/vida-sustentavel/equilibrio/pes-livres-descalcos/>> consultado em 22 de julho de 2022.

### ARGOLAS:

É um recurso que gosto de usar nos primeiros Encontros com os bebês, por ser bem versátil. Com as argolas é possível brincar de colocar em diferentes partes do corpo e fazer brincos, pulseiras, óculos e chapéus. Brincar de rolar de um lado para o outro e também rodando como um pião. Em certos momentos elas podem ser usadas para produzir som, batendo uma contra a outra, e cantar algumas canções.

### BRINQUEDOS DIVERSOS:

Utilizo diferentes brinquedos como Peteca, Pião, Rói-Rói, Bonecas de Pano, Brinquedos de Madeira, como Mané Gostoso (conhecido na minha infância por equilibrista), Quebra-cabeça, Carrinhos, Aviões, Trenzinhos e Brinquedos de Encaixe.

Quando as faculdades motoras do bebê se desenvolvem, ele aprende que não só é capaz de perceber o mundo, mas é também capaz de se associar a ele. (...). Quanto mais se desenvolvem seus músculos e se organizam seus sentidos, mais ele compreende que pode não apenas conhecer e se associar ao mundo, mas também transformá-lo. Se levarmos uma criança à praia, com areia ela fará esculturas e se descobrirá escultora. Se lhe dermos papel branco e lápis de cor, ela se descobrirá pintora. Brincando com peças de madeira, a criança organiza esculturas como, mais tarde, com palavras, organizará ideias e falas. (BOAL, 2009. Pág. 61)



Imagem 66: Bebê com Boneca de Pano, 2015 / Imagens 67 e 68: Brinquedos de Madeira com bebês, 2019.



Imagens 69 e 70: Petecas, inicialmente escondidas no tecido, 2021.





Imagem 71: Abayomi com bebê, 2021. / Imagem 72: Boneca produzida por “Preta Pretinha”, 2022.

Sobre as bonecas de pano gostaria de ressaltar a especificidade das bonecas Abayomi. Elas são feitas unicamente com retalhos de tecido, sem cola e sem costura, apenas com amarrações e foram criadas pela artesã maranhense, radicada no Rio de Janeiro, Lena Martins, em 1987, quando Lena era coordenadora no CIEP Luiz Carlos Prestes, na Cidade de Deus (Zona Oeste do Rio de Janeiro). Para algumas pessoas pode soar estranho saber sobre a verdadeira autoria das bonecas, visto que há uma história difundida que fala sobre uma possível origem dessas bonecas em navios negreiros, porém não há registros históricos que comprovem essa informação. Para a historiadora Luciane Adriano não há registros das mães acompanhadas de seus filhos em navios negreiros, *“Os traficantes de escravos geralmente não traziam crianças pequenas porque elas não tinham ‘valor’(...) As mulheres eram separadas de suas famílias, e algumas das crianças menores que entravam nos navios eram jogadas no mar.”*<sup>117</sup> Embora algumas pessoas acreditem nessa falsa origem, caso já existisse uma boneca com esse formato e características desde o período colonial, provavelmente ela constaria em livros como os do pesquisador Câmara Cascudo, e não há nenhum registro em suas publicações.

<sup>117</sup> RAMOS, Eduarda. Bonecas Abayomi: o perigo de contar uma história hegemônica. **Portal Lunetas**, Publicado em 30 de agosto de 2021 Atualização: 19 de setembro de 2021 Disponível em <<https://lunetas.com.br/bonecas-abayomi/>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

Não me lembro quando ouvi pela primeira vez a falsa história de que as bonecas Abayomi surgiram nos navios negreiros, mas desde que soube a verdadeira autoria sempre que vejo uma artesã que reproduz essa história eu questiono se ela sabe que a boneca foi criada recentemente e que sua criadora está viva. Converso sobre a importância de valorizar a criação de uma mulher que nos é contemporânea. O curioso é que geralmente quem comercializa as bonecas Abayomi tem impresso, ou mesmo escrito a mão, como vi certa vez em uma barraca de uma artesã argentina em Morro de São Paulo/BA, a história de que a boneca foi criada por mulheres nos porões dos navios tumbeiros, como também eram chamadas estas embarcações. Certa vez, uma artesã que expunha em uma feira organizada por um instituto de pesquisa relacionado a cultura afro no Rio de Janeiro me disse que a história verdadeira era a que estava escrita ali no seu *banner*. Eu então lhe mostrei uma publicação no instagram a respeito do “Manifesto por Reparação – Abayomi Boneca Preta Brasileira”<sup>118</sup> e disse que ao propagar essa versão ela propaga uma “Fake News”. Após alguns bons minutos de conversa ela me disse que sabia sim que a boneca tinha sido criada recentemente, mas o seu *banner* e os *flyers* de divulgação já estavam prontos quando ela soube e disse que então não podia fazer nada.

Para Carlos Machado, historiador e autor do livro “Gênios da humanidade – ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente”, a disseminação da narrativa da boneca oriunda de navios negreiros “*se insere nessa sociedade que prefere o conto de fadas, que prefere o mito*”. Em um país tão desigual, violento e cruel como o Brasil, onde ainda há pouca reparação histórica para a população afrodescendente e indígena, o mito surge “*para aplacar um pouco a culpa, a responsabilidade, do que foi feito com essas populações*”. Nesse sentido, a narrativa romantizada sobre as abayomis também é cruel por invisibilizar o trabalho de Lena Martins, negando a autoria de um símbolo cultural à autora ainda viva. (RAMOS, 2021)

Alguns materiais que utilizo com os bebês nos Encontros Brincantes possuem uma história de afeto, geralmente eu conto a origem de alguns elementos pois, por vezes eu escuto a expressão “onde você arrumou isso, Vanessa? Você tem cada coisa diferente” e então eu conto de onde veio aquele brinquedo. Se comprei em algum lugar diferente ou de fácil acesso, se ganhei de alguém... Tenho muito material que ganhei de pessoas queridas, como a boneca Abayomi (imagem 71) que ganhei de um colega de um curso de Brinquedos e Brincadeiras. Sempre que a utilizo, friso a autoria de Lena Martins e espero que outras pessoas também dêem a ela o devido reconhecimento por sua criação.

---

<sup>118</sup> Instagram abayomi.lena - <[https://www.instagram.com/p/CFXUWw5JgO4/?utm\\_medium=share\\_sheet](https://www.instagram.com/p/CFXUWw5JgO4/?utm_medium=share_sheet)>  
Postagem feita em 20/09/2020 e Consultado em 20.02.2022

## CELOFANE:

O celofane é um material não estruturado muito versátil que pode ser transformado em uma infinidade de elementos. Os celofanes podem ser jogados para o alto fazendo assim uma chuva de cores. Eles podem servir para brincar de esconder a criança e podem também proporcionar experiências sonoras. O som que se escuta ao friccionar um pedaço de celofane com outro pode ser usado para marcar o ritmo enquanto se canta músicas da cultura da infância.

O movimento realizado quando se fricciona um pedaço de celofane em outro lembra o de alguém lavando roupas à mão. Esse gesto me trouxe certa vez a inspiração para cantar uma música de domínio público, que pode ser considerada um brinquedo cantado pois possui um gestual próprio. Quando faço uso dessa canção, ensino os gestos para as crianças e os adultos. A música foi gravada por Pereira da Viola e que diz:

*Dona Mariana, oi Léo, Léo, Léo  
Dona Mariana, oi Léo, Léo, Léo  
Dona Mariana, oi Léo, Léo, Léo  
Dona Mariana, oi Léo, Léo, Léo*

*Lava a roupa com o sol ali  
Um trouxão de roupa assim  
Uma bolinha de sabão assim  
Uma tabinha desse tamanho assim  
Lava, lava, lavadeira, lava a roupa do seu senhor<sup>119</sup>*

O som que o celofane produz pode dar também a ideia do som de um trem. Dessa forma, outra canção pode ser usada ao brincar de reproduzir um trem com os celofanes. A música é *O Trem*, da Bia Bedran.

*Lá vai o trem, vai subindo pelo monte  
Lá vai o trem, vai subindo pelo monte  
Ele vai por aí, piuí, piuí  
Ele vai por aí, piuí, piuí  
Café com pão, bolacha, não  
Café com pão, bolacha, não  
Chique-chique, choque-choque, bota lenha, põe carvão  
Chique-chique, choque-choque, bota lenha, põe carvão  
Lá vai o trem, vai subindo pelo monte*

---

<sup>119</sup> Domínio público, gravada por Pereira da Viola.

*Lá vai o trem, vai subindo pelo monte  
Ele vai por aí, piuí, piuí  
Ele vai por aí, piuí, piuí<sup>120</sup>*

O papel celofane pode ganhar variadas formas: pode ser usado para brincar com o seu tamanho (pequeninho/grande), pode ser uma janela que se abre e fecha, pode ser usado para criar diferentes formas como chapéus, capas de super-herói ou super-heroína, virar elemento sonoro, filtros pra ver o mundo com outras cores ou para brincar de esconde-esconde, pode virar lava de um vulcão, lençol para se deitar em cima e também se cobrir, flores que caem do céu... Tudo isso e mais um pouco é o que costuma virar os papéis celofane quando usados nos Encontros Brincantes.



Imagens 73 e 74: Celofanes transformados em colchãozinho e lençol para brincar de dormir, 2022.

### CÍRCULO/CIRANDA

Estar em roda é uma organização comum nas comunidades de tradição indígena e africana, em roda todos podem se olhar. A roda é um convite para a partilha. Não há ninguém em posição de superioridade e é assim que compreendo que devem ser as relações. Estar em roda favorece o sentimento de coletividade e isso é de suma importância para bebês e crianças.

<sup>120</sup> Música *O Trem*, composição de Bia Bedran.

A roda está presente o tempo todo do trabalho, desde o início, quando nos sentamos para cantar as músicas de acolhida, até o final, quando é feita uma Ciranda ao final do encontro.



Imagem 75: Foto de atividade no espaço em Botafogo. Foto de Letícia Maia, 2016.

#### DANÇA E MOVIMENTO CORPORAL:

As danças e os movimentos são bons momentos para as crianças se expressarem corporalmente. Por vezes utilizo algumas canções que convidam o corpo pra brincar e se movimentar e sempre proponho Cirandas para encerrar os Encontros Brincantes. Como referência desse tópico escolhi uma brincadeira corporal que aprendi com a mestra maranhense Ana Maria Carvalho. A música convida as pessoas a fazerem movimentos relacionados aos animais e estimula cada pessoa a criar um movimento diferente para representar um animal imaginário, chamado Capelém:

*Lá vem o crocodilo  
O orangotango  
As duas serpentinhas  
A águia real  
O gato, o rato e o elefante  
Mas faltou alguém  
Só não vieram os dois Capelens<sup>121</sup>*

---

<sup>121</sup> Domínio Público, aprendida em curso com Ana Maria Carvalho, em 2019.

Antes de fazer a dança é explicado que os Capelens eram animais que não conseguiram entrar na Arca de Noé, então como ninguém sabe como eles se moviam, cada pessoa precisa criar o seu próprio Capelém. Na hora da dança uma pessoa cria e a roda imita, a ideia é que todos os participantes criem.

#### DEDOCHES:

As crianças se encantam bastante com os dedoches, pois na maioria dos casos elas conseguem colocar nos dedos e brincar de forma autônoma.

Eu usei dedoches nos Encontros com Clarissa, Nila e na Casa de Leylá. Ao final do primeiro encontro em que utilizei dedoches com a Clarissa, sua mãe disse que estava surpresa porque não sabia que sua filha gostava tanto desse material. Eu perguntei se era o primeiro contato dela com dedoches e ela disse que não, que a Clarissa tinha alguns, uma bailarina e um palhaço, mas que não brincava com eles. Então achava que a filha não tinha gostado. Ficamos com a sensação de que ela brincou com mais envolvimento pelo fato dos dedoches serem de animais.



Imagem 76: Dedoches para história da Arca de Noé, 2017.



Imagens 77 a 79: Interação com Dedoches na Creche, 2021.

#### ESTÍMULO A CURIOSIDADE:

Sempre que é possível eu faço alguma ação para estimular a curiosidade das crianças e deixar que a relação com o objeto apresentado aconteça a partir do seu interesse.

No planejamento dos Encontros eu escolho o material sensorial a ser utilizado naquele dia. Com o tempo eu percebi que se eu o deixo à vista, no centro da sala, assim que a criança chega ela pode ter duas reações imediatas – correr para os objetos e explorá-los ou se assustar e não querer nem entrar na sala ou se entrar não se relacionar com eles. Então uso como estratégia deixar levemente escondido para que o bebê interaja com esse elemento no seu tempo e no seu ritmo. Se o material precisa de uma arrumação prévia, como por exemplo brinquedos de encaixe, quebra-cabeça ou bloquinhos de madeira eu os deixo embaixo de um tecido para a criança possa descobri-los. Em outros casos deixo o material dentro de uma bolsa colorida e pergunto: “o que será que tem aqui?” Os bebês, quando estão maiorzinhos, me ajudam a abrir a bolsa para pegar o conteúdo.



Imagem 80 e 81: Forma como apresentei o livro *Menino Poti*, 2021.



Imagens 82 e 83: O que tem aí dentro? Fotos s/d

### LIVROS:

Seleciono para o uso com os bebês livros que tenham histórias que eu considere interessante e, se ele tiver ilustrações grandes e fáceis de serem visualizadas, melhor ainda. Eu gosto quando os bebês e crianças têm o desejo de tocar no livro e senti-lo. Isso acontece com mais tranquilidade quando utilizo livros de papel cartonado, que são resistentes e assim posso deixar o bebê se relacionar sem receio de que algo aconteça ao material.

Em alguns momentos conto a história sem usar livro nem fantoches e então algumas crianças mais velhas perguntam “cadê a história?”. Eu falo “está aqui” e aponto meus dedos indicadores para a minha cabeça. É importante narrar histórias sem o uso de recursos para que eles possam exercitar a imaginação e criar a história em sua tela mental.



Imagem 84: Contando histórias no espaço em Botafogo. Foto de Rafael Medeiros, 2016





Imagem 85: Contando Histórias na Creche, no bairro Riachuelo, 2021.



Imagens 86 a 88: Livro *Vitória Régia*

## MÃOS:

Brincar com as mãos é um ótimo recurso, e para contar/cantar histórias então é um verdadeiro encanto. As crianças adoram experimentar os jogos com os dedos e as mãos, trazendo assim a história e/ou a música para seu corpo. Uma música bem conhecida da cultura da infância é a canção *Meus Dedinhos*:

*Meus dedinhos, meus dedinhos  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão*

*Polegares, polegares  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão*

*Indicadores, indicadores  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão*

*Dedos médios, dedos médios  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão*

*Anelares, anelares  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão*

*Dedos mínimos, dedos mínimos  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão<sup>122</sup>*

Algumas canções eu conheci depois que comecei a pesquisar sobre cultura da infância como *Pom, pom, pom* que brinca com as mãos juntas e a cada frase é como se os dedos estivessem falando:

---

<sup>122</sup> Domínio público.

*Pom, pom, pom (polegares)*  
*Quem será? (dedos mínimos)*  
*Dona Mariquinha (indicadores)*  
*Pode entrar (anelares)*  
 - *Oi Comadre (um dos dedos médios)*  
 - *Oi Compadre (o outro dedo médio)*  
 (som de beijinho e os dedos médios fazem movimentos com  
 como se os compadres estivessem se cumprimentando)<sup>123</sup>

E trabalhando na Casa de Leylá aprendi com a educadora Raquel Barcelos, uma canção com gestos:

*Era uma casa bem fechada (2x)*  
*Abre a janela para o sol entrar (2x)*  
*Perto da casa, tem uma árvore (2x)*  
*Onde os passarinhos nela vão pousar (2x)*  
*Perto da casa, tem uma ponte (2x)*  
*E por cima dela passa gente assim*  
*E por baixo dela passa um rio assim*  
*Está trovejando, escureceu (2x)*  
*Fecho a janela porque vai chover*  
*Fecho a janela para adormecer.*<sup>124</sup>

#### MATERIAIS NÃO ESTRUTURADOS:

Materiais não estruturados (também chamados de materiais abertos) são objetos que podem ter um determinado uso cotidiano, mas que na hora da brincadeira não tem uma função concreta. Eles podem ser objetos de qualquer tipo e que, nas mãos de bebês, crianças e/ou adultos com escuta e olhar lúdico aguçados, podem se transformar em uma infinidade de coisas. Os materiais não estruturados podem ser objetos diversos como papel celofane, argolas, molas coloridas, garrafas com líquidos coloridos e miçangas, tecidos, conduíte, dentre outros e recursos da natureza, como folhas secas e galhos de árvore que viram casas, carrinhos, torres, janelas ou guarda-chuvas que abrem e fecham, um trem que sobe e desce pelos mais diversos montes, avião que pousa na cabeça de alguém, chapéu, coroa de rainha, pulseiras, volante de carro, borboleta, cobra, etc.

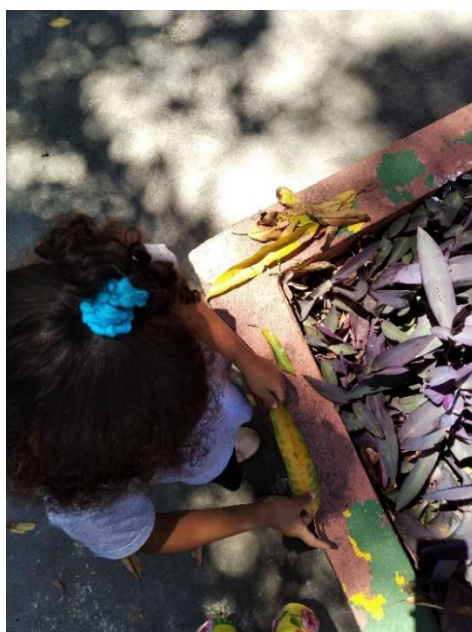
<sup>123</sup> Brincadeira de domínio público.

<sup>124</sup> Domínio público.

O uso de materiais não estruturados me faz lembrar um jogo que faz parte do arsenal de jogos do Teatro do Oprimido – Homenagem a Magritte, citada nesta dissertação no tópico “2.2 - *O Teatro e um possível retorno à infância*”. O recurso pode virar o que a imaginação quiser. Nas fotos abaixo elementos de diferentes origens, formato e textura foram usados na cabeça: como um chapéu e como uma coroa.



Imagem 89: Experimentações com elemento da natureza, 2021 / Imagem 90: Argolas viraram coroa, 2022



Imagens 91 e 92: Criança e folhas, 2021.

### PERCUSSÃO CORPORAL E BRINCADEIRAS COM O CORPO:

Sempre que posso eu utilizo canções em que podemos tocar em partes do corpo, como a brincadeira *Yapo*, para que as crianças experimentem diferentes possibilidades com o próprio corpo, possibilitando assim uma certa autonomia no brincar sonoro.



Imagem 93: Encontro Brincante. Foto de Marília Cabral, 2016

### SONS E ONOMATOPEIAS

Geralmente faço uso de sons e onomatopeias enquanto me relaciono com diferentes elementos como as argolas, petecas e brinquedos de madeira. Eu começo de forma silenciosa a interação, fazendo movimentos de forma lenta para não assustar o bebê. Dependendo da textura do objeto, eu brinco passando o objeto em alguma parte do corpo da criança, geralmente pés, pernas, barriga e costas. Se o bebê demonstrar confiança em mim, chego ao topo da sua cabeça. Se o bebê demonstra estar desconfiado inicio esse contato tátil pela pessoa responsável que o acompanha, se a desconfiança permanece eu estimulo o adulto de referência para que faça no bebê esse toque de forma leve e sutil.

#### 4. Alimentando o Imaginário - Observações dos responsáveis

Ao longo dos anos realizando os Encontros Brincantes fui ouvindo alguns comentários dos responsáveis sobre o trabalho. Eram falas como *“lembrei de uma música da minha infância...”*; *“Aqui ela fica caladinha, só observando, mas em casa ela repete tudo o que vocês fizeram. Conta a história e canta do jeito dela.”* ou *“Todo dia o dia começa com alegria lá em casa. Quando vou acordá-la a gente canta junto”*. Uma dessas falas ficou registrada como um comentário em uma postagem no início da pandemia.



Imagem 94: *Print* do perfil do Concha de Histórias no Instagram<sup>125</sup>

Nasim, a mãe de Nila, disse durante um dos Encontros que quando a colocou nas atividades do *Concha de Histórias* ela não sabia o quanto isso seria bom para a bebê, e hoje ela reconhece que fez muita diferença. Ela percebe isso tanto na atração que Nila tem por livros e pela contação de histórias quanto pela habilidade em falar o português. Nila começou a falar o português no mesmo tempo em que começou a falar o persa e até aquele momento ela não tinha ido a nenhuma escola. O contato com o português era apenas nos Encontros Brincantes e com a cuidadora que trabalhava em sua casa. A mãe percebeu que outras crianças, filhas de famílias

<sup>125</sup> Comentário de @liannibelli (mãe de duas bebês que fizeram parte dos Encontros Brincantes) em postagem feita em 17 de abril de 2020, disponível em <[https://www.instagram.com/p/B\\_FzywrpQ6g/](https://www.instagram.com/p/B_FzywrpQ6g/)> Acesso em 25 de agosto de 2022.

iranianas com idade próxima à da Nila, ainda não se comunicavam usando o português com a mesma desenvoltura que ela demonstra. Quando Nila comemorou três anos fizemos um Encontro com a presença de uma amiguinha de cinco anos, filha de um casal iraniano. A amiga não conhecia boa parte das canções que cantei no dia e olhava admirada para Nila que cantava algumas junto comigo, como que mostrando que as conhecia. Nasim acha que isso será ainda melhor para o Matin pois Nila começou as atividades com 1 ano e Matin começou aos 3 meses.

Ainda sobre a paixão por histórias, Nasim disse que quando Nila gosta de alguma história que ela tenha visto um vídeo no Youtube ela pede para os pais comprarem o livro. E o mesmo acontece com os livros que eu levo. Nesse período de Encontros presenciais na casa da família, eu vi que eles tinham exemplares de alguns com o *Sapo Bocarrão*, *A Galinha Xadrez* e um livro sobre um coelhinho que levei na semana da páscoa.

No dia do uso das bonecas de pano (20 de maio 2021) Nasim disse que gosta muito dos materiais que levo para os Encontros como os brinquedos feitos de madeira e tecido. E ela se sentia estimulada a reproduzir alguns deles, como as bonecas Abayomi que fez e me mostrou na semana seguinte à que levei e o livro em feltro em que ela reproduziu a história *Vai Embora, Grande Monstro Verde*, como relatado anteriormente, no item 3.4 Encontros Brincantes em 2021.

## 5.1 Encontros Brincantes registrados na memória

*Quando você para de brincar e mexer  
Você envelhece  
Quando você para de brincar e mexer  
A sua barba cresce  
Quando você para de brincar e mexer  
Seu coração ao invés de bater, padece  
(Jorge Ben Jor)*

Nas aulas das professoras Ângela e Carmela reforçou-se o potencial das entrevistas, uma vez que elas são fontes documentais que cada pesquisador/pesquisadora pode produzir. Em novembro de 2020 iniciei esse processo e foi bastante enriquecedor retomar o contato com algumas das famílias que participaram dos Encontros que eu realizava. As entrevistas foram feitas, em sua maioria, por *zoom*, e foram gravadas com a devida autorização de cada pessoa

entrevistada. Apenas uma entrevista foi feita de forma presencial e nesse caso foi gravada através do celular.

Antes de entrar em contato com as famílias, eu revisei algumas pastas com arquivos de fotos das atividades com os bebês e escolhi alguns registros (fotos ou vídeos) para exibir durante a entrevista. Percebi, quando exibia a imagem, que nesse momento havia um despertar de outras memórias e então novos relatos vinham à tona. Percebi esse processo das entrevistas como uma via de mão-dupla: uma pessoa me cedeu uma entrevista com suas percepções para compor o trabalho acadêmico e eu cutuquei nela lembranças de um tempo especial vivido com seu bebê.

Algumas respostas dadas me ajudaram a refletir sobre a metodologia que eu utilizava nos Encontros com os bebês e vi como isso reverberou nos adultos que os acompanhavam. Vieram relatos de mães que disseram que antes das atividades não cantavam muito para os seus bebês e que, aos poucos, foram percebendo o repertório de canções, brinquedos e brincadeiras que conheceram e/ou se reconectaram e que passaram a utilizar em casa.

Ao todo realizei sete entrevistas, sendo cinco com mães, uma com uma avó e outra com um casal. Tentei conversar com outros pais e também com algumas cuidadoras, mas não consegui agendar as entrevistas. Ao longo dos anos foram poucos os homens que participaram levando seus filhos, a grande maioria dos bebês eram/são acompanhados por uma mulher, seja a mãe, a avó ou a cuidadora. Curiosamente, desde 2014 foram menos de dez pais que levaram de forma regular os seus bebês para participarem dos Encontros. Dentre eles, alguns eram brasileiros os outros de outras nacionalidades: um alemão, um russo, um inglês e um iraniano, este último é o pai da Nila e foi quem nos cedeu a entrevista junto de sua companheira.

Para realizar as entrevistas, elaborei um roteiro com perguntas, que foram organizadas por temas. O roteiro era um guia para mim e a cada entrevista eu fazia ou não determinados questionamentos. As pessoas entrevistadas foram Priscila – mãe de Gabriel e Maria Eduarda; Karine – mãe de Laura, Matheus e Lucas; Cristiane – mãe de Luiza; Monique – mãe de Esther e Luísa; Luciana e Rita – mãe e avó de Maria e Susana; Nasim e Mohammad – mãe e pai de Nila e Matin.<sup>126</sup>

Quando as famílias foram perguntadas sobre o motivo de buscar os Encontros a resposta da maioria foi o desejo de que seu filho/filha fizesse alguma atividade para interagir com outros bebês da sua faixa etária e não ficar apenas dentro de casa. Priscila disse que foi com o objetivo de responder ao seu anseio de ter momentos de qualidade com o filho que buscou pelo trabalho.

---

<sup>126</sup>As entrevistas não foram transcritas, mas foi produzido um arquivo de áudio com os trechos de cada entrevista e que foram citados na dissertação. Os áudios estão disponíveis para acesso pelo link - <https://www.youtube.com/playlist?list=PLPWMTQZLRXDBKTDVg7Oj15Htru8pfbhvp>



Ela destacou que seu interesse era aprender formas de interagir com o seu bebê no período da licença maternidade. Ela disse: *“Você tem um bebê que você está aprendendo como interagir com ele no mundo e você não tem muita experiência, pelo menos no meu caso, né? Então eu queria aprender formas de interagir com ele.”*<sup>127</sup> Ela comentou que na rotina junto ao seu filho, ela sentiu falta de ter algo a mais para fazer com ele, por isso procurou as atividades e ali ela foi elaborando possibilidades de interagir, de brincar e também foi construindo o repertório de canções que reproduzia depois em casa.

Karine Mussalem disse que até hoje ela canta para os seus filhos algumas das canções que eram usadas nas atividades e reforçou em sua fala a importância que os Encontros tiveram para a criação do seu repertório pessoal.

Quando a gente é mãe de primeira viagem, a gente não conhece essas músicas. A gente conhece pouquíssimas. (...) Então também é legal pra você conhecer algumas brincadeiras, algumas músicas e você poder levar isso pra casa também, né? É muito legal.<sup>128</sup>

Assim como Karine, Cristiane comentou que até hoje canta algumas canções. Ela lembrou que *“tinha uma de guardar as coisas, né? A gente cantava muito em casa também. Eu cantava com ela na hora de guardar os brinquedinhos e tudo.”*<sup>129</sup>

Monique Vicente relatou que buscou a atividade com a intenção de que sua filha fosse mais sociável. Ela queria que a Esther interagisse com outras crianças da idade dela, pois ela

não convivia com outras crianças (...). Eu fui motivada por isso: a levar a Esther para interagir com outras crianças da idade dela. (...). Eu lembro que quando era dia da aula ela ficava muito feliz, sabe? Ela falava... quando ela aprendeu a falar, porque quando começou ela nem falava. Ela tinha 1 ano, 1 e pouco. Mas quando ela começou a falar eu lembro que ela falava, que era a aula dos amigos. ‘Eu vou ver os amigos’. Então era referência de amizade que ela tinha, porque ela não ia pra creche, ela não ia pra escola...<sup>130</sup>

A interação também foi a razão de Cristiane Ferreira levar sua filha Luíza, *“era um desejo de ter com quem socializar. Outras crianças... ter uma coisa mais lúdica que a gente em casa*

<sup>127</sup> SANTOS, Priscila. Trecho entre 24” e 37” da entrevista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7xplxKz-bg>

<sup>128</sup> MUSSALEM, Karine. Trecho entre 4’40” e 5’16”. Disponível em <https://youtu.be/YTk-RDwXAgE>

<sup>129</sup> FERREIRA, Cristiane. Trecho entre 4’44” e 4’52. Disponível em <https://youtu.be/qe-igfvlgyU>

<sup>130</sup> VICENTE, Monique. Trecho entre 20” e 1’42 da entrevista. Disponível em - <https://youtu.be/LeJEzZyPDQY>

*não sabe fazer tão bem né?”<sup>131</sup>. Ela disse que naqueles instantes ela tinha um tempo de qualidade com sua filha. “Era um tempo de qualidade com ela. Eu estava ali, com ela, me dedicando a ela e tudo ”<sup>132</sup>*

Já Luciana Ferreira disse que, por não querer colocar sua filha na escola, procurou pela atividade por que queria que a Maria fizesse algo fora de casa para ver outras coisas, mas não como o objetivo de se socializar pois ela disse não acreditar que uma criança de dois anos se socialize<sup>133</sup>.

Já os iranianos, Nasim e Mohammad, a princípio não estavam procurando uma atividade para a Nila. Eles souberam do trabalho através da divulgação de um festejo junino que seria realizado para os bebês e até aquele momento Nasim não sabia o que era “Festa Junina”. Ela quis ir pra conhecer, mas no dia a filha dormiu. Como ela havia feito contato, elas foram convidadas a participar em um outro dia para conhecer o trabalho:

Eu lembro que só foi, naquele primeiro dia (...), Nila e outra criança, mais ou menos da idade da Nila. Eu vi que a Nila, com um ano, (...) prestou atenção. Ela gostou, ela ficou quieta, estava observando bem. E eu pensei que essa aula, uma vez por semana, era bom pra ela porque ela não estava indo para a escola e a gente aqui não tem família, não tem muitos amigos, não tem muito contato com outras pessoas. Então eu pensei: é uma oportunidade para Nila ficar com outras crianças e também vai aprender a língua portuguesa. E gostou. E por isso que eu decidi colocar a Nila nessas atividades. E depois, cada um eu gostei mais porque, além da Nila, eu também estava aprendendo muitas coisas porque a nossa infância não foi no Brasil. Então pra nós também foi interessante.<sup>134</sup>

No caso de Rita, eu perguntei quais eram as expectativas dela com relação a atividade quando sua filha, Luciana, pediu para que ela levasse a neta aos Encontros e ela disse que ficou interessada sim *“porque era uma coisa diferente, era uma coisa ligada a criança (...) Eu gosto dessa movimentação, dessa troca de informações com as crianças. Tirar um pouco a criança de casa, fazer com que ela interaja.”<sup>135</sup>*

Karine falou, durante a entrevista, que desde cedo ela queria estimular a sua filha, por isso buscou a atividade<sup>136</sup> e disse que acredita que atividades lúdicas, como as que eram oferecidas ali, ajudavam a desenvolver a comunicação não-verbal dos bebês, que o teatrólogo Augusto Boal chama de Pensamento Sensível (BOAL, 2009):

<sup>131</sup> FERREIRA, Cristiane. Trecho entre 40” e 49”. Link citado acima.

<sup>132</sup> FERREIRA, Cristiane. Trecho entre 4’33 e 4’39. Link citado acima.

<sup>133</sup> FERREIRA, Luciana. Trecho entre 16” e 33”. Disponível em <https://youtu.be/CGvk9aZl9wY>

<sup>134</sup> KARIMI, Nasim. Trecho entre 1’36” e 3’03”. Disponível em <https://youtu.be/XMtdqGyfKss>

<sup>135</sup> SILVA, Rita. Trecho entre 26” e 50”. Disponível em <https://youtu.be/6ecU7r1keJs>

<sup>136</sup> MUSSALEM, Karine. Trecho entre 15” e 20”. Link citado acima.

Eu acho que desde muito cedo o bebê já começa a se expressar, né? E se você observar com atenção, você consegue entender o que eles estão tentando dizer ali, da forma deles. (...) Essa coisa sensorial, esse acesso a materiais diferentes, eu acho que isso ajuda muito a desenvolver essa coisa da comunicação, essa coisa mais sensitiva, essa coisa da linguagem não-verbal. Eu acho que toda essa parte sensorial e musical eu acho que ajuda muito nessa parte da comunicação não-verbal. Eu acho que é incrível você observar o desenvolvimento e como que a criança começa a se expressar muito antes de começar a falar e ela consegue se fazer entender mesmo sem palavras.<sup>137</sup>

A cada entrevista, após essa primeira pergunta sobre o motivo de incluir as atividades lúdicas na rotina familiar, a conversa foi fluindo de modo que algumas perguntas do roteiro foram feitas, algumas transformadas e outras deixadas em suspensão. O roteiro estava nas mãos, mas preferi deixar que a conversa fosse guiada pelo fluxo de uma prosa tranquila, deixando vir à tona recordações e memórias afetivas.

Uma das perguntas que estava no roteiro era se havia a percepção de contribuições da atividade realizada no desenvolvimento dos bebês. Karine afirmou que sim e em muitos fatores:

Tem a questão da socialização, de ter um primeiro contato com uma pessoa que estimule, que não seja a mãe, que conte histórias de uma forma diferente do que a gente conta. Eu acho que desenvolve muito criatividade, a parte de comunicação, socialização que eu já falei. Eu acho que contribui de forma muito positiva no desenvolvimento deles, né? A Laura sempre teve interesse por livros, desde pequena, eu sempre estimei e ela amava as aulinhas. Ela gostava dessa parte da história, ela sempre se envolveu muito com a história. E até hoje, viu? Ela agora já sabe ler, ela lê demais. Lê muito.<sup>138</sup>

Para essa pergunta, Monique também respondeu apontando diferentes aspectos positivos: *“Afetividade, (...) saber o nome dos instrumentos, as historinhas que vocês contavam (...). Ela prestava atenção e ela se lembrava dos elementos das histórias, dos personagens. E pedia pra eu contar.”*<sup>139</sup> Cristiane, mãe de Luíza, disse que ter participado dos Encontros *“contribuiu bastante porque a Luíza até hoje adora histórias, adora música. Toda essa parte musical, instrumentos... dançar. Nossa, ela ama dançar! (...) desenvolveu muito. Ela já falava tudo com um ano e pouco, né?”*<sup>140</sup> e em seguida disse que sua filha é uma menina bem sociável, ela *“nunca teve aquela coisa de não emprestar os brinquedos, ela tem muito cuidado com os outros também, com os amiguinhos. Eu acho que isso vem de socializar desde pequena, desses encontros.”*<sup>141</sup>

<sup>137</sup> MUSSALEM, Karine. Trecho entre 13’37” e 14’56”. Link citado acima.

<sup>138</sup> MUSSALEM, Karine. Trecho entre 1’18” a 2’03”. Link citado acima.

<sup>139</sup> VICENTE, Monique Trecho entre 2’12 e 2’49”. Link citado acima.

<sup>140</sup> FERREIRA, Cristiane. Trecho entre 56” a 1’ 23”. Link citado acima.

<sup>141</sup> FERREIRA, Cristiane. Trecho entre 3’36” a 3’ 54”. Link citado acima.

Para essa mesma pergunta, Priscila afirmou que participar das atividades foi importante para que o Gabriel descobrisse a existência do outro, passou a saber que o outro existe. Para ela, o momento da atividade era

uma primeira intermediação do mundo, através dos pais. Então, ele está convivendo com outros pequenininhos, mas dentro de um círculo de segurança porque está cada um ali olhando o seu, ao mesmo tempo ele vai no outro. (...) Tem um momento em que ele já se afasta um pouco da mãe, então já vai trabalhando um certo distanciamento, aprende a bater palma, levantar a mão, bater o pé (...) ‘Eu achei o meu pé, ele existe’. Então, assim, são descobertas que, podem ser consideradas bobas, mas que pra eles é vital.<sup>142</sup>

Em outro momento, Priscila disse que acredita que o vocabulário do seu filho veio das músicas e das histórias que ele ouviu:

Sempre me chamou muito a atenção porque ele era muito pequenininho e ele ficava parado para escutar a história. E foi uma coisa que eu já tinha na minha mente que eu ia incentivar a leitura, mas como muito cedo eu vi que ele prestava atenção, eu acho que ele teve uma iniciação muito cedo à leitura. Não que ele leia, (...) ele abre o livro e folheia (...) isso começou do Catavento porque eu via que ele prestava atenção. (...) Então foi algo que começou ali. Ali ele foi apresentado ao livro e foi algo que eu incentivei. E eu acho que se ele fala bem hoje em dia, pra idade dele é por conta dos livros. (...) A criança vai fazer dois anos, ele senta no quarto dele, ele pega, ele abre o livro, ele olha.<sup>143</sup>

Para Priscila, apresentar o livro aos bebês, principalmente nesse mundo digital, é algo relevante e também ganha uma outra função: serve de inspiração para que as contações de histórias em casa tenham elementos criativos, como uso de vozes diferentes para os personagens e inserção de canções na narrativa. Priscila acredita que o vocabulário do Gabriel teve como base os livros e a música.

Eu acho que quando você canta pra criança tem a questão da voz da mãe, que acalma e tem a questão do aprendizado da fala. (...) eu ficava sentada com ele, aí eu ia cantando e balançando. Então ele está olhando a minha boca, como é que eu estou falando aquelas palavras. E hoje em dia eu vejo que ele canta as músicas que eu canto pra ele. (...) Então ele está ganhando um vocabulário que vai depois fazer sentido no mundo.<sup>144</sup>

Durante a entrevista Nasim destacou o interesse de Nila pelas histórias, dizendo que

<sup>142</sup> SANTOS, Priscila. Trecho 1’23” a 2’15”. Link citado acima.

<sup>143</sup> SANTOS, Priscila. Trecho entre 3’35” e 5’08”. Link citado acima.

<sup>144</sup> SANTOS, Priscila. Trecho entre 8’02” e 10’. Link citado acima.

Foi engraçado que, cada vez que você levava um livrinho para contar para Nila, depois ela pedia para comprar este livro. Tem muitos livros que você tem. (...) Eu acho que, depois de participar naquelas atividades, que Nila participou desde um aninho, [agora na pandemia] ela gosta de ver uma pessoa que está contando um livro, está vendo muitos vídeos desse jeito. (...) ela adora história.<sup>145</sup>

Karine reforçou a importância das histórias e da música no cotidiano dos seus filhos. Ela disse que ainda hoje canta diversas canções daquela época e credita a essas práticas o fato de seu filho caçula, que nasceu nos Estados Unidos falar bem o português,

a primeira língua que ele aprendeu foi o português, entendeu? (...) Algumas pessoas ficam surpresas ‘ah, ele fala português?’ (...) mas eu conheço filhos de brasileiros que não falam a língua (...). Como em casa eu leio muito pra eles em português, eu converso em português, eu canto em português, apesar de fazer também em inglês, eles falam muito bem o português.<sup>146</sup>

A filha de Nasim e Mohammad, Nila, nasceu no Brasil e estabeleceu uma relação própria com o português, língua que ela teve contato através das atividades em que ela participava uma vez por semana e com a babá que tomava conta dela pois, com seus pais, ela fala persa. Mohammad apontou que ela conversa usando a língua persa, mas quando ela começa a brincar com outras crianças, ou mesmo em casa com os seus pais, ela usa o português. *“Quando ela quer brincar (...) só fala português. Acho que ela está pensando: quando está brincando, ela tem que falar em português. (...) Quando ela quer começar a brincar primeiro começa a falar em português.”*<sup>147</sup> Em seguida Nasim contou que a filha de uma amiga iraniana que nasceu nos Estados Unidos e que na época da entrevista tinha em torno de 5, 6 anos, brinca com as bonecas dela em inglês, e essa criança respondeu certa vez para Nasim que usa o inglês em casa porque seus *“bonecos não sabem persa”*<sup>148</sup>. Nasim disse que, para as bonecas de Nila, algumas ela dá nomes em português e outras em persa, para que Nila tenha a referência das duas culturas ao brincar.

Sobre a herança cultural Nasim diz que eles não podem *“ensinar a eles cultura iraniana porque cultura significa viver naquele ambiente, então eles não vão aprender. Por exemplo, eles só podem ter algumas ideias e informações, mas não sentem bem o que é.”*<sup>149</sup> E ela comentou sobre a diferença com relação à festa de Ano Novo, que no Irã é em março, no dia do Equinócio de Outono e aqui no Brasil não faz sentido comemorar a passagem do ano nessa

<sup>145</sup> KARIMI, Nasim. Trecho entre 20’48” e 22’04”. Link citado acima.

<sup>146</sup> MUSSALEM, Karine. Trecho entre 10’18” e 11’08”. Link citado acima.

<sup>147</sup> NEYESTANI, Mohammad. Trecho entre 10’21” e 11’13”. Link citado acima.

<sup>148</sup> KARIMI, Nasim. Trecho entre 14’34” e 14’ 39”. Link citado acima.

<sup>149</sup>KARIMI, Nasim. Trecho entre 12’01” e 12’ 20”. Link citado acima.

época. Uma curiosidade: quando fui pegar a assinatura no Termo de Consentimento para a entrevista, eles dataram o dia no calendário que seguimos no Brasil, dia 28 de março de 2022, e no calendário islâmico: dia 9 do mês Farvardin de 1401.

## 4.2 Memórias dos Encontros

Karine teve dois filhos que participaram das atividades: Laura e Matheus. Seu terceiro filho nasceu nos Estados Unidos, então ela procurou lá um trabalho similar para que ele participasse. Sobre o que ficou de memórias desse tempo com os filhos aqui no Brasil, ela respondeu:

Eu lembro que eles amavam ir. Quando falava que ia pra aula era aquela euforia porque eles gostavam muito. Eu tenho lembrança da Laura com os fantoches, com os livros de história na aula. Eu tenho lembranças do Matheus também, mas a lembrança maior que eu tenho dele é com o violão. Eu não sei se você lembra que ele era apaixonado pelo violão e ficava em cima do violão.<sup>150</sup>

Em seguida ela pontuou que *“eles gostavam muito também dessa questão da dança. No final sempre tinha dança, né? E em casa a gente sempre brincou também, eles sempre traziam isso e eu também.”*<sup>151</sup>

Ao ser perguntada sobre as recordações do Encontro, Cristiane disse que lembra *“das contações de histórias, que eram muito legais. Não era simplesmente pegar um livro e ler, né? Tinha toda uma encenação.”*<sup>152</sup> E ainda comentou que a filha *“tocava vários instrumentos, né? Pequeninha.”*<sup>153</sup> Nasim comentou sobre as histórias, disse que algumas das histórias tradicionais que eram contadas, ela conhecia da sua infância no Irã, como a história da Dona Baratinha. *“você estava contando uma história que eu lembrei da infância porque a gente teve mais ou menos aquela história na nossa cultura também.”*<sup>154</sup>

Sobre as memórias dos Encontros, Luciana disse que Maria ainda hoje gosta de fazer banda e gosta de brincar de contar histórias. Maria conta história para a irmã caçula e de vez em quando brinca com ela com um brinquedo-canção que fazíamos, a brincadeira da Tartaruga.

<sup>150</sup> MUSSALEM, Karine. Trecho entre 2'49" e 3'21". Link citado acima.

<sup>151</sup> MUSSALEM, Karine. Trecho entre 4'46" e 5'03". Link citado acima.

<sup>152</sup> FERREIRA, Cristiane. Trecho entre 1'52" e 2'01". Link citado acima.

<sup>153</sup> FERREIRA, Cristiane. Trecho entre 2'19" e 2'23". Link citado acima.

<sup>154</sup> KARIMI, Nasim. Trecho entre 7'20" e 7'31". Link citado acima.

“‘Toc, toc, toc’. Ela já fez na Susana, até hoje ela faz. (...) você é sinônimo de música pra ela. (...) no quarto dela quando ela ficava sozinha, ela estava sempre cantando... até hoje inventa música.”<sup>155</sup>

Nasim, em um dos Encontros Brincantes em sua casa, ao ver essa brincadeira da Tartaruga se lembrou de uma da sua infância. No dia do Encontro ela não se lembrava da música, só dos movimentos que eram feitos. No dia da entrevista Nasim explicou como é a brincadeira e depois, acompanhada do seu marido, cantou.<sup>156</sup> A brincadeira é sobre uma mãe fazendo massa de pão. Para brincar uma criança fica deitada, representando a massa do pão, e ela escolhe como será o toque corporal que os outros participantes vão fazer nela: Agulha – dedo indicador como se estivesse furando; Tesoura – movimentos do dedo indicador e médio como se estivesse cortando algo ou Bater – dar batidinhas com a mão em formato de concha. Depois os demais participantes colocam as mãos uma em cima da outra, fazendo uma torre de mãos. A criança que está deitada tem que adivinhar de quem é a mão que está acima de todas, se ela acertar pode se levantar, se errar começa tudo de novo. Escolhe novamente Agulha, Tesoura ou Batidinhas.

Rita, quando foi perguntada sobre as memórias do que foi vivido, disse que gostava da hora da cantoria, quando todos participavam tocando e cantando:

Eu gostava muito daquela hora da participação da música com os instrumentos musicais. A criança interagia, até a gente também brincava com aqueles ovinhos e passar um pro outro. É interessante, tinha muitos instrumentos ali de percussão que eu não conhecia.<sup>157</sup>

E depois ela lembrou de um momento que lhe chamou a atenção: *Teve um dia que os acompanhantes, pai, avós, babás, tinham que cantar uma música da infância, e o pai do Léo [Téo] cantou aquela música russa, né? (...). Foi bem interessante a gente conhecer as outras culturas.*<sup>158</sup> Por vezes eu peço aos acompanhantes para que cantem músicas de suas infâncias e esse dia foi bem especial.

Ao longo dos anos tivemos a presença de pais estrangeiros levando seus filhos. Em 2014 um casal de alemães levava a filha para as atividades. E, na época de chuvas no Rio de Janeiro, por algumas vezes só essa família ia participar dos Encontros. A mãe alemã me perguntava se

<sup>155</sup> FERREIRA, Luciana. Trecho entre 2’03” e 2’35”. Link citado acima.

<sup>156</sup> KARIMI, Nasim. Trecho entre 15’05” e 17’50”. Link citado acima.

<sup>157</sup> SILVA, Rita. Trecho entre 4’04” e 4’26”. Link citado acima.

<sup>158</sup> SILVA, Rita. Trecho entre 2’51” e 3’46”. Link citado acima.

os cariocas eram de açúcar e dizia que, na Alemanha, se deixasse de sair de casa por causa desse tempo, ela não sairia nunca. Em outra ocasião, brincando de reproduzir o som dos animais usando fantoches ela fez outros sons para o sapo e pato. Não me lembro como eram, mas era diferente do tradicional “rebt, rebt” e “quá, quá”. As trocas culturais sempre foram valorizadas nas atividades e durante a pesquisa aproveitei para perguntar ao casal iraniano sobre as diferenças culturais que eles percebiam entre Brasil e Irã, Nasim disse que, para ela as crianças iranianas que não estão em idade escolar são mais livres do que as brasileiras *“é mais difícil para as mães, mas é o jeito deles. No Irã dizem que a criança até sete anos pode fazer qualquer coisa, mas depois de sete anos, que ela entra na escola, vai aprender as coisas certinho.”*<sup>159</sup> e Mohammad reforçou essa percepção dizendo ver aqui no Rio de Janeiro muitos pais falando para as suas crianças a expressão “não pode”, *“o limite para os pais no Irã é só o perigo. Quando é alguma coisa que tem perigo eles não deixam, mas quando não tem perigo eles deixam fazer tudo o que quiserem.”*<sup>160</sup>

### 4.3 Sobre os Materiais

O cuidado na escolha dos materiais é uma tônica do trabalho, procuro ter itens que sejam artesanais e que valorizem a nossa cultura. Na medida do possível tento dizer a origem do que está sendo usado naquele momento. No caso dos instrumentos musicais a preocupação é de que sejam instrumentos, e não brinquedos que produzem som, para que os bebês e seus acompanhantes possam experimentar materiais que tenham uma qualidade sonora.

Eu achei interessante que eram instrumentos de verdade e que a criança podia manipular e brincar da forma que ela se entendesse ali, que ela quisesse. Ela ia descobrindo os instrumentos. Eu acho que as crianças terem contato com todos esses materiais, acaba desenvolvendo mais, né? Inclusive eu vejo muito isso neles (...) eu fico boba com a criatividade deles, sabe? Eu acho que isso estimula muito. Você ter contato com diversos materiais, coisa que você não vai ter em casa.<sup>161</sup>

<sup>159</sup> KARIMI, Nasim. Trecho entre 4’20” e 4’38”. Link citado acima.

<sup>160</sup> KARIMI, Nasim. Trecho entre 5’51” e 6’01”. Link citado acima.

<sup>161</sup> MUSSALEM, Karine. Trecho entre 6’03” a 6’47”. Link citado acima.



Monique, em certo momento da entrevista, comentou sobre algumas canções e alguns brinquedos que eram usados e que, infelizmente, não são comuns no dia-a-dia das crianças.

A nossa cultura atual, nesse mundo moderno, tudo tão atropelado que poucas vezes a gente para pra pensar ‘que cultura que nos pertence?’ (...) É aí quando a gente vê, por exemplo, numa brincadeira de anel que vocês faziam, isso vem trazer a nossa cultura, a nossa origem, né? (...) Brincar de peteca, por exemplo, a única vez que a Esther brincou de peteca foi lá no Catavento. E a mesma coisa eu levo pro mundo das músicas que naturalmente a gente não escuta. (...) Brincar de pião também, né? Aquele pião de corda, que você tem é uma coisa que eu não vejo. Eu só vi lá. (...) aqueles apitos, que fazem som de pássaros, eu só vi lá. E isso é muito brasileiro, é muito cultura brasileira.<sup>162</sup>

Algumas famílias às vezes comentavam que tinha reproduzido alguns brinquedos e/ou brincadeiras em casa. Nasim é uma dessas mães, ela reproduziu alguns elementos que eu levava para que seus filhos brincassem depois. Ela disse que aprendeu muitas coisas com os Encontros. *“Uma vez você levou algumas garrafas cheias de coisinhas e depois eu fiz essas garrafas (...). Eles brincaram muito.”*<sup>163</sup> E destacou a importância dos brinquedos não estruturados que eram usados quando disse que *“outra coisa que eu gosto dessas atividades que vocês fazem, é brincar com coisas simples (...) mas que pode brincar com outro jeitinho. (...) É bom pra imaginação da criança, pra criatividade.”*<sup>164</sup> Na entrevista comentamos sobre um dia em que Nila começou a brincar com um material de uma forma que eu não havia pensado. E é mais ou menos assim que os Encontros acontecem, uma troca de experimentações.

#### 4.4 Aprendizados que Reverberam

Perguntada se reproduzia algo em casa Priscila respondeu a palavra “tudo” e que ainda hoje canta a música “Bom dia começa com alegria” e outras também. Ela pontuou sobre a importância de apresentar o livro aos pequeninos de forma que seja agradável a eles, mostrando

um livro divertido, aí tem uma vizinha aqui, uma vizinha ali, aí o bichinho balança... então eu ‘pô, isso aqui é legal.’ E dá uma ideia pra mãe. Dá uma ideia pra mãe que o livro não precisa ser contado daquele jeito, como você leria (...) você pode cantar, pode fazer vozes, você pode fazer de uma forma que aquele pequenininho tenha atenção.<sup>165</sup>

<sup>162</sup> VICENTE, Monique. Trecho entre 6’57 e 9’16”. Link citado acima.

<sup>163</sup> KARIMI, Nasim. Trecho entre 18’40” e 18’54”. Link citado acima.

<sup>164</sup> KARIMI, Nasim. Trecho entre 7’47” e 8’16”. Link citado acima.

<sup>165</sup> SANTOS, Priscila. Trecho entre 5’33 e 6’. Link citado acima.

Um ponto que foi comum em algumas falas foi o aprendizado na forma de brincar com o bebê em casa. Priscila, inclusive, citou uma das maneiras de interagir com o bebê que aprendeu participando dos Encontros Brincantes, chamados na época de aulas, que é usar um tecido para brincar de esconde-esconde: *“o paninho eu descobri na Catavento. Esconde a criança (...), mas o paninho não apareceu antes. Porque eu li um bocado antes de ter o Gabriel, mas eu acho que quando você lê, você lê da gestação (...)”*<sup>166</sup>

Rita, avó de Maria, disse que a atividade era boa também para quem acompanhava os bebês *“E a gente também participa, volta um pouquinho a ser criança também, interage. (...) Era bom. (...) A gente deixava tudo de lado e ia interagir. Ia ser criança um pouquinho.”*<sup>167</sup> De forma consciente ou não, a atividade reverberava nos adultos. Monique falou que comprou instrumentos, brinquedos, e em casa ela cantava com a filha e disse ainda que a música foi muito importante para relação entre elas e para o desenvolvimento da Esther. Ela disse que:

As aulas, na minha opinião, não são só pra criança, são para os adultos também. Eu me divertia muito, eu acho que aqueles momentos também eram os momentos em que a minha criança interior se satisfazia. Pra mim também era tudo muito divertido. As novidades que vocês traziam também, como os brinquedos que a gente não tem no nosso dia-a-dia (...) faziam com que a gente se divertisse, brincasse. Eu tinha um prazer enorme de levar a Esther porque eu gostava muito de participar, de cantar com vocês, de tocar os instrumentos, de experimentar, sabe? Era muito agradável. Eu sempre disse isso e eu tenho só memórias boas do Catavento. Fui muito feliz na escolha de levar a Esther pra lá. (...) O trabalho de vocês é fantástico. (...) Vocês estão muito de parabéns pelo trabalho de excelência, pelo trabalho maravilhoso que vocês fazem com as crianças e com os adultos também.<sup>168</sup>

## 4.5 Afeto

Os Encontros tem a tônica da afetividade. Perguntada sobre as recordações dos Encontros, Monique disse que gostava da hora do abraço. E nesse momento da entrevista ela cutucou a minha memória e, durante a conversa, me lembrei de uma canção que estava esquecida<sup>169</sup> e que fazíamos ao final do Encontros naquela época. Monique disse:

<sup>166</sup> SANTOS, Priscila. Trecho entre 2’36 a 2’53”. Link citado acima.

<sup>167</sup> SILVA, Rita. Trecho entre 1’57” e 2’30”. Link citado acima.

<sup>168</sup> VICENTE, Monique. Trecho entre 15’10” e 16’54”. Link citado acima.

<sup>169</sup> “Ciranda do Abraço, canção citada aqui na pág. 45

Ah, eu gostava muito da hora do abraço, no final. Todo mundo se abraçando, eu achava muito fofo. Os bebês se abraçando, os bebês vinham abraçar a gente. (...) Por serem bebês, né? Por serem crianças muito pequenas, é mais bacana ainda por que é totalmente espontâneo.<sup>170</sup>

Ainda que sejam crianças muito pequenas, os laços de afeto começavam a ser tecidos desde então. Monique classifica o afeto nos primeiros anos de vida de uma pessoa como algo *“essencial para o comportamento da criança quando maior, quando adulto, né? Saber demonstrar carinho, demonstrar afeto, é essencial na formação, no desenvolvimento do ser humano desde cedo.”*<sup>171</sup> De forma geral, todas as pessoas entrevistadas responderam que o afeto é importantíssimo na primeiríssima infância, Karine disse que *“através do afeto que eles têm mais segurança, eles se sentem mais seguros, que eles têm um maior aprendizado, que eles se desenvolvem melhor.”*<sup>172</sup> Rita afirmou que o afeto nessa fase da vida é primordial, é algo essencial para a pessoa para contribuir no processo até que ela se torne adulta. *“Criança que é criada com afeto, com atenção, a gente espera que seja um bom adulto, não é? Porque no caminho vai mudando, mas a raiz fica. A raiz do afeto, da atenção, isso tudo fica lá, guardadinho num cantinho, mas fica.”*<sup>173</sup>

Luciana relatou uma ação que Maria faz e que ela acredita ter relação com os Encontros: dar as mãos para fazer uma ciranda. *“Eu acho que às vezes em festa, quando tinha roda e as crianças não queriam dar a mão... E lá vocês davam a mão, talvez [isso] tenha vindo de lá, né? Da roda, no final, sempre tinha. (...) Não sei se vem daí, mas ela faz isso.”*<sup>174</sup> Nos últimos anos no Brasil uma expressão se tornou muito comum “Ninguém solta a mão de ninguém”. Essa é uma frase que expressa, dentre outras coisas, empatia, expressa o cuidado com o outro. De certa forma, brincar de Ciranda no final dos Encontros, é um modo de estimular nos pequenos e nos adultos esse olhar mais cuidadoso para quem está ao seu redor. Assim, através do lúdico, plantamos sementinhas para a ampliação do olhar afetuoso para o outro.

<sup>170</sup> VICENTE, Monique. Trecho entre 3’02” e 4’ 11”. Link citado acima.

<sup>171</sup> VICENTE, Monique. Trecho entre 4’46” e 5’06”. Link citado acima.

<sup>172</sup> MUSSALEM, Karine. Trecho entre 3’52” e 4’03”. Link citado acima.

<sup>173</sup> SILVA, Rita. Trecho entre 9’20” e 9’43”. Link citado acima.

<sup>174</sup> FERREIRA, Luciana. Trecho entre 2’55” e 3’15”. Link citado acima.

## 4.6 O que é “Ser Criança”

Durante a entrevista também foi perguntado sobre como definiam a expressão “Ser Criança”. A maioria das respostas tiveram relação com a liberdade. Monique disse que ser criança é *“Ser espontâneo. É a espontaneidade da criança que é o que há de mais lindo porque é da espontaneidade que vem a sinceridade, a despreocupação com o que o outro vai pensar (...) a criança é livre.”*<sup>175</sup>

Mohammad disse que “Ser Criança” é ser uma pessoa sem estresse e Nasim, completou dizendo que

Ser criança é descobrir o mundo. Porque criança não tem nenhuma experiência, quer descobrir o mundo. E eu acho que o mundo que os adultos conhecem é experiência deles, mas cada criança tem que ter a experiência dele. Tem que descobrir do jeito dele. E vai descobrir outro mundo. (...) Ser criança é descobrir mundo mesmo.<sup>176</sup>

Karine disse que “Ser Criança” *“é você ser livre pra poder brincar. Você ser respeitado. Eu acho que é importante também respeitar a criança. (...) É você estar focado ali no hoje, no que que você quer fazer (...). É você ter um ambiente acolhedor, que cuide das suas emoções também.”*<sup>177</sup> E, por falar em ambiente acolhedor, em certo momento da entrevista, Monique falou que, pra ela o espaço em que a criança vivencia seus primeiros anos de vida enquanto educando tem que proporcionar vivências diferenciadas, e ela reforça a tese de que criança tem que ter espaço livre pra brincar.

Criança tem que se sujar, criança tem que experimentar, tem que sentir texturas, aromas, né? Tem que correr, tem que tocar. (...) Educação infantil tem que ter liberdade. Isso é fundamental para que não cresça como um adulto retraído, tímido, reprimido, envergonhado. E eu acho que a formação do caráter, da personalidade, da conduta desse ser humano vai muito de como ela foi educada na infância.<sup>178</sup>

Em certo momento Nasim começou a refletir sobre a relação com a filha e com a própria infância, ela disse que está

voltando muito para a minha infância e enquanto a Nila está crescendo eu sinto que estou crescendo junto com a Nila. Eu voltei para a minha infância, eu lembro de muitas coisas que tinha esquecido. Eu acho que ter criança é uma oportunidade pra

<sup>175</sup> VICENTE, Monique. Trecho entre 14’35” a 14’55”. Link citado acima.

<sup>176</sup> KARIMI, Nasim. Trecho entre 25’16” e 25’55”. Link citado acima.

<sup>177</sup> MUSSALEM, Karine. Trecho entre 16’38” e 17’19”. Link citado acima.

<sup>178</sup> VICENTE, Monique. Trecho entre 10’24 e 11’22”. Link citado acima.

gente viver de novo a infância dela. E também trabalhar com crianças, porque nosso trabalho foi bem diferente, a gente não teve nenhum contato com as crianças. Então a gente estava muito esquecido da infância, mas quando nasceu a Nila, a nossa vida mudou. (...) Contato com criança é muito bom. (...) quando a gente não tem contato com criança vai esquecer de tudo isso.<sup>179</sup>

A fala de Nasim me fez lembrar da animação *Alike*, já citada nesse texto. Na animação o pai, e tudo ao seu redor, estava acinzentado e só depois que ele conseguiu ouvir os sinais dados por seu filho ele pôde se reconectar com o encanto, com o lúdico. Ao longo dos anos trabalhando com bebês percebi alguns adultos brincando livremente, conectados com a sua criança, mas também vários adultos fechados, restritos à função de acompanhar o bebê naquela atividade. Um dos objetivos dos Encontros Brincantes é estimular nessas mães, pais, avós e cuidadoras um olhar para a sua criança: seja o bebê que está a acompanhar, seja a criança que está dentro de si.



Imagem 95: Ciranda com famílias, 2017

---

<sup>179</sup> KARIMI, Nasim. Trecho entre 26'42" e 28' 15". Link citado acima.

## Entrou pela perna do pinto, saiu pela perna do pato. Quem quiser que conte quatro – Conclusão

*A gente tem que ser criança para poder ser professor  
(Cacique Kanátyo Pataxó)*



Imagem 96: Criança após participar de uma atividade. Foto de Marília Cabral, 2017

Ao finalizar a escrita desse Memorial Analítico olho para a prática pedagógica brincante que guia o meu trabalho de contação de histórias junto aos bebês e percebo que ainda há muito o que fazer. Ouvindo as entrevistas dos responsáveis percebi que em alguns casos a prática de contar histórias, cantar algumas canções e até mesmo o uso de algumas formas de interagir com o bebê, ou seja, o lúdico, chegaram nos lares através do contato com os Encontros Brincantes que realizo. Seria importante expandir a reflexão sobre essa forma de lidar com os bebês, para que mais e mais famílias tenham a ludicidade em posição de destaque nas suas relações.

Pensando nesse aspecto me pergunto sobre os profissionais da educação infantil: como anda o lúdico nas formações dos educadores? A autora estadunidense Gloria Jean Watkins, mais conhecida como bell hooks, defende em seus textos a pedagogia engajada e nos diz que essa forma de educar é um tipo de educação progressiva e holística, que dá ênfase ao bem-estar e que necessita empenho e dedicação por parte de quem a realiza: “(...) *os professores devem ter o compromisso ativo com um processo de autoatualização que promova seu próprio bem-*

*estar. Só assim poderão ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos*<sup>180</sup> é preciso um esforço por parte dos educadores para que abram a escuta interna para o seu autocuidado para que então possam exercer uma pedagogia que assuma um caráter holístico. Uma pedagogia que se atente para quem está a sua frente e que não se preocupe apenas em cumprir com o conteúdo previsto, mas também com o crescimento do educando enquanto ser humano, levando em conta aspectos intelectuais, emocionais, sensoriais e espirituais. Ou seja, olhar o ser humano como um todo, de forma holística.

Ouso dizer que os Encontros Brincantes que dinamizo para bebês e crianças pequenas é uma encruzilhada entre aspectos da pedagogia engajada e os fundamentos de base da pedagogia brincante. Segundo Juliana Manhães, a pedagogia brincante tem a *“intenção de trilhar caminhos para a educação nas escolas com valores mais conectados a vida e ao cotidiano de cada estudante, educador, cada ser humano, pensando em dinâmicas para serem realizadas e multiplicadas”*.<sup>181</sup> Os Encontros têm caráter holístico, dando ênfase ao bem-estar dos pequeninos e à percepção a respeito do seu desenvolvimento em vários aspectos. Nesses Encontros eu disponibilizo materiais, mas deixo que as relações sejam criadas e estabelecidas a partir da troca que acontece naquele instante. Cada encontro é único e flui conforme o grupo presente naquele momento. Há um processo de escuta ampliada na relação que se estabelece entre todos os envolvidos: eu, no lugar de educadora, o bebê e o adulto que o acompanha. bell hooks diz que *“a maioria dos professores têm de treinar para estarem abertos em sala de aula, estarem totalmente presentes em mente, corpo e espírito”*<sup>182</sup>. Eu diria que o trabalho com os bebês, de certa forma, convida para que a pessoa esteja em seu estado de inteireza, visto que eles estão sempre atentos e presentes por inteiro. Para o trabalho fluir é preciso estarmos em sintonia, na mesma vibração de entrega ao momento presente. A intenção do trabalho é de que os bebês e as crianças cresçam alimentando a sua criatividade e o seu lado lúdico e que os adultos que participam dos Encontros como acompanhantes possam absorver essa forma de ver a educação e que discutam nas futuras instituições de ensino de seus filhos sobre a educação como prática de liberdade, guiada por pedagogias brincantes e engajadas.

No presente Memorial, ao apresentar alguns roteiros que utilizo no trabalho que desenvolvo e, junto com eles, histórias, canções e diferentes materiais para experimentações

---

<sup>180</sup> HOOKS, bell. Op. cit. Pág. 28.

<sup>181</sup> MANHÃES, Juliana. Pedagogias Brincantes: Memórias e Experiências como Fundamentos de Base. In: **Saberes-Fazeres em Danças Populares**. Salvador. Coleção: Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 8, p. 321-325, 2020. Pág. 327. Disponível em <https://tecnoblog.net/366226/como-citar-uma-revista-nas-normas-abnt-imprensa-ou-digital/> Acesso em 27 de Abril de 2021.

<sup>182</sup> HOOKS, bell. Op. cit. Pág. 36

sensorio-motoras, espero ter contribuído com quem se relaciona com bebês e crianças pequenas, seja profissionalmente ou não. Ter em mãos algumas sugestões para atuar com os pequeninos pode ser um estímulo a outras e novas formas de se relacionar com eles.

Foi um trabalho hercúleo realizar o mestrado em meio a uma pandemia mundial e durante a vigência de um contexto desfavorável à vida de uma forma geral, no qual a necropolítica parecia ser a linha-guia de assuntos importantíssimos, como a compra de vacinas para conter a COVID-19. Hoje, olhando para o processo da escrita, posso dizer que ela aconteceu nos momentos de respiro. Em importantes momentos de respiro emocional, visto que ao longo desse período as pessoas viveram um grande período de incertezas. As aulas do mestrado foram interrompidas logo na sua primeira semana, em função do vírus da Covid-19. Meses depois elas tiveram início de forma virtual. Todas as trocas com os colegas de turma e com o corpo docente aconteceram através das telas. Ao longo desses dois anos tive mergulhos nos estudos e também pausas. Algumas pausas bem longas, pois me faltava ânimo (*animus* do latim = alma). Sim, me faltava alma para dar encaminhamento. Era difícil falar de um trabalho voltado para quem está iniciando a vida em um contexto tão cinzento. As memórias me acalentavam, mas também eram doídas. Aos poucos, a partir da retomada dos trabalhos presenciais junto aos pequeninos foi que, lentamente, consegui me reconectar com o trabalho acadêmico. As entrevistas com os responsáveis aguçaram a minha memória de forma positiva e me fizeram acreditar que os Encontros Brincantes cumpriram/cumprem um papel relevante para quem participava/participa, sejam esses participantes os bebês ou os adultos.

Desejo que a leitura desse texto possa ter estimulado reflexões sobre possibilidades de se relacionar com bebês e crianças pequenas e que também tenha cutucado a criança interna de cada leitor/leitora, trazendo à tona memórias a respeito da criança que cada um e cada uma foi.

Finalizo esse texto sabendo que a Cultura da Infância é um vasto campo de estudo de ricas aprendizagens. Por aqui, eu sigo na trilha das histórias, me colocando disponível para mais e mais trocas com os pequeninos.

*Adeus, povo bom. Adeus  
Adeus que eu já vou embora  
Foi de longe que eu vim  
Eu vim pra contar histórias.*<sup>183</sup>

---

<sup>183</sup> Adaptação de música de domínio público e que utilizo para me despedir em alguns Encontros Brincantes.



## Referências Bibliográficas:

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido – Reflexões errantes sobre o pensamento do ponto de vista estético e não científico.** RJ: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores.** RJ: Civilização Brasileira, 1998.

BOAL, Augusto. **Quando nasce o bebê: O pensamento sensível e o pensamento simbólico no Teatro do Oprimido.** In: Sala Preta, [S. l.], v. 6, p. 189-195, 2006. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v6i0p189-195. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57309> Acesso em 15 junho de 2021.

**Brincar: uma linguagem do conhecimento.** Texto Publicado no site <http://acasaredonda.com.br/pagina/16> Acesso em 05 de maio de 2021.

CORREA, Bianca. **Educação na Primeira Infância: direito público x capital humano.** In: Educação contra a Barbárie. Fernando Cássio (org.). São Paulo: Boitempo, 2019.

FERNANDES, Maria Rocha. **Arriscando uma mudança de Paradigma: O coletivo CasaEscola.** 2015. Dissertação de Mestrado. – Curso de Artes Cênicas – PPGEAC/UNIRIO, Rio de Janeiro.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FERRAZ, André; QUADROS, Lídia, LOBO, Vanessa. **O Navegar da Canoa – Espetáculo para Bebês,** produzido pelo Concha de Histórias, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUAJAJARA, Sônia. **Educação Indígena: esperança de cura para tempos de enfermidade.** In: Educação contra a Barbárie. Fernando Cássio (org.). São Paulo: Boitempo, 2019.

HOLLOWAY, John. **Fissurar o capitalismo.** São Paulo: Publisher, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade.** SP: Martins Fontes, 2019

JECUPÉ, Kaká Werá. **As Fabulosas Fábulas de Iauaretê.** Ilustrações de Sawara. SP: Peirópolis, 2007.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** SP: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O Amanhã não está à venda.** SP: Companhia das Letras, 2020.

LÓPEZ, María Emilia. **Um Mundo Aberto: Cultura e Primeira Infância**. SP: Instituto Emília, 2018.

MANHÃES, Juliana. Pedagogias Brincantes: Memórias e Experiências como Fundamentos de Base. In: **Saberes-Fazeres em Danças Populares**. Salvador. Coleção: Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 8, p. 321-325, 2020. Disponível em <https://tecnoblog.net/366226/como-citar-uma-revista-nas-normas-abnt-imprensa-ou-digital/>

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOSÉ, Viviane. ROCHA, Tião. Entrevista com Tião Rocha e a experiência de Araçuaí: aprender a fazer biscoito, **A escola e os desafios contemporâneos** (Organização e apresentação). 1º ed. p. 257 – 286. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2013.

MUNDURU, Daniel. **O Sumiço da Noite**. Ilustrações Inez Martins. Coleção Crônicas Indígenas. SP: Caramelo, 2006.

PITANGA, Cris. **Yoga com Música – Músicas e posturas para relaxar e acalmar: yoga para crianças**. Ilustração: Lígia Miragaia. SP: Ominisciência, 2013.

TIRIBA, Léa. **Crianças na Natureza**. In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010. Artigo disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>

RAMOS, Eduarda. Bonecas Abayomi: o perigo de contar uma história hegemônica. **Portal Lunetas**, Publicado em 30 de agosto de 2021 Atualização: 19 de setembro de 2021 Disponível em <<https://lunetas.com.br/bonecas-abayomi/>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SIMAS, Luiz Antônio. RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SOUZA, Renata et al (org.) **UBUNTU: Negras Utopias**. Ilustrações: Senegambia. RJ: Luiza Mahin - Selo da Mandata, 2021.

VELASCO, Cristiane. **Histórias de Boca: o Conto Tradicional na Educação Infantil**. SP: Panda Books, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Psicologia da arte**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

#### Sites/Links de reportagens:

<http://www.cpcd.org.br/>

<https://lunetas.com.br/bonecas-abayomi/>

**Vídeos:**

ALIKE. Curta-metragem espanhol, disponível em <http://www.alike.es/>

AUGUSTO Boal. Vídeo publicado no canal do youtube do Instituto Boal. (22 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c-LE9kXutRw> Acesso em: 15 maio 2021.

AUGUSTO Boal e o Teatro do Oprimido. Documentário. Direção de Zelito Viana. Rio de Janeiro, 2010. (62 min.).

O Bebê Fantástico. Episódio 1 da série *O Começo da Vida*. Produção Maria Farinha Filmes. SP, 2016. Disponível em <https://www.videocamp.com/pt/movies/the-beginning-of-life-the-series-fantastic-baby>

SERIOUS Play: Stuart Brown diz que brincar é mais do que diversão – é vital. TED Califórnia, 2008. Disponível em [https://www.ted.com/talks/stuart\\_brown\\_play\\_is\\_more\\_than\\_just\\_fun?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/stuart_brown_play_is_more_than_just_fun?language=pt-br)

TARJA Branca – A Revolução que Faltava. Documentário. Direção de Cacau Rodhen. Produção Maria Farinha Filmes. SP, 2014. Disponível em <https://www.videocamp.com/pt/movies/tarja-branca>

TERREIROS do Brincar. Direção David Reeks e Renata Meirelles Produção Maria Farinha Filmes. SP, 2017. (52 min.) Disponível em [https://www.videocamp.com/pt/campaigns/quarentena-believe-terreirosdobrincar/player?special\\_id=186327](https://www.videocamp.com/pt/campaigns/quarentena-believe-terreirosdobrincar/player?special_id=186327)

**Referências dos Livros citados e que são utilizados com Bebês e Crianças:**

BARBOSA, Rogério Andrade. **Histórias Africanas para Contar e Recontar**. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 2009.

CASTANHA, Marilda. **Pula, Boi!** Texto e ilustrações: Marilda Castanha. São Paulo: Scipione, 2012.

CHERRY, Matthew A. **Amor de Cabelo**. Ilustração: Vashti Harrison; Tradução de Nina Rizzi. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2020.

COSTA, Socorro. **Vitória-Régia**. Produzido em Natal/RN (adquirido em 2015). Livro de tecido e com bordado.

EMBERLEY, Ed. **Vai embora, grande monstro verde!** Ilustração: Ed Emberley. Tradução de Gilda de Aquino. SP: Brinque-Book, 2009.

FAULKNER, Keith. **O Sapo Bocarrão**. Ilustração: Jonathan Lambert. Tradução de Heloisa Jahn. SP: Companhia das Letrinhas, 1995.

FRANÇA, Mary. FRANÇA, Eliardo. **A Bota do Bode**. Coleção Gato e Rato. São Paulo: Editora Ática, 2000.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos**. Ilustração: Juliana Barbosa Pereira. RJ: Nova Fronteira, 2020.

HETZEL, Graziela Bozano. **A Cobra e o Grilo**. Ilustração: Mariana Massarani. Coleção Insetos Insanos. RJ: Ediouro, 2004.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Ilustração: Claudius. São Paulo: Ática, 2011.

MACHADO, Ana Maria. **O Menino Poti**. Ilustração: Claudius. Coleção Mico Maneco. RJ: Salamandra, 2011

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A Bonequinha Preta**. Ilustração: Ana Raquel. Belo Horizonte: Editora Lê, 1993.

TREZZA, Rogério. **A Galinha Xadrez**. Ilustração: Rogério Trezza. SP: Brinque-Book na Mochila, 1996.

ZIGG, Ivan. ARAÚJO, Marcelo. **O Ovo**. Ilustração: Ivan Zigg e Marcelo Araújo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

## ANEXO 1 - Canções citadas na dissertação:

1. Alquinho – Vanessa Lobo, 2021.

*Alquinho, Alquinho  
Tá na hora do amigo Alquinho  
Eu coloco um pouquinho  
E esfrego, esfrego, esfrego (2x)  
Eu coloco um pouquinho  
E esfrego, esfrego, esfrego e... posso brincar.*

2. Canção para Menina Bonita do Laço de Fita – Raquel Barcelos, 2021.

*Menina do cabelo cacheado,  
Com seus olhos encantados,  
Com o sorriso de marfim.*

3. Ciranda do Abraço, composta por Mel Paranhos, 2016-2017.

*A ciranda do abraço  
É fácil de fazer  
Abra os seus braços  
que eu corro pra você*

4. Pezinho, domínio público.

*Ai bota aqui, ai bota aqui o seu pezinho  
O seu pezinho bem juntinho com o meu  
E depois não vai dizer  
Que você já me esqueceu  
Eu passei na sua casa  
o Cachorro me mordeu  
Não foi nada, não foi nada  
Quem sentiu a dor fui eu  
Furou o pneu  
E depois encheu*

5. Todos os meus dedos já sabem bailar, aprendi essa canção em um curso de pedagogia Waldorf.

*Todos os meus dedos já sabem bailar (2x)  
Cantam, dançam e vão descansar  
Prontos estão para começar.*



12. Eu entrei na Roda, domínio público.

*Ah, eu entrei na roda  
Eu entrei na roda dança  
Eu entrei na contradança  
Eu não sei dançar.*

13. Sítio do Seu Lobato, domínio público.

*Seu Lobato tinha um sítio ia ia ô  
E nesse sítio tinha um {cachorrinho}<sup>184</sup> ia ia ô  
Era {au, au, au} pra cá  
E era {au, au, au} pra lá  
Era {au, au, au} pra todo lado ia ia ô.*

14. De abóbora faz melão, domínio público.

*De abóbora faz melão de melão faz melancia (2x)  
Faz doce sinhá (2x) / Faz doce sinhá Maria  
Faz doce sinhá (2x) / Faz doce todo dia  
Quem quiser aprender a dançar vai na casa da Maricota  
Ela pula, ela dança, ela faz requebradinha.*

15. A natureza é tão bela, origem desconhecida.

*Bom dia, bom dia, bom dia  
Hoje eu estou tão feliz, tão feliz  
Bom dia, bom dia, bom dia  
Meu coração é quem diz, é quem diz  
Bom dia, bom dia, bom dia  
Vamos sorrir e cantar  
A natureza é tão bela e nos ensina a amar.*

16. Balança sem parar, domínio público.

*Balança, balança, balança sem parar  
De um lado pro outro  
Eu quero é balançar*

---

<sup>184</sup> O uso das chaves { }, nessa e nas próximas letras das canções, indica um convite para brincar com a música, inserindo novos elementos. Nesse caso o nome e o som de diferentes animais. Em outros casos podem ser os nomes das crianças presentes naquele momento, como veremos mais à frente.

17. Yapo, aprendi através de gravações do grupo Palavra Cantada.

*Yapo, ya, ya êêô  
Yapo, ya ya ê  
Yapo, ya ya Yapo  
E tuqui e tuqui Yapo  
E tuqui e tuqui iê*

18. Beijinho, composta por Débora Diniz, 2019.

*Oi. Olá. Boa tarde  
Como é bom te ver  
Agora eu vou mandar  
Um beijo pra você.*

19. Alecrim, domínio público.

*Alecrim, alecrim dourado  
Que nasceu no campo sem ser semeado  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*

*Alecrim, alecrim aos molhos  
Por causa de ti, choram os meus olhos  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*

*Alecrim, alecrim miúdo  
Que nasceu no campo, perfumando tudo  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*

*Alecrim, alecrim ao vento  
Por causa de ti, é o meu lamento  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*

*Alecrim, alecrim aos feixes  
Chorando te peço, que nunca me deixes  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*

*Alecrim, alecrim cheiroso,  
Por causa de ti, meu dia é mais formoso.  
Foi meu amor, que me disse assim  
Que a flor do campo é o alecrim.*



20. Esconde-esconde, composta por Débora Diniz, 2019.

*Esconde, esconde, esconde, cadê você?  
Esconde, esconde, esconde, quero te ver.  
Esconde o {João} para brincar  
Logo depois vou te encontrar.  
Achei!*

21. Toc, toc, toc. Composta por Cris Pitanga.

*Toc, toc, toc (2x)  
Quem está aí? (2x)  
É a Maria, como a tartaruga  
Muito calminha (2x)*

22. Parapapá, música de autoria desconhecida e aprendida na voz de Patrícia Salviano.

*Boa tarde {Vanessa}, levante as suas mãos.  
Abra um sorriso e cante essa canção  
Paraparaparaparaa papapá*

23. Cai, Cai Balão, domínio público.

*Cai, Cai Balão. Cai, Cai Balão.  
Aqui na minha mão.  
Não cai não, não cai não, não cai não.  
Cai na rua do sabão*

24. Formiguinha da roça, domínio público, recolhida por Heitor Villa-Lobos.

*Formiguinha da roça endoideceu  
Com a dor na {cabeça} que lhe deu  
Ai pobre, ai pobre formiguinha  
Bota a mão na {cabeça} e faz assim, e faz assim.*

25. Bambalalão, domínio público.

*Bambalalão, senhor capitão  
Espada na cinta e ginete na mão*

26. Boneca de Lata, composição de Bia Bedran.

*A minha boneca de lata bateu com a cabeça no chão  
Levou mais de uma hora pra fazer a arrumação  
Desamassa aqui pra ficar boa.*

27. Ciganinha, domínio público. A segunda parte foi adaptada por Vanessa Lobo.

*Ciganinha que veio da Bahia (2x)  
Para festejar a festa desse dia (2x)  
Ciganinha tem um lindo rebolado (2x)  
Blusa de renda, saia de babado (2x)*

*Ciganinho que veio da Bahia (2x)  
Para festejar a festa desse dia (2x)  
Ciganinho tem um lindo rebolado (2x)  
Blusa de linho, sapato bem pintado (2x)*

28. Boa tarde começa com alegria, conheci em um curso de Danças Circulares, ministrado por Denise Nagem.

*Boa tarde começa com alegria.  
Boa tarde começa com amor.  
O sol a brilhar, as aves a cantar:  
Boa tarde, boa tarde, boa tarde.*

29. Adaptação da música “Boi Bumbá” de Luiz Gonzaga. Letra original: “Ê boi, ê boi / Ê boi de mangangá / Quem não tem chuculatêra / Não toma café nem chá”.

*Ê boi, ê boi  
Ê boi do mangangá (2x)  
Pega essa criança  
E vem aqui brincar (2x)*

30. Olaria do Povo, domínio público. Apreendida com Ana Maria Carvalho.

*A {Vanessa} vai ter que entrar  
Na olaria do povo (2x)  
Ela desce como um vaso velho e quebrado  
Sobe como um vaso novo (2x)*

31. Como é bom te ver, domínio público.

*Oi {Vanessa} como é bom te ver  
E com alegria,  
Mando um beijo pra você.*

32. Alface já nasceu, domínio público.

*Alface já nasceu,  
A chuva quebrou um galho (2x)  
Rebola chuchu, rebola chuchu  
Rebola senão eu caio (2x)*

33. Katibiribi, domínio público

*{Vanessa}  
Katibirib{essa}  
Serramatib{essa}  
Firifirifirif {essa}*

34. Dona Mariana, domínio público. Gravada por Pereira da Viola.

*Lava lava lavadeira, lava a roupa do seu senhor  
Dona Mariana, oi Léo, Léo, Léo  
Dona Mariana, oi Léo, Léo, Léo  
Dona Mariana, oi Léo, Léo, Léo  
Dona Mariana, oi Léo, Léo, Léo  
Lava a roupa com o sol ali  
Um trouxão de roupa assim  
Uma bolinha de sabão assim  
Uma tabinha desse tamanho assim  
Lava lava lavadeira, lava a roupa do seu senhor*

35. O Trem, composição de Bia Bedran.

*Lá vai o trem, vai subindo pelo monte  
Lá vai o trem, vai subindo pelo monte  
Ele vai por aí, piuí, piuí  
Ele vai por aí, piuí, piuí  
Café com pão, bolacha, não  
Café com pão, bolacha, não  
Chique-chique, choque-choque, bota lenha, põe carvão  
Chique-chique, choque-choque, bota lenha, põe carvão*

*Lá vai o trem, vai subindo pelo monte  
Lá vai o trem, vai subindo pelo monte  
Ele vai por aí, piuí, piuí  
Ele vai por aí, piuí, piuí*

36. Capelém, domínio público. Aprendida com Ana Maria Carvalho.

*Lá vem o crocodilo  
O orangotango  
As duas serpentinhas  
A águia real  
O gato, o rato e o elefante  
Mas faltou alguém  
Só não vieram os dois Capelens*

37. Meus Dedinhos, domínio público.

*Meus dedinhos, meus dedinhos  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão*

*Polegares, polegares  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão*

*Indicadores, indicadores  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão*

*Dedos médios, dedos médios  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão*

*Anelares, anelares  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão*

*Dedos mínimos, dedos mínimos  
Onde estão? Aqui estão  
Eles se saúdam, eles se saúdam  
E se vão, e se vão*

38. Pom, pom, pom, domínio público.

*Pom, pom, pom (polegares)*  
*Quem será? (dedos mínimos)*  
*Dona Mariquinha (indicadores)*  
*Pode entrar (anelares)*  
 - *Oi Comadre (um dos dedos médios)*  
 - *Oi Compadre (o outro dedo médio)*  
*(som de beijinho e os dedos médios fazem movimentos com*  
*como se os compadres estivessem se cumprimentando)*

39. Era uma casa bem fechada, domínio público.

*Era uma casa bem fechada (2x)*  
*Abre a janela para o sol entrar (2x)*  
*Perto da casa, tem uma árvore (2x)*  
*Onde os passarinhos nela vão pousar (2x)*  
*Perto da casa, tem uma ponte (2x)*  
*E por cima dela passa gente assim*  
*E por baixo dela passa um rio assim*  
*Está trovejando, escureceu (2x)*  
*Fecho a janela porque vai chover*  
*Fecho a janela para adormecer.*

## ANEXO 2 - Relação dos Links das Entrevistas, disponíveis no Youtube

Link da Playlist:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLPWMTQZLRXDBKTDVg7OjI5Htru8pfbhvp>

QR-CODE da Playlist:



- 1- Priscila Santos - [https://www.youtube.com/watch?v=7xplxKz-\\_bg](https://www.youtube.com/watch?v=7xplxKz-_bg)
- 2- Monique Vicente - <https://youtu.be/LeJEzZyPDQY>
- 3- Karine Mussalem - <https://youtu.be/YTk-RDwXAgE>
- 4- Luciana Ferreira - <https://youtu.be/CGvk9aZI9wY>
- 5- Rita Silva - <https://youtu.be/6ecU7r1keJs>
- 6- Cristiane Ferreira - <https://youtu.be/qe-igfvlgyU>
- 7- Nasim Karimi e Mohammad Neyestani - <https://youtu.be/XMtdqGyfKss>